Matchbox Twenty • Planet Hemp • Pantera

SHOWBIZZ

EDIÇÃO 180 ANO 15 Nº 7 JULHO 2000 R$ 5,00

15 anos

Pop ganha revolução sônica no novo Skank

Engenheiros
O estranho universo de **Humberto Gessinger**

Dá para acreditar no fim dos **Smashing Pumpkins**?

Marisa Monte
Pronta para conquistar o mundo

Dave Grohl
Rock de verdade
Líder dos **Foo Fighters** revela por que seu grupo não veio ao Brasil e relembra as glórias do **Nirvana**

The Police: o legado de uma banda sem defeitos

De 6 a 9 de julho, ninguém
vai pensar em outra coisa.

Circuito Brasileiro de Surf Profissional.
Etapa Itamambuca / Ubatuba – SP, de 6 a 9 de julho

SuperSurf. Muito mais que só o maior circuito de surf do país.

SuperSurf

www.supersurf.com.br

Patrocínio

USINA DO SOM
www.usinadosom.com.br

Pickup oficial do SuperSurf

Ford

Apoio

Fiat

Acesse o site do SuperSurf e acompanhe o evento ao vivo. Assista aos sábados, a partir das 17:15 h, o programa do SuperSurf, na Band.

Editorial&Sumário

Dave Grohl (*no centro*): com ele, o rock está em boas mãos

Também fui um moleque que delirava ao saber que meus ídolos haviam feito sacanagem com alguma groupie, promovido uma baita quebradeira no quarto do hotel ou mandado o fã para aquele lugar. Não sei se, nos dias atuais, esse tipo de atitude pega bem. Artista que tiver esse comportamento hoje será no mínimo chamado de babaca. Por isso, é uma grata surpresa ler as declarações que o editor José Flávio Júnior arrancou de Dave Grohl. Nenhuma pergunta tira do sério o líder dos Foo Fighters. Nem as obrigatórias (sobre sua ex-banda), nem as chatas (sobre Courtney Love), nem as "comprometedoras" (sobre como seu grupo fez um belo disco aliviando no peso e caprichando nos refrãos). Não posso deixar de pensar que estamos diante de um paradoxo: justamente por evitar seguir o perfil do roqueiro estúpido, Grohl mantém viva a chama do rock. Os mineiros do Skank fizeram o mesmo, só que por vias musicais. Abandonaram o caminho mais óbvio para que sua música grudasse nos ouvidos, o que não significa que seu novo álbum seja desprovido de canções com potencial radiofônico. Longe disso. O quarteto apenas procurou caminhos que representassem um desafio a si próprio e, por conseqüência, aos consumidores. E ainda há muito leitor que encara o termo "pop" como se fosse um palavrão – mas isso é um papo para uma outra história.

Tchau e bênção,
Emerson Gasperin

PS.: Esta edição é dedicada a Moreira da Silva e João Nogueira, que devem estar agora rindo de muito astro metido a malandro.

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Love & Rockets – Express
Muito melhor que a banda dos ex-integrantes, o Bauhaus. Barulho pop ("It Could Be Sunshine") e a mais espantosa cover de "Ball of Confusion" (Temptations) de todos os tempos.

Cowboy Junkies – Rarities, B-Sides...
"I Saw Your Shoes", rockão cheirando a interior dos EUA, abre este disco. O resto são aquelas deliciosas folk/country songs que fizeram a moral do grupo.

Jota Quest – Oxigênio (single)
Um divisor de águas. Bem que nos disseram que o novo trabalho deles iria ser "rock'n'roll". Desde já, um clássico do cancioneiro popular.

Lynch Mob – Wicked Sensation
"Sonzeira" que fez nosso diagramador, Roberto, declarar: "Meu sonho é bater uma foto como essa aqui", apontando para o rosto dos integrantes refletido no farol de uma Harley-Davidson.

22 Um rockstar com todas as letras
Dave Grohl esclarece o motivo do cancelamento da turnê brasileira dos **Foo Fighters**, revela suas preferências musicais e fala sobre aquela banda, o ...

28 Virada à mineira
O **Skank** é o mais novo grupo a dar uma guinada revolucionária na carreira. Confira a reportagem especial de Ricardo Alexandre

36 Fim dos Abóboras?
Billy Corgan disse que o **Smashing Pumpkins** vai acabar, mas não é a primeira vez que o cara manda essa. Quem vai apostar?

40 Menos longe das capitais
Aos poucos, Humberto Gessinger afasta-se da imagem de ermitão para fazer dos **Engenheiros do Hawaii** uma banda mais amada/odiada

44 Independência é isso aí
Conheça as idéias de Ira Kaplan, mentor do alternativo **Yo La Tengo**, que acaba de ter sua discografia lançada no Brasil

46 Quem sabe não volta
As especulações sobre a volta do **Police** estão cada vez mais fortes. Que isso vá acontecer, aí é outra história, garantem os ex-integrantes

50 Ama eu
Por dentro do novo álbum (mais pop do que qualquer outra coisa) e da nova turnê da musa da MPopB, **Marisa Monte**

56 O maestro que mudou o mundinho
Ele produziu os Mutantes e usou um penico como xicara na capa do disco *Tropicália*. Afinal, quem é **Rogério Duprat**?

sempre em showbizz

12 Bizzes
Penélope esconde o jogo; a promessa de um próximo Rock In Rio, os 60 anos de Ringo Starr

60 10 Discos
Saiba o que é básico para viajar ao som do dub

64 Crítica
Planet Hemp, Deep Purple, Queens Of The Stone Age

76 Ao Vivo
Skol Beats; Matchbox Twenty em Los Angeles

82 Discoteca Básica
Cena De Cinema, de Lobão

Cartas

Frenesi na redação!

Sou presidente de dois grupos comunitários e sociais: Movimento White Metal e Grupo Jovem de São Vicente. Tenho umas 20 reuniões por semana, estou desempregado, com dívidas astronômicas, mas faço a minha parte por um mundo melhor!!! Comprei a SHOWBIZZ e vi a matéria do Napster, a do "Exército Pop", falando do Bono e, virando a página, dá-lhe Mumia Abu-Jamal! Esse cara é de uma visão imensa. É de extrema importância vocês relatarem uma coisa dessas. Também faço militância a favor de Mumia. Depois, Asian Dub Foundation. Quase pirei! De repente, vejo Max Cavalera (faço parte do fã-clube oficial). Chorei! A foto nova do grupo, então! E para fechar com chave de ouro, a lista do "Novo Peso", citando as bandas que mais curto (fora Monster Magnet, Marilyn Manson e Kid Rock). Enquanto algumas revistas metem o pau no novo metal, chamando Deftones, Korn e Coal Chamber de lixo, vocês me mandam uma matéria coesa e explicativa, sem puxar o saco de ninguém. Valeu, e parabéns pela revista!

Francis Frenezy – São Vicente, SP

Nossa edição passada provocou taquicardia no leitor

Pedro não está só

Nunca fui muito de escrever para revistas, na verdade nunca escrevi para nenhuma, mas dessa vez não me contive. O motivo é simples: o comentário muito feliz do Pedro Só sobre o novo CD da Marisa Monte. Sou completamente apaixonada pelo trabalho da Marisa, fanzaça mesmo! Tenho todos os CDs dela, inclusive o *Memórias...*, e o que tenho para dizer é que ela está melhor do que nunca. Seus outros discos não falavam tanto em amor, mas o brilho deste CD é indiscutível. Marisa está esplêndida, como sempre, o Arnaldo, então, nem precisa de comentários (tanto na parte de composições, como no trecho lido por ele em "Amor I Love You"). Sempre gostei das composições de Carlinhos Brown também, principalmente quando ele se junta com a Marisa e com o Arnaldo. É maravilhoso! Que trio!!! Outra coisa que eu não tive como não reparar é o número maior de canções compostas por ela, já que nos outros discos há poucas. Enfim, fiquei muito feliz pela SHOWBIZZ lembrar dessa cantora maravilhosa e muito mais feliz por ela estar novamente em pauta. Eu já estava com saudade!

Karina Haladjian - São Paulo, SP

Alemão na roda

Deixe-me ver se entendi: o cidadão resolve escrever uma matéria intitulada "10 Discos Para Você Entender O Tecnopop", cita o KRAFTWERK como fonte de influência em vários deles e não disseca nenhum álbum do grupo alemão. Qual é?!? Só vejo uma resposta: todo crítico deve sentir prazer em deixar uma lacuna, para que apareçam protestos como esse, a fim que ele retorne depois com sua tréplica, recheada de explicações do tipo "cabeça". Como fã do KRAFTWERK há 20 anos, tendo inclusive organizado o único fã-clube da banda que existiu no Brasil, na época da finada revista *Somtrês*, considero uma hipocrisia publicar uma matéria sobre tecnopop sem mencionar pelo menos um de seus álbuns. Não precisaria ser o clássico *Autobahn*, que na verdade não tem nada de techno, poderia ser o *Electric Cafe*, no qual, inclusive, consta a música "Technopop". Concordo com a relação do Camilo Rocha, principalmente, é claro, quando ele cita maravilhosos álbuns que possuo (Gary Numan, Human League e David Bowie), mas faltou algum exemplar dos mestres.

Eduardo Monteiro – Colatina, ES

"Acreedite" se quiser

Tchê, tudo errado. O segundo disco do Creed se chama *Human Clay* e já é quatro vezes platina nos EUA (4 milhões de cópias desde setembro). *My Own Prison* é o disco de estréia, de 1997, e, aí sim, vendeu 3 milhões. Além disso, "Higher", do segundo disco, bateu um recorde de execuções nas rádios americanas e o álbum debutou já no primeiro lugar da parada de lá graças ao sucesso de *My Own Prison*. Fora isso, nada irrita mais um grande fã do Creed (que é meu caso) do que esperar que a única revista de música decente no Brasil publique resenhas do lançamento dos discos (ambos já têm versão nacional) e não ver nada; esperar matéria(s) sobre o grupo e também não ver nada. Aí, quando publicam algo, chamam de "cópia escarrada de Pearl Jam". A voz do Stapp é realmente parecida com a do Vedder, mas Creed é BEM mais pesado do que Pearl Jam. O estilão é o mesmo, mas nem tudo que é do mesmo estilo é cópia. Mais respeito, inclusive, com a maior banda de hard rock americana na atualidade. Bom, poderia xingar mais um pouco, dada a minha mágoa, mas, em respeito à revista e aos que a fazem, não vou.

Felipe Castro – Canoas, RS

Muro dos lamentos

Pelo amor de Deus! Quem foi que escreveu a matéria sobre o Pink Floyd? Esperei ansioso por uma reportagem comemorativa dos dez anos do show em Berlim e "alguém" diz que foi um "projeto pífio", com os horrorosos Scorpions. Chega a citá-los como "trio medíocre". Ah, não! Pífio e medíocre não são eles, não, senhor escritor. Estou muito decepcionado com a revista SHOWBIZZ por publicar uma coisa dessas.

Felipe Duarte de Souza – Jacutinga, MG

Pearl Jam dissecado

Nossa, Gasperin! Que crítica bem elaborada aquela sua sobre o álbum *Binaural* do Pearl Jam, hein? O único problema, meu caro, é que, apesar de bem elaborada, sua crítica fundamenta-se na idéia falsa de que a banda em questão estaria, devido a uma suposta morte do grunge, executando tentativas fracassadas de inovação, criando sons "estranhos", chatos e arrastados, desafiando a paciência dos fãs. A verdade é que, independente do grunge estar ou não morrendo, o Pearl Jam vive o contínuo o mesmo, só que com mais criatividade do que nunca. E é essa criatividade, aliás, que faz com que a banda, alternativa por natureza, grave discos diferentes ("esquisitos", se quiser), nos quais cada música parece estourar de uma espontaneidade grandiosa. Não me venha com essa de tal single ("Nothing As It Seems", no caso) deve ser intensamente tocado só porque é do "todo-poderoso" Pearl Jam. As pessoas é que vão atrás e o grupo tem milhares de fãs. E o mais interessante de tudo talvez seja o fato de que o Pearl Jam não é, de forma alguma, a banda que cada fã quer que ela seja, é uma banda cada vez mais surpreendente, diferente e *Binaural*. Já você, Gasperin, parece-me ser daqueles caras que insistem em ser saudosistas, mesmo em relação às coisas que estão em constante mudança. Se assim for, não esqueça de comprar o próximo álbum dos Backstreet Boys, pois ele será exatamente como você espera que seja.

Thiago P. – Araguari, MG

Sem trégua

Venho por meio desta expressar a minha decepção ao ler a crítica feita ao novo álbum da Plebe Rude, *Enquanto A Trégua Não Vem - Ao Vivo*. A crítica é covarde e infundada. Os vocais da banda possuem uma originalidade que permanece exclusiva até hoje, sendo capaz de alternar duas vozes tão diferentes dentro de uma mesma música, gerando um efeito, até então, inédito (o que veio a se transformar em uma das marcas da Plebe). As letras são tão perspicazes que músicas como "Brasília" e "Proteção" correm o risco de soarem mais atuais no dia de hoje do que soavam há 15 anos. A produção de Herbert Vianna foi eficiente e garantiu toda a potência que uma banda bem entrosada como a Plebe possui ao vivo. O disco é um clássico por si só, artigo de primeira necessidade para qualquer um que tenha a pretensão de conhecer um pouco do rock nacional. Críticas irresponsáveis como essa também são responsáveis por essa "imbecialização"(*sic*) do cenário musical presente nos dias de hoje.

Rodrigo de Castro Annes – Brasília, DF

Atenção de doer

Estou escrevendo para apontar alguns erros que chegaram a doer os olhos. Na seção Bizzes da edição passada, sobre a caixinha dos Doors, está escrito que o álbum *The Soft Parade* foi lançado em 1979. Como pode ser, se Morrison morreu em 1971? Novamente, no Bizzes, na matéria sobre MP3 players, a descrição do modelo da Gradiente é ilustrada pela foto do Samsung Yepp, o Daewoo, pela foto do Gradiente e o Yepp, pela foto do Daewoo. Na matéria Metal 2000, nos exemplos de bandas de Nu-metal, vocês colocaram, para ilustrar o Deftones, uma foto do Iron Maiden! Outro erro: dar nota sete no novo disco do Belle & Sebastian.

Diogo Simões – Rio de Janeiro, RJ

Sim, Diogo, nós erramos mais do que você imagina. No mesmo matéria, dizemos que Jim Morrison morreu há quase 20 anos. O certo seria 30 anos, já que o Rei Lagarto deixou o mundo dos vivos em 1971. Só uma coisinha: o álbum a que você se refere é o Morrison Hotel, *não o* Soft Parade, *e o ano certo de lançamento é 1970. Quanto às fotos citadas, não se preocupe: o responsável pela burrada já foi devidamente punido com sessões ininterruptas de audição do novo disco do Pearl Jam.*

Correções

- No Ao Vivo da edição passada, quem assina o texto do show do Oasis (página 76) é Adriana Penna, nossa colaboradora de Nova York.
- "People Are People", do Depeche Mode, não está no álbum da banda resenhado na seção 10 Discos Para Entender O Tecnopop (página 61). A música faz parte do *Some Great Reward*, de 1984.
- A Parada SHOWBIZZ informa (!) que "Sing It Back", do Moloko, é o tema do comercial da Lucky Strike. A canção correta é "Fun For Me".

FALE COM A SHOWBIZZ

POR CARTA: **Rua São Carlos do Pinhal, 60, São Paulo, SP, CEP 01333-000**
ATENDIMENTO AO LEITOR: e-mail: **showbizz@simbolo.com.br**
Telefone: **(0xx11) 284-2422**. Fax: **(0xx11) 287-4979**
ASSINATURAS: **(0xx11) 3990-2121** (Grande São Paulo),
0800-782811 (outros estados), ou pelo e-mail: **abrilsac@abril.com.br**
RECLAMAÇÕES (sobre assinaturas): **(0xx11) 3990-2112** (Grande São Paulo),
0800-782112 (outros estados), ou pelo e-mail: **abrilsac@abril.com.br**

Editora Símbolo
Diretora-Presidente
Joana Woo

Vice-Presidente: Roberto Melo
Superintendente de Planejamento: Sandra Woo
Superintendente de Finanças: Pedro Frazão
Diretora de Circulação: Regina Bucco
Diretora de Publicidade: Dilu Freire Huth
Diretora Jurídica: Henriqueta Pezelh

SHOWBIZZ

Diretora da Divisão de Segmentadas: Luis de Castro

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Emerson Gasperin
Editor: José Flávio Júnior
Editor de Arte: Dalton Flemming
Diagramador: Roberto Morgan Lopes
Colaboradores: (TEXTO) Absonico Ricardo Smith, Alexandre Matias, Bernardo Araújo, Carlos Albuquerque, Carlos Marcelo, Celso Pucci, Daniel Oliveira, Fabiana Batistela, Fábio Bianchini, Fernando Rosa, Guilherme Hungria, Helton Ribeiro, Jô Hallack, Luciano Vianna, Marco Bezzi, Nina Lemos, Pedro Só, Raq Affonso, Renato Yada, Ricardo Alexandre, Thales de Menezes, Tominho Spessoto, Valeria Rossi (FOTOS) Daniel Oliveira, Luiz Queiroz, Marcelo Ximenez, Sérgio Carvalho (ILUSTRAÇÃO) Cobiaco (REVISÃO) Ossi Lopes

Correspondentes: Ricardo Woo e Amy Florence Hu (Nova York)
Produção Gráfica: Andréa Leverone
Símbolo Press: Ana Carolina Oliveira

PUBLICIDADE
Gerente de Publicidade: Liliane Pereira dos Santos • **Executivas de Negócios:** Fernanda Perez Costa, Rosana Garcia Mendes.
Contato Publicitário: Fabiana Zoanon. • **Gerente de Publicidade de Representantes Regionais:** Kleber Gomes • **Gerente de Publicidade (RJ):** Marta Pimentel • **Contato (RJ):** Anaide Franco • **Escritórios:** • **Rio de Janeiro:** R. Voluntários da Pátria, nº 45 - GR 401/402, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, CEP 22270-000, tel. (0xx21) 579-2330, fax (0xx21) 579-2240. **Representantes** • **Interior de SP:** FaCampos Consultoria e Assessoria S/C Ltda., R. Caramuru, 1280, cj. 106, Ribeirão Preto, SP, CEP 14030-000, tel./fax (0xx16) 635-5137 • **Brasília:** JCZ - Comunicações Ltda., SRTVS, quadra 701, bloco C, sala 330, Brasília, DF, CEP 70340-907, tel. (0xx61) 322-2034, fax (0xx61) 314-1541 • **Ceará:** A.G. Holanda Comunicação Ltda., R. Pedro Borges, 135, 10º andar, sala 1001, Fortaleza, CE, CEP 60055-110, tel. (0xx85) 253-4141, fax (0xx85) 231-4761 • **Paraná:** Yahn Representações Comerciais Ltda., R. Senador Xavier da Silva, 488, cj. 608, Curitiba, PR, CEP 80530-060, tel. (0xx41) 232-3466, fax (0xx41) 232-0737 • **Rio Grande do Sul:** Inoppo & Cia. Ltda., Av. Getúlio Vargas, 1594, 6º andar, sala 607, Porto Alegre, RS, CEP 90150-004, tels. (0xx51) 231-8183 e 233-1513, fax (0xx51) 233-1587 • **Novo Hamburgo:** Angela Blauth Representações Ltda., R. Tupinambá, 55, sala 4, Novo Hamburgo, RS, CEP 93310-220, tel. (0xx51) 582-4120, fax (0xx51) 594-4089 • **Santa Catarina:** Central de Comunicação S/C Ltda., R. Anita Garibaldi, 79, sala 701, Florianópolis, SC, CEP 88010-503, tel./fax (0xx48) 222-4355

MARKETING
Gerente de Marketing: Maria de Moraes

ADMINISTRAÇÃO
Gerente de Produção Gráfica: Fernanda Levorin

Fotolito Eletrônico: A.R. Fernandez
Impressão: Globo Cochrane Gráfica e Editora - Vinhedo
Papel: Inpacel

ANER IVC

Showbizz é uma publicação mensal da Editora Símbolo Ltda. ISSN 0104-1649. Edição 180, julho de 2000. Redação, administração, publicidade e correspondência: R. São Carlos do Pinhal, 60, Bela Vista, CEP 01333-000, São Paulo, SP, tel. (0xx11) 284-2255, fax (0xx11) 287-4979. Distribuída com exclusividade no Brasil pela DINAP S/A. Edições anteriores (mediante disponibilidade de estoque) solicite através de seu jornaleiro ao preço da última edição em banca. **Showbizz** não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

Abril

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
DIRETOR DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira
PRESIDENTE EXECUTIVO:
VICE-PRESIDENTES:

BCP
Telecomunicações

ALÔ FÁCIL. PORQUE VOCÊ NÃO É MAIS BABY.

ALÔ FÁCIL
Quanto mais fácil melhor.

Só Alô Fácil tem:

- **50% de desconto na tarifa após às 21 h , domingos e feriados nacionais, o dia todo.**
- **Olho Mágico grátis no crédito a partir de R$ 50,00.***
- **DigiMail para enviar mensagens de texto pelo celular.***
- **Bônus em ligações na recarga de R$ 30,00, R$ 50,00 e R$ 100,00.****
- **Cartão em milhares de pontos-de-venda.**
- **Aparelho Strike Info Series que troca de cor.**

Compre seu BCP. Televendas: 0800 55 7655 • www.bcp.com.br • Agentes Autorizados • Lojas BCP de Atendimento Total.

* Grátis por 1 mês na recarga de um crédito individual a partir de R$ 30,00, válido até 15/8/00. O serviço DigiMail está disponível no Strike Info Series e Nokia 6120. ** Promoção Alô Bônus, válida até 15/8/00. Desconto de segunda a sábado, das 21 às 7 h, domingos e feriados nacionais, o dia inteiro, nas chamadas VC1, VC2 VC3 para dentro e fora de São Paulo, até 15/8/00. Consulte folheto da campanha e das promoções vigentes. Consulte previamente as tarifas do Alô Fácil BCP e dos demais Planos de Serviços oferecidos pela BCP.

ShowbizzResponde

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo, SP
E-mail: showbizz@simbolo.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Dando tudo pelo L7

Quero saber o nome das integrantes do L7 e que fim levou a banda.
Daniele Oliveira Carvalho – Angra dos Reis, RJ

O L7 hoje é: Donita Sparks (guitarra e vocal), Suzi Gardner (guitarra e vocal), Janis Tanaka (baixo) e Demetra "Dee" Plakas (bateria). As quatro garotas continuam na ativa, excursionando pela América do Norte desde maio para divulgar seu mais recente disco, *Slap-Happy*, lançado em agosto do ano passado. Elas recentemente criaram um selo próprio, o Wax Tadpole Records, para lançar os trabalhos próprios ou projetos relacionados à banda. Estiveram na Europa entre março e abril, participando de festivais na Espanha e na França. Mas a passagem pelo Reino Unido, talvez, tenha sido a mais interessante. Dee Plakas iria passar uma noite com um fã, escolhido entre a platéia do show de Londres. O quarteto deu uma declaração dizendo que não está sendo mais hipócrita. "Rock'n'roll é prostituição. Queremos dar aos nossos fãs mais pelo seu dinheiro. A Inglaterra sempre nos excitou. Nos supriu com material de masturbação desde a infância, de Jack Wild a Mick Jagger", disseram elas. O que realmente aconteceu não foi divulgado.

Quem é o gringo?

Faz alguns dias, um tal de Jim Capaldi apareceu na locadora em que trabalho e levou uns filmes. Muito simpático, falava um inglês com sotaque carregadíssimo e estava com a esposa loira bonitona ao lado. Fiquei curiosa, conheço esse nome de algum lugar. Acho que já li algo sobre ele numa SHOWBIZZ antiga. Onde ele toca?
Rita Alves Santos – Rio de Janeiro, RJ

A pessoa que você atendeu, Rita, era o baterista da extinta banda inglesa Traffic, casado com uma brasileira e figura fácil no Rio desde os anos 80. Formado em 1967, o Traffic trazia ainda Steve Winwood (vocais, teclados), Dave Mason (guitarra), Chris Wood (flauta, sax) e, mais tarde, Rick Grech (baixo) e Anthony "Reebop" Kwaku Baah (percussão). O grupo foi um dos primeiros a experimentar a técnica do sintetizador e misturava vários estilos, como funk, jazz, soul, folk e blues. Considerado um dos expoentes mais criativos de sua época, o Traffic conquistou 11 discos de platina em oito anos de carreira. Jim continuou em carreira-solo depois que a banda terminou, lançando mais de dez álbuns. Seu último sucesso foi "Love Will Keep Us Alive", gravado pelos Eagles. Em 1994, a banda voltou para mais um álbum, *Far From Home*, e cinco meses de turnê pelos EUA, incluindo uma aparição no festival Woodstock II e dez shows com os colegas psicodélicos do Grateful Dead.

De olho neles!

Gostaria que a SHOWBIZZ publicasse alguma informação sobre o Third Eye Blind, discografia, qualquer coisa. Eles são demais!
Bruno Gomes de Freitas – Caruaru, PE

O primeiro sucesso do quarteto de São Francisco, "Semi-Charmed Life", estourou nas rádios americanas durante a primavera de 1997. Depois de conseguir seu diploma em Inglês pela Universidade da Califórnia, Stephan Jenkins (vocal) passou quatro anos tocando em bares locais até encontrar o baixista Arion Salazar, o guitarrista Kevin Cadogan, ex-aluno de Joe Satriani, envolvido, na época, com a cena ska-punk californiana, e o baterista Brad Hargraves. A banda só lançou dois álbuns: *Third Eye Blind* (1997), que não agradou muito a crítica americana, mas conquistou o público, vendendo cerca de 4 milhões de cópias; e *Blue*, lançado no final de 1999. Em janeiro, após uma apresentação no festival de cinema independente Sundance, o guitarrista Kevin Cadogan foi despedido e quem tomou seu lugar foi Tony Fredianelli. O grupo está finalizando a turnê *Dregons & Astronauts* e já pensa sobre futuros projetos, como uma turnê durante o verão americano, a *Red Summer Sun*, e um EP acústico, que eles pretendem gravar com participações de vários convidados.

Jenkins (de amarelo): mentor do Third Eye Blind

Ficha: TORI AMOS

A pedido dos leitores **Rubens André de Souza** (Fortaleza, CE) e **Márcia Danin dos Santos** (São Paulo, SP)

O que seria de Alanis Morissette sem a existência dela?

Importância:
Considerada uma verdadeira deusa por seus fãs, Tori traz o piano como instrumento base do seu pop e utiliza a voz para passar emoções de forma explícita. De personalidade forte, é muito mais do que uma mistura de Kate Bush e Joni Mitchell, como a imprensa americana a descreve. As composições falam sobre experiências pessoais, amores e assuntos polêmicos, de uma forma sensual, oscilando entre melodias suaves e momentos sutilmente perturbadores. Fã dos quadrinhos de Neil Gaiman (*Sandman*) e da banda de rock industrial Nine Inch Nails, ela tem seu lado obscuro camuflado pela aparência luminosa e celestial, digna de todo habitante do Olimpo.

Biografia:
Myra Ellen Amos nasceu no dia 22 de agosto de 1963, na cidade de Newton, Carolina do Norte (EUA), onde começou a aprender piano com 2 anos de idade. Aos 4, já tocava e cantava no coral da igreja que seu pai, um pastor metodista, administrava em Maryland. Em 1968, ganhou uma bolsa para estudar piano clássico em um conservatório da Universidade John Hopkins – após seis anos, foi expulsa da instituição por querer improvisar e se deixar guiar pela audição. Acompanhada do pai, começou a tocar em bares gays e nos salões de hotéis. A mãe, uma descendente de índios e ex-funcionária de loja de discos, contribuiu bastante para a formação musical da filha, apresentando-lhe bandas de pop e rock, como os Beatles e os Rolling Stones. Aos 21 anos, Miss Amos deu o primeiro passo rumo ao sucesso, mudando-se para Los Angeles e trocando seu nome, Ellen, para Tori. Em 1987, assinou com a Atlantic Records e lançou, no ano seguinte *Y Kant Tori Read*, um álbum de metal pop, verdadeiro fracasso de público e crítica. O fato mais marcante de sua vida aconteceu nessa época, quando foi quase estuprada e passou meses em profunda depressão. Assim nasceu *Little Earthquake*, seu segundo disco, cheio de motivos fálicos e com a faixa "Me And A Gun" narrando o acontecimento traumático. Ela também ajudou a fundar a R.A.I.I.N., instituição dedicada à vítimas de estupro, abuso sexual e incesto. Seu trabalho seguinte, *Under The Pink*, vendeu mais de 1 milhão de cópias falando de temas polêmicos, como patriarcado, masturbação e religião. O ano de 1997 ficou marcado por seu casamento e um aborto natural inesperado. Após o episódio, Tori dedicou-se a *From The Choirgirl Hotel*, seu último grande álbum.

Discografia:
Y Kant Tori Read (1988); *Little Earthquakes* (1991); *Crucify* (EP, 1992); *Under The Pink* (1994); *Boys For Pele* (1996); *Hey Jupiter* (EP, 1996); *From The Choirgirl Hotel* (1998); *To Venus & Back* (1999).

Bizzes

Cheias de charme

Acreditando que mulher não tem pudores quando conversa com outra mulher e confessa os maiores pecados, convocamos o trio do 02 Neurônio – Jô Hallack, Nina Lemos e Raq Affonso – para encostar a vocalista da Penélope, Érika Martins, contra a parede e extrair revelações picantes dela. Mas a garotinha amarelou e se revelou tímida e recatada...

Vida de músico na estrada é sempre assim: hordas de fãs ávidas por carne, pouco sono e uma mochila com cuecas e camisetas. Só que com as meninas isso é bem diferente. O "groupismo" entre homens não é muito divulgado, uma mochila nunca é suficiente para as necessidades femininas e uma boa noite de sono... bem, é fundamental para você acordar com a pele boa.

Que o diga as meninas da Penélope – e os meninos também: Érika Martins (vocal), Érica (baixo), Constança (teclados e flauta), Luisão (guitarra) e Mário Jorge (bateria) estão numa turnê pelo Sul do país colhendo os frutos do primeiro disco. Afinal, depois da lenga-lenga que atrasou o lançamento do primeiro CD deles, *Mi Casa, Su Casa*, e de um tímido começo, o grupo ganhou um público. É a estrada!

Um livro didático, educativo e imprescindível para se entender esses seres que sangram todo mês

E como sobreviver ao mundo do rock sem perder o glamour? Para começar, o que fazer com os modelos, as roupas, os 7 milhões de cremes? "Ah, a gente tem de levar uma mala com outra dentro. Afinal, uma só não é suficiente", diz a vocalista.

Reza a lenda que mulheres que convivem muito acabam menstruando juntas. O grupo tem até uma música sobre o tema. Para os dois guapos da banda, tudo bem. Eles suportam os momentos de TPM do trio. "Às vezes", conta Érika. "Não, eles não agüentam!", confirma mais tarde.

Nenhum problema sobre o fato das moças terem estourado justamente depois da participação de Érika Martins no megahit "A Mais Pedida", dos Raimundos, que ostentam com louvor a fama de machistas. "Achamos que as letras deles têm muito senso de humor, não é para ser levado a sério", explica ela.

E se nenhum roqueiro precisa responder sobre a relação entre o exame de próstata e sua música, com fêmeas não acontece o mesmo. Ser mulher e ter um grupo, por si só, já é assunto. Mas o rótulo de "banda de mulher" não incomoda. O que enche o saco é não ter tempo para malhar e cuidar do corpo. Será que as meninas são adeptas do Barriga Power (movimento criado pelo 02 Neurônio que permite à mulher ter barriga de chope)? "O importante é se sentir bem, estar confortável com o corpo que se tem. Uma pessoa segura é uma pessoa charmosa." OK. Essas são as penélopes charmosas.

Érika (*quarta a partir da esq.*): coleção de malas para levar todos os cremes

Ele vai tocar para ela

Edgar Scandurra resolveu declarar sua admiração pela personagem Tiazinha oferecendo-lhe uma música para seu próximo álbum. A idéia foi do próprio guitarrista, que, entre suas composições eletrônicas, achou que uma das músicas ficaria perfeita na voz de Suzana Alves. "Toda Doce" foi mostrada a Kiko Zambianchi, produtor da moça, e aprovada alguns dias depois pela própria. "Ela me ligou pessoalmente, dizendo que tinha adorado e que ficaria muito feliz em tê-la no disco", declara o orgulhoso Scandurra. Ele ainda espera poder acompanhar as gravações de perto e até participar da produção da faixa. "Sempre gostei dela e chego a associá-la a Cicciolina. Apesar de ser uma figura superpopular e, talvez, até apelativa, acho que tem um grande potencial. Só precisa saber usá-lo direito, para não cair no brega", complementa, sem se preocupar com a repercussão que a parceria pode trazer para sua imagem. Confiante na qualidade de sua composição, finaliza: "Se a Tiazinha um dia pegar aquele chicotinho e resolver bater para valer, a coisa pode ficar bem interessante".

Marcelo Kahlmeyer

Divulgação

60 anos sem estresse

Para muitos, um dos maiores bateristas da história do rock. Para outros, um baita de um rabudo. Era o coração da banda, segundo John Lennon. Tocar sem ele era como dirigir um carro com três rodas, disse George Harrison. Richard Starkey Júnior, esse é o homem. Ou melhor, Ringo Starr, que completou 60 anos no dia 7 de julho.

Ele nasceu em Liverpool, o que pode parecer uma bênção, mas na realidade é uma barra. Na época, a única oportunidade da cidade portuária era trabalhar nas docas. Aos 3 anos, foi abandonado pelo pai. Pois é, as coisas não começaram bem para o pequeno Ringo. Tinha tudo para se tornar mais um inglês tomador de cerveja.

Na juventude, sua situação melhorou. Aprendeu a tocar bateria e entrou para a banda Rory Storme And The Hurricanes. Apesar da pequena fama alcançada com o grupo, ele estava decidido a se mudar para a ensolarada Houston, no Texas (EUA), pouco antes de ser convidado para substituir o baterista Pete Best na cozinha dos Beatles. Pegou o bonde andando e ainda sentou na janela.

Com aquela cara de cachorro sem dono (e um nariz descomunal), o baterista se tornou o xodó das beatlumaníacas – até Marge Simpson se deixou seduzir por seus encantos num episódio da série. Mas a música é pouco para nosso herói. Além de instrumentista, ele atuou ainda de cantor, compositor e ator. E isso porque dizem que ele é fraco. Imagine se tivesse talento.

Atualmente, o ex-beatle está descansando da recente turnê que realizou nos Estados Unidos com a Ringo Starr & His All Starr Band. SHOWBIZZ ouviu a opinião de alguns bateristas do rock tupiniquim sobre o aniversariante.

Marcos Hermes

João Barone (Paralamas do Sucesso) – "Ringo Starr é um cara injustiçado. Tinha, e tem, o respeito dos grandes bateristas do rock. Poucos conseguem ver o seu real valor. Está certo que não era um instrumentista virtuoso, mas preencheu maravilhosamente o espaço e influenciou muitos bateristas da minha geração, inclusive eu. Espero que ainda dêem o valor que ele merece."

Vicente Mosqueira

Rodrigo Barba (Los Hermanos) – "Era um bom baterista. Acho interessante o tipo de batida que ele introduziu no rock. Mas não me influenciou quando comecei a tocar, porque quase não ouvia Beatles. Agora, ouço bem mais."

Rui Mendes

Marcelo Yuka (O Rappa) – "Apesar de nunca ter sido um grande fã de rock, os Beatles foram meus primeiros heróis. O Ringo extravazou o limite da bateria. Mais do que músico, ele fazia parte de uma idéia musical, que é muito mais importante e maior do que o instrumento."

Alex Silveira

Bacalhau (Rumbora) – "Desde pequeno ouvia falar que o baterista dos Beatles era ruim. Daí, fui crescendo, me familiarizando com o instrumento e percebi que ele era um p* baterista. As pessoas subestimavam a sua simplicidade. Tem levadas inesperadas, fora do convencional. Até hoje o Ringo me influencia."

Rui Mendes

Fred (Raimundos) – "Não me influenciou muito, mas considero um bom baterista. Econômico o preciso."

Guilherme Hungria

Clones tropicais

Dublês farão o trabalho sujo para o mundo livre S/A

Um dos princípios básicos da administração de negócios no mundo moderno é: se você não pode ou não consegue realizar algo, contrate alguém que o faça. Divida tarefas. Terceirize. No mundo da música não precisa ser diferente. Para resolver uma série de contratempos que a banda enfrenta no seu dia-a-dia, o mundo livre S/A, lançando seu novo trabalho, *Por Pouco*, recorreu a modelos para montar uma banda paralela que possa substituir os integrantes em situações constrangedoras – dublar em programas de auditório, fazer poses de popstar para fotos, gravar clipes etc.

Segundo o líder do grupo, Fred 04, esse é um novo conceito, desenvolvido no Centro de Pesquisa em Linguagem Epidêmica Mundo Livre S/A, de criação de seres de silicone, com inteligência artificial, os *silichomo digital sapiens*, que se encaixam nos padrões estéticos exigidos pela mídia brasileira hoje em dia. "Quando assisto à MTV, não sei se estou vendo músicos ou um monte de modelos cantando", explica. Para ele, está mais do que provado que a superexposição a câmeras de TV causa danos aos neurônios e modificações no ego. "A exploração da sua própria imagem na mídia é um perigo para o equilíbrio emocional do artista. A maior estupidez do Kiss ou dos Secos & Molhados foi deixar de lado as máscaras que usavam e desistir de esconder (ou proteger) sua própria identidade."

MUNDO LIVRE PROCURA

Banda do Manguebeat, injetada com próprio visual, procura jovens, dentre moreno e três homens, de 18 a 30 anos, com todos os dentes (não necessariamente originais) para compor o alter-ego da banda. A seleção será feita às 19h 30 do dia 06 de maio na R. Dr. Mário Ferraz, 414, Nove Bibi, São Paulo.

A banda alter ego do mundo livre S/A, intitulada SDS 5, é formada por três rapazes e duas garotas caracterizados dentro dos clichês videoclípicos, com certa referência às histórias em quadrinhos e aos desenhos animados. Para a seleção, cartazes (*no alto*) procurando jovens de 18 a 30 anos foram fixados em faculdades. No final, deu-se preferência a pessoas com alguma formação em teatro, pois terão de representar e decorar textos para entrevistas.

O vocalista não esconde que essa pode ser uma grande jogada para chamar a atenção de pessoas que ainda não os conhece, além de dar uma grande mão aos cinco representantes do manguebeat em épocas de agenda lotada, substituindo-os em uma entrevista aqui, um ensaio fotográfico ali. E finaliza: "Vamos continuar compondo e nos apresentando ao vivo". Ou seja, continuar fazendo o que uma banda, por definição, deve fazer: música.

Fabiana Batistela

Agora é para valer!

Nove anos depois da última edição, os preparativos para o Rock In Rio Por Um Mundo Melhor já começaram. Serão sete dias (de 12 a 14 e de 18 a 21 de janeiro), com previsão de reunir mais de 1,5 milhão de pessoas na Cidade do Rock, a mesma que sediou o Rock In Rio I, em 1985. Além do palco principal, onde subirão14 bandas internacionais e 21 nacionais (nenhum confirmado até o fechamento desta edição) a área de 250 mil metros quadrados em Jacarepaguá ainda contará com dois centros de alimentação, dois shoppings centers com 50 lojas, um *cyber space* e quatro tendas. "Percebemos que no segundo Rock In Rio, em 1991, as pessoas sentiram falta da grande festa que foi o primeiro evento na Cidade do Rock. Lá, todos conviveram em harmonia durante dez dias e foi um marco para toda aquela geração", diz o idealizador do festival, Roberto Medina. A maior novidade é a Tenda Brasil, onde novos talentos dividirão o palco com grandes ícones da música brasileira. Artistas independentes, de qualquer gênero musical, serão escolhidos para as apresentações através do festival Escalada do Rock. O regulamento está disponível no site www.rockinrio.americaonline.com.br e quem quiser pode se inscrever até dia 30 de agosto.

Vinnie Paul, Phil Anselmo, Rex Brown e Dimebag Darrell: abaixo as misturas na música pesada

Metal sem frescuras

Nada de levadas hip-hop, experimentos industriais ou efeitos sonoros exagerados. O **Pantera** mantém sua integridade musical e lança outro disco de puro heavy metal – *Reinventing The Steel*. "O álbum traz tudo que você já ouviu do Pantera, mas intensificado 100 vezes", diz o guitarrista Dimebag Darrell. "Tenho cabeça aberta, mas minhas raízes são tão ligadas às velhas bandas de metal que não consigo aturar estes grupos novos."

Ele refere-se a nomes como Limp Bizkit e Kid Rock, que misturam metal com hip-hop e adicionam barulhinhos indescritíveis em suas músicas. Para ele, rock pesado é vocal, guitarra, baixo e bateria, sem frescuras. "Há muito mais consistência nisso do que em arranhar um vinil e cantar sobre bobagens."

Destacado pela técnica de Darrell e pelo vocal intenso de Phil Anselmo, o Pantera foi crucial na sobrevivência do heavy metal nos Estados Unidos. Quando o rock alternativo começou a dominar as paradas americanas na metade dos anos 90, o quarteto texano lançou *Far Beyond Driven* – um disco pesadíssimo e completamente inacessível. O trabalho acabou entrando em primeiro lugar na parada da *Billboard* e provou às novas bandas metálicas que dá para fazer sucesso sem apoio da mídia.

Agora que o metal está novamente em alta no país, graças ao sucesso de grupos como Slipknot, Coal Chamber e Static-X, o Pantera orgulha-se ainda mais de sua força. "Vamos botar pra f* até o dia em que morrermos", promete Darrell.

Daniel Oliveira, de Los Angeles, EUA

Respeito de responsa

Além do público metal, que já comprou 8 milhões de discos do Pantera, o grupo é também respeitado pelos colegas do rock pesado:

Kerry King (Slayer): "Darrell é o melhor guitarrista do metal. É meu amigo, mas não falo isso só para puxar seu saco. Ele é o melhor mesmo."

David Ellefson (Megadeth): "De uma banda de bares, o Pantera tornou-se um grupo de arenas. Os caras merecem tudo que conseguiram."

Max Cavalera (Soulfly): "Nossa amizade é mais forte do que a música. Enquanto a garotada enlouquece e chama os caras de ídolos, somos bons amigos."

A doce vida na estrada

Se é verdade que atrás de um grande homem existe uma grande mulher, atrás de uma grande banda existe um grande roadie. São profissionais para todas as obras: levando e afinando instrumentos, montando palcos, fazendo de tudo um pouco. Porém, alguns desses carregadores de pianos (isso é literal!) e "malas" conseguem sair do canto escuro no qual são renegados e alcançam as luzes da ribalta. Confira alguns exemplos:

Guilherme Hungria

Rodolfo – O vocalista dos Raimundos começou como roadie da banda punk Filhos de Mengele. Na verdade, ele era a vergonha da profissão. Poucas vezes fez algum esforço. Estava nessa para entrar de graça nos shows, segundo Paulo Marchetti, ex-líder do grupo.

Lemmy Kilmister – De 1967 a 1968, trabalhou com Jimi Hendrix. O vocalista do Motörhead tem poucas recordações da época, graças a enormidade de LSD ingerido. "Minhas memórias são um pouco confusas", justifica-se.

Noel Gallagher – Trabalhou como roadie do Inspiral Carpets de 1988 a 1992. Fez o teste para vocalista da banda, mas acabou técnico em guitarra. Não se arrepende: "Me deu a chance de estar no meio e não me comprometer. Além do mais, trabalhar com o Inspiral Carpets me ensinou como não fazer as coisas".

Kurt Cobain – Mais um rockstar que montou muito palco. Com 14 anos, era roadie dos Melvins, antigos chapas de Aberdeen, cidade natal do ex-Nirvana. Foi por meio de Buzzo, vocalista do grupo, que Kurt conheceu Krist Novoselic e resolveu formar o que se tornaria a maior banda da década de 90.

Simples e de futuro

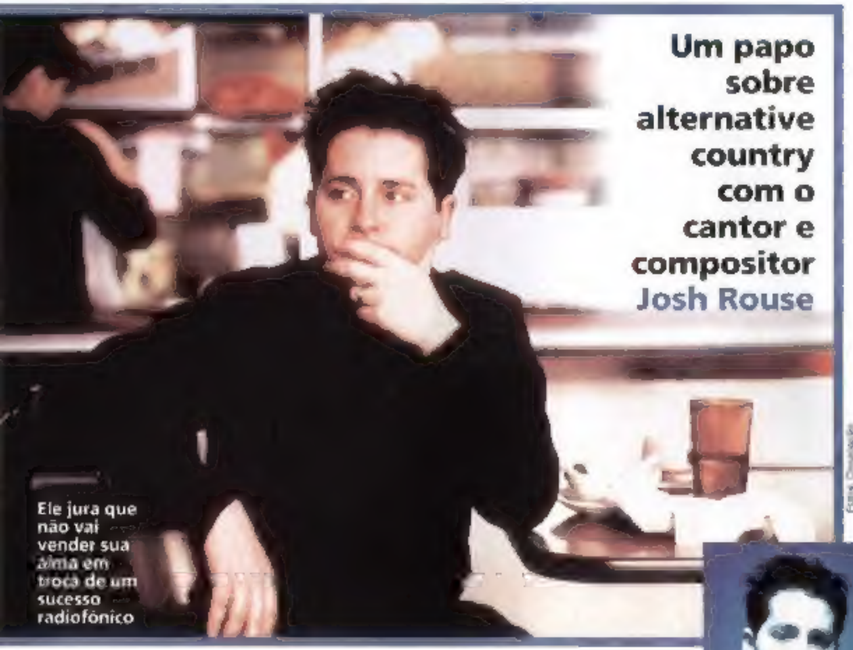


Foto: Divulgação

Um papo sobre alternative country com o cantor e compositor Josh Rouse

Quem mantém a fé no rock'n'roll de belas melodias e refrãos históricos com certeza já se ligou no alternative country, ou alt-country, termo que a imprensa musical gringa arrumou para categorizar as bandas que reverenciam os artistas do tradicional gênero americano, mas que são apreciadas pelo povo do rock alternativo. Apesar de não se sentir bem sob esse rótulo, Josh Rouse, de 28 anos, é uma das novas caras que podem fazer a coisa decolar. O rapaz de Nebraska (EUA), mas que vive na pacata Nashville, acusa não ter muita música country em sua bagagem artística, e sim pop rock dos anos 80 e folk. Só que, quando enumera as bandas favoritas e as que o influenciaram, acaba entregando: Uncle Tupelo, Wilco, Lambchop,... ou seja, a nata do alt-country americano. Agora que *Home*, seu estupendo, fantástico e maravilhoso segundo disco está sendo lançado no Brasil pela gravadora Trama, virou dever: compre! Antes de sair para ver uma performance do Stereolab, que tocaria em sua cidade dentro de poucas horas, Josh falou com SHOWBIZZ por telefone.

Como você definiria ou venderia sua música?
Acho que faço música americana. Um pop sutil e melancólico, que vem do coração da América.

E quanto ao lance do alt-country?
O fato é que nunca ouvi muita música country. Mas as pessoas podem dar o rótulo que quiserem. Eu é que não vou me rotular. O próprio Lambchop, que gosto muito, acho que não merece essa marca. Eles são mais uma banda de country-soul music. Até mais soul do que country.

Mas as bandas dos anos 80, como Smiths e Cure, você ouviu bastante.
Sim. E ainda gosto de ouvir esse tipo de som. Mantenho alguns discos aqui em casa. São músicas muito boas.

Do novo pop britânico você gosta?
Não tem muitas bandas que eu goste, não acho que as composições sejam boas. Gosto de Radiohead, mas não acho que eles possam ser considerados britpop, do primeiro do Oasis e de algumas coisas do segundo, mas a fonte criativa deles secou. As novas canções não dizem nada.

E da safra americana?
O Wilco está fazendo um bom trabalho. Jeff Tweedy é um compositor americano clássico. Também amo Vic Chesnutt, estava ouvindo um disco dele ontem.

A maioria dos artistas que você cita não é superpopular nos EUA. Qual é sua análise sobre a atual cena americana?
Acho que anda tudo bem, o caso é que essas bandas não vendem muitos discos. Estamos na faixa dos pequenos/médios artistas. Basicamente porque, agora, a indústria musical vem sendo controlada por quatro grandes corporações, que só promovem megastars. Não nos dá chance de abrir nenhum novo caminho. Me incomoda e, ao mesmo tempo, não, porque não posso fazer nada, a não ser seguir compondo a melhor música que consigo e fazendo que ela chegue ao maior número de pessoas possível. Essa é minha meta.

"Afraid To Fail", um dos destaques de *Home*, critica as FMs.
Sim, eu critico as estações de rádio atuais. Elas são más. Ainda existem poucas "não comerciais" tocando boa música, com alguma integridade. Mas eu não vou vender minha alma para ter um sucesso radiofônico.

"Marvin Gaye" é outro ponto alto do disco. Achei-a um tanto quanto enigmática. Qual é a história dela?
É uma canção sobre o que o transformou num astro tão grande. O mistério de Marvin Gaye, que teve períodos de altos e baixos, deu a volta por cima. Pronto, estraguei a música para você. Esse é o problema de se explicar uma composição: acaba com a interpretação da pessoa.

Você gostaria de tocar no Brasil?
Adoraria, se eu vender bastante discos. Até conheço um pouco de música brasileira: Astrud Gilberto, Stan Getz (*N. do E.: brasileiro?*), Antônio Carlos Jobim... Até compus uma música meio bossa nova que pretendo gravar em breve.

José Flávio Júnior

De tempos em tempos, os grandes nomes do rock sempre surpreendem seus fãs.

1981

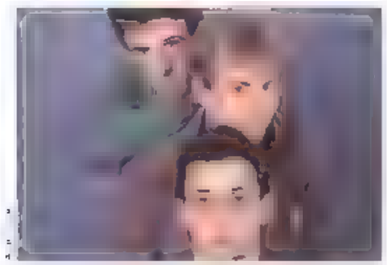
1984

1986

1988

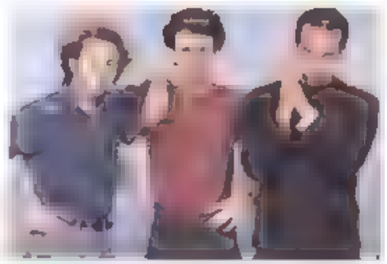
1995

1998


1983

1986

1988


1991

1996

1999

1985

1989

1991

1995

1999

Aguarde.
Vem aí uma nova
SHOWBIZZ

2000

UM ROCKSTAR EM ESTADO PERFEITO

Terra adu por anos e anos nas baquetas de uma banda de hardcore talvez explique a atitude de Dave Grohl. Do alto de seus 31 anos, o líder dos Foo Fighters exala a mesma simpatia e humildade do moleque que tocava no Scream, importante nome da cena underground americana, e foi puxar papo com João Gordo quando seu grupo abriu para o Ratos De Porão, numa biboca européia qualquer. "Ele está de dieta agora? Então vai ter de mudar de nome, porque gordo significa *fat*, não é?", surpreende-se ao saber do novo status calórico de seu rotundo colega.

Dave deixou de ser "o ex-baterista do Nirvana" há muito tempo. O seu Foo Fighters, que já começou grande, hoje desfruta um sucesso pleno após três álbuns e uma dúzia de singles. Conseguiu emplacar hits muito bons (incluindo o melhor apresentador de TV americano David Letterman, que adora a canção "Everlong") e aproxima-se cada vez mais do pop perfeito. *There Is Nothing Left To Lose*, do final de 1999, é item fundamental na prateleira de todo roqueiro que ainda quer acreditar que o estilo não faleceu – e a gravadora BMG, responsável pelo lançamento do disco no Brasil, não participou do abusivo aumento de preços que suas co-irmãs inventaram recentemente. Dá para achar *There Is Nothing...* por até R$ 16,00 em algumas lojas, inclusive virtuais.

Depois de várias mudanças na formação, que renderam a Dave a fama de "pessoa difícil", o Foo Fighters atualmente excursiona com Nate Mendel no baixo, Taylor Hawkins na bateria e Chris Shiflett na guitarra, fazendo uma incrível dobradinha com o Red Hot Chili Peppers (quem não gostaria de ver essa turnê?). E por falar em show, Dave explica, com todas as letras e pesares, por que seu grupo cancelou as apresentações brasileiras em fevereiro deste ano, e por que os ingressos apresentados à polícia provável que essa viagem se concretize.

Confesso que na minha pauta constava a pergunta "Dave, você se considera uma pessoa difícil?". Mas, depois de sorrisos, piadas e uma aula de carisma rock n'roll, achei desnecessário. Durante meia hora de papo telefônico parecia que estava batendo papo com meu melhor amigo. De Houston, estado do Texas (EUA), onde seu grupo se apresentaria dentro de uma loja de CDs à noite, falou o rockstar ideal.

Por que os shows no Brasil foram cancelados?

Estava tudo certo para a gente tocar. Antes de ir, participei de uma entrevista em que falei sobre como minha banda evita patrocínio de corporações. Então, um pouquinho antes de embarcarmos, descobrimos que nossa ida ao Brasil teria a ver com algum tipo de corporação. Decidimos que não seria bom ir nessas condições. Mesmo tendo percebido isso apenas uma semana antes dos shows, não poderíamos fazer exceção. Iria contra minha natureza. Foi uma surpresa para nós. Pensamos: "Quer saber? Vamos esperar e agendar novos shows mais para frente, em que não haja nenhum tipo de patrocínio de corporação envolvido. Que seja somente um show de rock."

Por aqui, especulou-se muito a respeito. Que a banda não veio porque iria se apresentar no programa *Late Show*, de David Letterman...

O líder dos Foo Fighters ficou chateado com o cancelamento dos shows no Brasil, mas não traiu sua ideologia

"A semana em que passei no Brasil foi uma das melhores da minha vida. Os shows rolaram totalmente insanos. Provavelmente, os mais esquisitos da carreira do Nirvana"

Todo mundo pensa que foi por causa do Letterman porque ele fez uma piada dizendo que nós havíamos abandonado a turnê sul-americana para nos apresentarmos em seu show. Foi apenas uma piada, não é verdade. Você pode ligar para nosso empresário se quiser confirmar.

Também foi dito que o pai de Chris Shifflet (guitarrista da banda) havia falecido naquela semana, que vocês precisavam gravar um videoclipe..
O pai do Chris realmente faleceu, talvez uma ou duas semanas antes das datas no Brasil. Mas eu não sei o que nos gravamos um clipe na época.

O mais recente é da música "Breakout", certo?
É, mas não me lembro quando foi que filmamos esse clipe. O pessoal recebia propostas de corporações o tempo inteiro para nos afiliarmos". Às vezes, somos requisitados a ceder músicas para longa-metragens e recusamos, se não for algo com o qual não estejamos em sintonia. Tipo o novo filme do Jim Carrey. Nós adoramos o cara. Ele é uma inspiração, um insano, um fora de si. Nesse caso, cedemos a música. Numa outra situação, uma companhia telefônica pode querer usar alguma canção nossa num comercial. E a gente não gosta disso, acha esquisito. Muitas bandas estouram um sucesso nas rádios e aproveitam para capitalizar mais, colocando a música em peças publicitárias vendendo carros, telefones. É meio que um desvio de rota para o lado de rock que liga a TV e vê sua música favorita numa propaganda. Fica parecendo que tem um monte de gente querendo ganhar dinheiro de uma vez só.

Em Belo Horizonte, uma das cidades em que o Foo Fighters tocaria, só quem fosse proprietário de um certo telefone celular que promovia o evento poderia retirar ingresso.
E esse é o verdadeiro motivo de nos não termos ido ao Brasil.

Você tem alguma lembrança da primeira vez em que esteve aqui?
Ah... Tenho muitas [illegible] relações com o Brasil. Acho que foi em 1993, com o Nirvana. Eu não tinha idéia da [illegible] dos shows. Quando cheguei, fiquei passado, nervosíssimo. [illegible] Achava que a gente tinha uma semana para passear no Rio e em São Paulo. As águas eram lindas, as praias idem, a comida era maravilhosa, as bebidas eram ótimas, as pessoas eram muito receptivas. Até as fãs eram para-quedas. Uma das melhores semanas da minha vida. Os shows rolaram totalmente insanos. Provavelmente os mais esquisitos da carreira do Nirvana. Saímos do palco dizendo "isso foi maluco pra c**", enquanto as pessoas nos diziam "não, foi genial". E a gente: "Não, foi uma merda, vocês estão loucos". É engraçado porque, ontem à noite, eu estava conversando com Chad Smith, baterista do Red Hot Chili Peppers, que tocaram com a gente no mesmo festival (*o histórico Hollywood Rock, em que Dave, Krist e Kurt não se deram se tratava de um festival bancado por uma companhia de cigarros [illegible] com a população do prédio ao lado*) e também [illegible] que tocou nessa passagem. Foi bem irresponsável na minha [illegible].

Qual é o roteiro do Foo Fighters para os próximos meses?
Continuamos [illegible] para os CHili Peppers por mais seis meses. Depois, seguimos para Hyde Park, Canadá e tocamos em festivais pela Europa. Daí vamos direto para [illegible], porque vamos mudar os preparativos para o próximo disco que vai ser [illegible] mais artesanal e acústico. A gente [illegible] nossas músicas em formatos diferentes. Entramos em estúdio para gravar novas composições. O disco vai ser uma surpresa.

Então o Brasil está fora dos planos?
Neste momento, não sei dizer exatamente o que faremos depois de setembro. Nada está definido depois disso. Só sabemos que vamos dar uma parada em setembro, porque estaremos com [illegible] um ano cheio.

Qual será a próxima música de trabalho?
No [illegible].

Essa já tocou nas rádios daqui...
P*** merda.

Vocês vão fazer um vídeo para ela?
Sei lá. A gente está conversando com o diretor sobre uma idéia para o clipe em que [illegible].

Taylor (Hawkins, baterista) estará vestido de mulher de novo.
Não, dessa vez a gente não vai se vestir de [illegible]. Vai ser [illegible] de mulher. Fica falor do "isso é uma merda, que saco". Mas depois que põe o vestido, fica todo se achando (*risos*).

Você e Taylor são ótimos atores. Estão muito bem em "Learn To Fly".
[illegible]

Quem é o melhor baterista, ele ou você?
Taylor. Sem dúvida. Juro por Deus. Ele pode até dizer que [illegible]. Mas eu sei que [illegible]. E ele sabe que é melhor que todo mundo.

Foo Fighters 2000: Nate Mendel, Chris Shifflet, Taylor Hawkins e Dave Grohl (a partir da esq.)

Sempre chegam cartas de leitores perguntando onde foi parar Pat Smear (antigo guitarrista do Foo Fighters, Nirvana, Germs...). Você sabe?
Está em Hollywood. Pat é um cara muito "na dele", à moda antiga. Toca música para si mesmo, vive à sua maneira e não [illegible] de entrevistas [illegible]. Vemos-se por um [illegible] no Nirvana, nas [illegible]. No Foo Fighters, chamamos-no [illegible] por dois anos. Depois, Pat nos [illegible]. Mas [illegible] mesmo [illegible] fazer música.

E como ele ganha dinheiro?
Sei lá. Bem [illegible] royalties [illegible] do Foo Fighters, que ele continua recebendo...

Vocês continuam amigos?
[illegible]

Alguma notícia sobre [illegible]?
estamos trabalhando na caixa de CDs do Nirvana neste momento [illegible] [illegible] esse boxset [illegible] quando realidade e ela deve sair no mês que vem. Mesmo [illegible] porque [illegible] os CDs com algumas músicas raras que estamos na caixa há duas semanas. [illegible] teve [illegible] que [illegible] 1990. Eles [illegible] eram o Nirvana [illegible] Bem [illegible] [illegible] [illegible]

"Ouço punk rock e speed metal desde os 13 anos. É fácil fazer música assim, berrando sobre o quanto você odeia o colégio. Difícil é cantar sobre o amor ou sobre a vida"

sei, faz tempo que não falo sobre isso com ele. O último projeto que teve se chamava New World Order. Ele é o baixo, Kim Thayil, do Soundgarden, na guitarra, Jello Biafra, dos Dead Kennedys, cantando, e um outro cara na bateria.

Caramba! Que bandaça.
É! Do c*! E eu ouvi as fitas. Soa como os Dead Kennedys, com Kim Thayil tocando guitarra. *Fucking cool, man!*

Você se irrita quando jornalistas insistem em te fazer perguntas sobre o Nirvana?
Não, de fato nenhum. Acho que muita gente tem medo de me perguntar sobre o assunto, por causa da tragédia que aconteceu, e falo memórias alegres do Nirvana. Nos divertimos à beça. O grande equívoco é pensar que nós estávamos deprimidos o tempo inteiro. O Nirvana também tinha um lado muito feliz que as pessoas não sacavam.

Há dez anos, você entrava no Nirvana...
Está bem perto. 23 de setembro de 1990 foi o dia.

E agora, que a década está acabando, você pode dizer com certeza que essa foi a banda mais importante dos anos 90?
Para mim, não! (*risos*) Eu estava na banda! Isso é impossível! Você dizer que é a mais bonita do mundo. A gente era só um grupo. Quando penso na maior banda da década, penso em... (*silêncio*)

Oasis?
(*risos*) Sei lá qual é, para falar a verdade. Qual foi a melhor banda dos anos 90? Não sei. Deixa para lá. Para mim, esta última década tem sido como um furacão. A gente tinha os pés no chão e curtiu a bagunça.

Se você fosse fazer um disco de regravações, qual seriam as músicas escolhidas para entrar?
Adoro a música dos anos 70 no mesmo jeito que gosto de punk rock. Amo Minor Threat, Bad Brains e Black Flag tanto quanto Carly Simon. Tenho esses lados muito extremos. Se eu pudesse, acho que regravaria "R se Above" do Black Flag, "In My Eyes", do Minor Threat, "You're So Vain", de Carly Simon, "Something I Learned Today", do Husker Du e "Show Me The Way", do Peter Frampton.

O que você tem ouvido ultimamente?
Uma garota chamada Chan Marshall, a Cat Power. São as músicas mais bonitas que já ouvi em minha vida.

Escutou o novo do Ween?
Sim, e é muito bom. É estranho (*risos*), porque agora parece que eles estão se levando mais a sério. Gostei bastante da faixa "Stroker Ace".

E como um antigo fã do Kyuss, presumo que você deva gostar de Queens Of The Stone Age.
Uhhh... Eu amo. O novo álbum, *Rated R*, é melhor que o anterior. É mais viajante, esquisito, com lances psicodélicos. Mas as partes rock'n'roll estão ainda mais pesadas. Tem mais camadas agora. É incrivelmente do c*. Cai muito bem. Uma das melhores bandas de rock do mundo. Espero que eles se tornem o maior grupo da [illegible] década.

Em que pé está sua relação com Courtney Love? Você se importa em falar sobre o assunto?
Não tenho muito o que dizer porque não me relaciono com ela. Então... (*longa pausa*) Não tenho nada para falar. E contar se você me perguntasse sobre minha relação com o presidente Clinton: não existe.

Quando se ouve um bom disco de rock, geralmente três ou quatro refrãos ficam na cabeça. Quando se ouve *There Is Nothing Left To Lose*, todas as 11 músicas grudam. Você passou muito tempo planejando fazer um álbum tão assobiável?
[illegible] um dos méritos de se fazer música é criar um gancho, que arrebata as pessoas e não sai [illegible]

Em *There Is Nothing Left To Lose*, o grupo conseguiu sair do estúdio com 11 hits em potencial

[illegible] de letras de raiva. Nesse [illegible] pra [illegible] pô, todas essas [illegible] em suas [illegible] [illegible] [illegible]

A HORA DA VIRADA

Samuel, Leio, Henrique e Haroldo: pop bem-feito, sem recorrer a truques batidos

Farto dos metais em brasa e das cópias deslavadas, o Skank entra na nova década disposto a apontar rumos diferentes para sua carreira

por Ricardo Alexandre
Fotos: Luiz Queiroz

A [illegible] Resposta [illegible] o Skank resolveu nutrir [illegible] duzir seu novo álbum *Maquinarama* com um pop rock bem ortodoxo. "Três Lados", de riffs fincados num tripé Beatles/Lulu Santos/Blur. A ideia foi boa, mas o resultado acabou no mesmo: assim como "Resposta", "Três Lados" não revela a menor pista do conteúdo do disco que está por vir. Entretanto, bem diferente do anterior, o primeiro single frustra a crítica por se tratar de um trabalho tradicional do Skank. *Maquinarama* passa longe do formato básico sugerido por "Três Lados" e explode em dezenas de direções, arranjos psicodélicos, detalhes escondidos, samplers, efeitos e timbres diversos.

[illegible] Da [illegible] que o Skank [illegible] pop é talento, não é fórmula. Afinal [illegible] pop [illegible] Marvin Gaye e Lou [illegible] Paul McCartney, Phil Spector e [illegible] melodias que grudem [illegible] de ser [illegible] de ser criativo. Você disso dando [illegible] Skank [illegible] pedais [illegible] progressões [illegible] harmonias irresistíveis e [illegible] pop perfeitas e cobrar de horas e horas de estúdio experiências sonoras e arranjos de [illegible] do [illegible] Brasileiro. *Maquinarama* é isso.

Mas também é mais importante: este é o disco que tem a missão de provar que o pop não precisa ser bocal para tocar no rádio e vender muito – e caso *Maquinarama* não consiga uma coisa ou outra, estaremos para sempre entregues à loga simpatia da indústria do disco. Por hora, conforta notar que – em tempos em que a juventude tornou-se de fato uma banda numa propaganda de refrigerantes – o Skank resiste à tentação do sucesso fácil e extremamente fácil. SHOWBIZZ esteve em Belo Horizonte para descobrir como o pop [illegible]

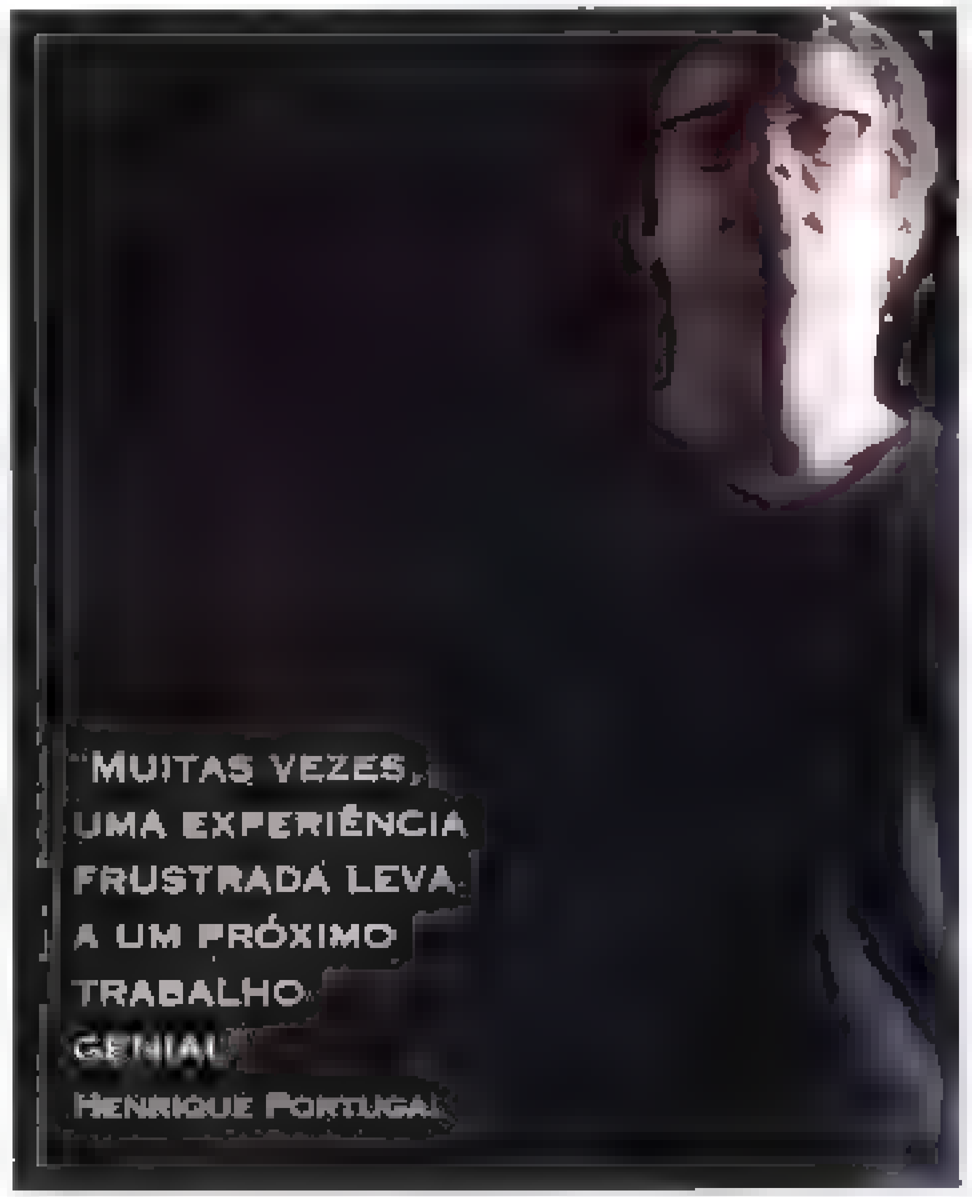
COM DEZ ANOS DE ESTRADA, O QUARTETO ESTÁ NA ENCRUZILHADA ENTRE TORNAR-SE UM "SUCESSO DOS ANOS 90" OU ESTABELECER-SE COMO UMAS DAS MAIS ESTÁVEIS E POPULARES BANDAS DO POP BRASILEIRO

O grande degrau entre o "novo" e o "velho" Skank fica ao lado da churrasqueira no quintal da casa da mãe do baterista Haroldo Ferretti. É o pequeno estúdio que ele e o tecladista Henrique Portugal montaram e onde a banda pode, calma e detalhadamente, gravar o novo álbum, sob a batuta *state-of-art* dos produtores Chico Neves e Tom Capone. O resultado alcançado em *Maquinarama* enterra de vez a imagem de banda "simpática" que o Skank nutriu desde seu início para erigir uma nova cara de [illegible] pesquisadores de sons esquisitos. Numa mesma faixa, rajadas de samplers, solos pirotécnicos de guitarras e trinados fantasmagóricos de teclados se revezam, tudo graças ao tempo gasto na pré-produção e na gravação do disco. "Pela primeira vez, gostei mais de estar em estúdio do que estar na estrada", admite o guitarrista e vocalista Samuel Rosa. "O que é um ótimo sinal."

Duas coisas saltam aos ouvidos logo na primeira audição de *Maquinarama*. Primeiro, que o disco abusa de timbres e instrumentos estranhos e arranjos bizarros. Em segundo lugar, que o disco é mais "para cima", menos introspectivo que *Siderado*.

Samuel: A atmosfera das gravações de *Maquinarama* foi uma das melhores, talvez a melhor em toda a nossa carreira. E o disco com mais cara "de banda" também. Ficamos nós quatro no estúdio na pré-produção, não teve de chamar metais, não houve participações – fora os percussionistas e o Andreas Kisser (guitarrista do Sepultura). A gente cantou mais, tocou mais, cada um participou mais na gravação do outro. Me lembro de que quando gravávamos em outros estúdios, era algo meio "ah, na semana que vem é o Henrique que grava, né? Legal porque eu vou ficar em casa" (*risos*).

Haroldo: O que fizemos foi trazer o clima de pré-produção para a produção. Misturamos tudo, dos ensaios para a gravação sem intervalos. Quando uma idéia surgia era só atravessar a porta e gravar, não precisava fazer as malas e ir para São Paulo. Isso faz diferença porque, na hora da [illegible]



mesma, o som não é o mesmo [illegible]

Samuel: Nunca é igual. Se você gravou uma vez e ficou bom, pode desistir. Você vai gravar 500 vezes e os resultados serão outros. Bons, talvez, mas, iguais ao primeiro, nunca mais.

Haroldo: A gente não sabia de nada disso no início de carreira, fomos aprendendo. Não sabíamos que o astral vale mais do que bons equipamentos. Na mixagem, em Woodstock, por exemplo, ouvimos "Água e Fogo" e decidimos aproveitar o vocal da demo, que era muito melhor.

Lelo Zanetti: Agindo assim, não corremos o risco de que duas guitarras ou duas baterias tivessem o mesmo timbre, o mesmo som em duas músicas diferentes.

Samuel: As facilidades de ter um estúdio 24 horas à disposição é algo que eu não troco mais por nada. Quando você acaba de ter uma idéia e precisa gravá-la, não pode haver um taxímetro rodando. Agora, o Henrique pode trazer todos os teclados que quiser; eu, as guitarras; o Lelo, os baixos; para podermos combinar, experimentar. Neste disco gravamos com vários instrumentos e compressores antigos, tentando sonoridades diferentes.

Haroldo: No disco eu usei uma bateria Gretsch, do início dos anos 60.

Lelo: Gravamos um (*baixo*) Fender, alteramos a velocidade da fita, gravamos a música mais rápida e voltamos o tape. No final, o som era completamente outro.

Henrique: Esta quantidade de detalhes você só consegue quando tem um estúdio à disposição.

Haroldo: A gente gosta de estar em estúdio, forçar as possibilidades. No *Siderado*, não atingimos algumas idéias que tínhamos em termos de sonoridade por dispormos de pouco tempo. Preferíamos gastar o tempo do aluguel [illegible]

Trabalhar com dois produtores, separadamente, não pressupõe um disco sem unidade?

Henrique: Trabalhamos muito na pré-produção de *Maquinarama* dentro do mesmo estúdio. Isso gerou uma unidade em termos de mesma banda, num mesmo momento.

Samuel: Na verdade, a gente começou pensando em quatro produtores (*risos*). Esse disco é meio esquizofrênico, com uma porrada de coisas, não seria condizente que tantas vertentes passassem na mão de um produtor só. Achamos que "Maquinarama" na mão do Chico (*Neves*) renderia mais e "Três Lados", com Tom (*Capone*), ficaria melhor, por exemplo. Esses caras nos ensinaram todos os macetes de gravação, que era algo que não tínhamos experimentado ainda. Posição de amplificador, microfonagem, o que a gente pode misturar ou não. Com um estúdio próprio, tivemos a oportunidade de experimentar tudo isso.

A REVOLUÇÃO MUSICAL

Depois da fria recepção de *Siderado*, o grupo começou a arquitetar seus novos caminhos musicais – processo que incluiu a gravação de um disco ao vivo, na intenção de criar um hiato maior para a concepção musical. Os quatro perceberam que a idéia seria apenas mais um registro de show entre centenas de bandas e artistas que fizeram o mesmo nos últimos anos. "Na turnê de *Siderado*, realizamos mais de 100 apresentações, sempre lotadas, pelo interior do Brasil", conta Samuel. "Nos deu muita segurança notar que o Skank já faz parte da vida das pessoas, mesmo sem estar na televisão e nas capas de revistas." Essa segurança foi fundamental para a guinada sonora de *Maquinarama*. "Esse suporte do público nos proporcionou liberdade para trilhar outros caminhos, descobrir até onde mais nós podemos ir como músicos e compositores." O Skank sabe que o novo álbum é fundamental para seu processo de amadurecimento – com dez anos de carreira, o quarteto está na encruzilhada entre tornar-se [illegible] passageiro ou estabelecer-se definitivamente como uma das mais estáveis e populares bandas da história da música pop brasileira.

Uma vez, perguntei ao Renato Russo se a Legião, na posição de maior banda do Brasil, não tinha vontade de fazer seu *Pet Sounds* ("o" disco dos Beach Boys), quebrar os padrões, mudar tudo. Ele disse que essa era sempre a intenção, só que eles nunca conseguiam concretizá-la. Vocês vêem *Maquinarama* como o disco de ruptura do Skank?

Samuel: Acho que o Renato tinha razão. A gente está sempre tentando [illegible] toda hora que consegue. [illegible] razão de um álbum existir é a necessidade de mostrar para as pessoas que não sou mais aquilo que eu era há dois ou há quatro anos – se você não tem nada a acrescentar, então é melhor que não faça um álbum. Agora, se eu mudei muito ou pouco, são as pessoas que vão dizer. Obviamente, uma mudança não implica em qualidade necessariamente, mas um álbum é sempre uma tentativa de ruptura.

Henrique: Sem contar que, muitas vezes, uma experiência frustrada leva a um próximo disco genial.

Lelo: A história vem sendo contada [illegible] um pouco de *Rubber Soul* no *Revolver* e um pouco de *Sgt. Peppers* (dos Beatles) também.

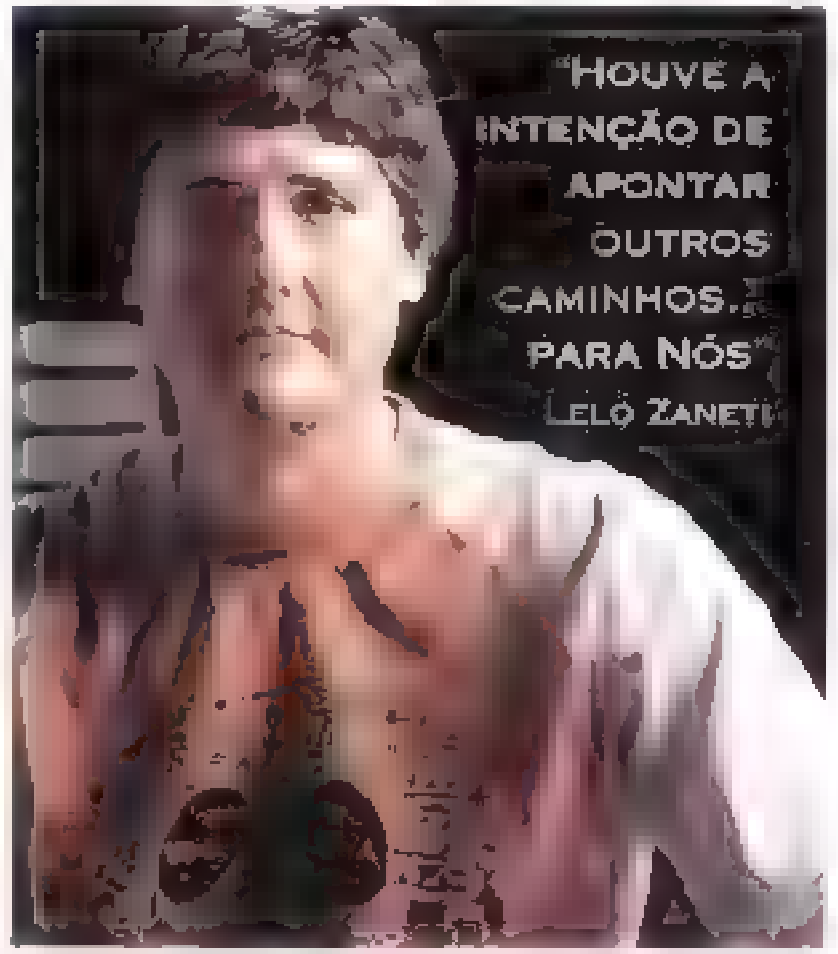
Em *Maquinarama*, as canções estão mais elaboradas. E mais inteligentes também – por conta dos temas e dos arranjos. E não por recorrer a letras de poesia concreta ou dodecafonia de mentira

Mas é meio óbvio que os Beatles sabiam que estavam dando um novo rumo para a música, assim como os Titãs sabiam que estavam elevando o pop brasileiro a um outro nível com *Ô Blésq Blom*. Neste atual estágio da música pop brasileira, bem indefinido, houve a intenção de apontar novos caminhos?

Lelo: Novos caminhos para nós? Sim.

Samuel: Seria mentiroso, neste momento, gravar um disco nos moldes dos que a gente vinha fazendo. Embora já tenham nos alertado para nosso "suicídio comercial", achamos que [illegible] anos querendo mais é buscar nossos limites, embora queiramos vender bastante e fazer muitos shows, obviamente. Eu penso na nossa carreira a longo prazo, como uma soma de fases. Por isso mesmo seria uma imaturidade enorme da nossa parte declarar guerra ao "velho Skank". Isso pareceria coisa de adolescente que [illegible] o retrato do mês passado [illegible].

Haroldo: Os metais e o [illegible] tão verdadeiros quanto o *Maquinarama*, fazem parte do todo.



Na cartilha punk tem aquela coisa de montar uma banda para fazer o que ninguém em volta esta fazendo. No meio da carreira não dá vontade de também tomar as rédeas da cena e mudar, para preencher uma lacuna?

Samuel: Acho a música um negócio mais visceral. Esse raciocínio me parece discurso de quem está montando uma tranquila "Vou trazer para minha cidade algo que ninguém esteja fazendo". Sugere uma [illegible] muitas vezes, quando você pega uma guitarra, está movido só por emoção. Você começa a tocar por causa de alguém, sempre rola um processo de identificação. Pô, tudo o que eu queria era ser igual aos Beatles. Mas aí, quando você vai tocar [illegible] o Paul McCartney, não consegue, pelo óbvio motivo de você não ser o Paul McCartney. Igual ao Skank querendo [illegible] uma banda de dancehall [illegible]. Mas o público não está nem aí para isso: "Você faz dancehall errado?" Eu nem sei o que é isso, mas gosto da sua música". Esse é o grande barato [illegible] ressaltar sua própria carga genética, naturalmente [illegible] de suas influências. O problema desses subSkanks é [illegible] justamente o lado Skank [illegible] que eles podem acrescentar ao nosso trabalho.

***Maquinarama* soa um pouco como a pá de cal sobre o "caldeirão de ritmos" que dominou a música pop brasileira nos anos 90. O Skank foi um símbolo da mistura de elementos eletrônicos com regionais desde o começo, e este disco não tem exotismo, "antropofagia" nenhuma. Vocês apostariam na especificação nesta nova década?**

Samuel: [illegible] trabalho com ele próprio. Já bastam os críticos para pensar sobre [illegible] pop brasileiro. Para a gente essa mistura de ritmos é uma coisa que esgotou, ficou cansativo, chato. Fazer "Amolação", "A Cerca" de novo, seria redundante. Agora, é fato que, quando chega alguém misturando música pop com tambor, a gente não acha tão legal como há seis anos. Por outro lado, vemos tanto DJ inglês tocando Marcos Valle, Walter Wanderley, Sergio Mendes... O Brasil já deveria ter perdido esse conflito de identidade que faz com que compor rock no país seja algo impensável, a ponto de obrigatoriamente ter de colocar elementos brasileiros. Os espanhóis, os franceses, os argentinos fazem rock com a maior naturalidade, e isso basta para que soem diferente dos americanos. Não precisa ficar insistindo em exotismo.

Outro artista que deixou o "caldeirão de ritmos" de lado e abraçou a melodia pop com sucesso foi o Raimundos. Como vocês viram esse fenômeno, já que se trata de uma banda da geração do Skank e havia pouco ainda insistia no quase-metal-de-palavrões?

Henrique: Os Raimundos estão se propondo a fazer os programas populares e [illegible] conseguiram conciliar o som que eles [illegible] com o som que a grande massa está querendo escutar.

Samuel: Também acho que passa por uma questão de opção. Houve um determinado momento em que toda banda de rock precisava [illegible] dizer [illegible] e cuspir na platéia. E quem não [illegible] fim de levar cusparada na cara? Não [illegible] de se estranhar que uma grande parcela do público pop tenha migrado para os axés da vida. E agora todos estão falando em volta do pop-rock. Eu [illegible] não vejo nenhum mérito do rock "Anna Júlia"? Legal, é uma retomada [illegible] Guarda bacana. Mas daí a dizer que há [illegible] de bandas surgindo... Eu não estou vendo isso. Não se o pop-rock está sendo mais executado, me parece ser mais por causa de um desgaste do axé, do pagode, [illegible] que por mérito dos grupos de rock.

A vida adulta

Dentro do universo pop, é difícil encontrar muitas opções entre o rock "honesto", [illegible] o rock "erudito" e chato. Quando uma banda, geralmente em crise de [illegible], tenta soar "visceral", na maioria das vezes isso implica em escatologia [illegible]. Se [illegible] "adultas", partem para parcerias com Caetano Veloso. Os Skanks resolveram [illegible] adultos e registraram tudo em *Maquinarama*. As canções soam comparativamente mais orgânicas e elaboradas que nos discos anteriores do grupo. E mais inteligentes – por conta dos temas e dos arranjos, e não por recorrer a letras de poesia concreta ou dodecafonia de mentira.

Vocês não caíram na lorota de se associar com os cânones da MPB, que é um caminho que toda banda pop de sucesso faz em determinado momento. E esse parecia ser o rumo que vocês estavam tomando, por causa de "Resposta" e dessas tabelinhas com Milton Nascimento, Lô Borges.

Samuel: [illegible]

Talento contra a banalização

SKANK
Maquinarama
Sony

Ao que parece, a exemplo daquele jornal paulista, o Skank entrou com os dois pés na guerra contra a banalização. Fizeram bem – no Brasil do ano 2000, no meio de Adrianes Galisteus, Carlas Perez, Lucianos Hucks e Carlinhos Browns, ou você traz a solução, ou assume que faz parte do problema e vira um grupo de rock coletinho, como o Jota Quest. E não há facilidades na receita em *Maquinarama*, apenas talento pop (para esculpir gemas grudentas como "Balada do Amor Inabalável", "A Última Guerra", "Ali" e "Fica", todas com mais potencial radiofônico que "Três Lados"), conhecimento de causa e inventividade. Como efeito, ao mesmo tempo em que os quatro mineiros revelam-se grandes músicos, permitindo-se até a solos de guitarras à George Harrison, loops desconcertantes e solos de tecladinhos furrecas, é fácil pescar que eles andaram ouvindo muito Beach Boys, Asian Dub Foundation, Ira!, Air, Chemical Brothers, Sergio Mendes e Walter Wanderley – sem que nada soe anacrônico ou elitista. *Maquinarama* comprova a velha máxima: fazer sucesso pop é difícil, mas ainda é mais fácil do que fazer sucesso durante vários anos, como o Skank consegue. Agora, complicado mesmo é não se acomodar com a fama, surpreender todo mundo, crescer como banda e, ainda assim, agradar a seus velhos fãs. É um trabalho ingrato, mas o Skank assumiu fazê-lo. Não fosse tão bom e empolgante musicalmente, só pela coragem, *Maquinarama* já valeria o show.

O GRUPO NEGOCIOU UM CONTRATO COM A SONY QUE PROÍBE A PRODUÇÃO DE COLETÂNEAS SEM SUA AUTORIZAÇÃO, FAIXAS-BÔNUS COM REMIX OU QUALQUER OUTRA MUTRETA QUE TRANSFORME "DISCO" EM "PRODUTO"

MPB busca o contato com o rock para se contemporaneizar. É uma troca de interesses. Mas o que aconteceu com o Skank foi tentar fazer um pouco do pop de Minas Gerais – o livro do Nelson Motta (*Noites Tropicais*) por exemplo, simplesmente ignora um dos discos mais legais da MPB, que é o *Clube Da Esquina 1*. Se O Rappa reverencia Noel Rosa e Cartola, a Mansa Monte fez o disco da Velha Guarda da Portela, se o Cra tem essa onda com Demônios da Garoa não sei o que nos diferencia deles.

Como foi que vocês receberam a censura do Milton Nascimento a Fernanda Takai, do Pato Fu, no Video Music Brasil de 1999, porque ela havia dito que não gostava de *Clube Da Esquina*?

Samuel: O que aconteceu lá foi muito simples. A Fernanda deu seu parecer sobre um disco do Milton em uma revista ele não gostou e não quis fazer nenhuma aparição com ela. Quando você se presta a criticar o trabalho de alguém, deve se preparar para qualquer reação. O criticado pode entender ou não, querer te dar uma porrada ou não. Falou, comprou.

Isso não revela um pouco do corporativismo da música brasileira, que em troca de pseudo-amabilidade destrói o que a arte tem de mais legal, que é a possibilidade de ser discutida, e com o grande legado do rock para a humanidade, que é a avacalhação, no bom sentido?

Samuel: Olha, quando um jornalista critica nosso trabalho, é difícil não imaginar que aquilo não seja uma crítica pessoal – essa sensação conforta, porque faz acreditar que a crítica é parcial e, logo, mentirosa. Agora, imagine quando um artista critica o teu trabalho... A crítica é valiosa quando parte de alguém com credibilidade, mas se ela vem misturada com outras coisas que rolam no meio musical – vaidade, ciúme, relação mal resolvida etc –, fica algo bem complicado.

Lelo: No caso da Fernanda e do Milton não houve música alguma para ser discutida.

Samuel: Quando o Lobão critica o Herbert Vianna, não fica claro para mim se ele não gosta das músicas ou da pessoa. E se ele não gosta do cara, de que vale a crítica?

MERCADO VICIADO

O fato de haver desistido de lançar seu disco ao vivo é uma prova da importância que a banda dá à administração de sua carreira. Na verdade, o Skank passou de um grupo independente para uma empresa que emprega 28 pessoas, com escritório próprio em Belo Horizonte, estúdio e ensaio... Além de ter uma banda você acaba sendo um administrador com um patrimônio que é a tua música", explica Samuel. Zelando por este patrimônio, o grupo negociou um contrato com a Sony que proíbe a produção de coletâneas sem sua autorização, faixas-bônus com remix em seus discos e qualquer outra mutreta que transforma "disco" em "produto". Há pouco, desistiram de um de seus projetos mais ambiciosos: a criação de um selo para não compartilhar com gravadoras – mas continuam de olho vivo no mercado fonográfico.

O Skank é uma das últimas bandas de respeito em uma gravadora multinacional que realizam álbuns, e não projetos de marketing. Como vocês se sentem no meio desse novo cenário, com gente botando música na internet ou vendendo disco em banca de jornal?

Henrique: A gente só existe porque tá em um selo pequeno, com direção artística própria, dentro de uma grande gravadora (a Chaos na Sony). Até hoje, fazemos questão de permanecer dentro deste selo.

Samuel: Depois de vender 4 milhões de cópias, é muito difícil que algum diretor queira meter o dedo no nosso nariz e nos dizer o que fazer. Quando vejo essas bandas se queixando de que foram levadas para caminhos que as prejudicaram, tenho a sensação de que elas próprias não estavam muito convictas do que queriam. Tudo tem a contrapartida do artista. É fácil depois que dá errado, culpar a gravadora.

Haroldo: Queríamos que esse novo disco fosse ao vivo, e eles compraram a idéia. Você muda sua opinião e eles compraram a idéia de novo (*risos*). A gente sempre procurou negociar, para usar a estrutura da Sony em nosso favor. Estamos aprendendo a dominar esse outro lado, e estamos indo bem.

Fica claro que o artista, hoje, também precisa entender do business que envolve a música.

Samuel: Tem gente que não se dispõe a sentar numa mesa e discutir algo que não seja música. Entendo perfeitamente: nem sei como é que temos saco para isso. Mas banda é que nem filho: pós no mundo tem de cuidar.

Haroldo: E se você não cuidar, ninguém cuida. Por no colo só a mamãe.

Voês fariam campanha antipirataria?

Samuel: Não vejo por que o disco brasileiro não o numerado com ordem como o Lobão). Alguns dos direitos dos nossos contratos são vinculados a patamares de venda e quem lucra com isso são os músicos e a gravadora. Então, ser solidário com a loteria de circo, mas quem ganha o dinheiro é teu parceiro. Essa proximação com a pirataria é tardia, porque, de uma praga a um problema enorme. No início desse século, testávamos nossa popularidade, comparando nossos discos com os piratas nas paradas de sucesso.

Haroldo: Existem dois interessados na venda dos discos do Skank. Quem ganha mais é a Sony, depois o governo e depois a gente, que leva menos entre os três. Antes de lutarmos contra a pirataria, os que lucram mais é que deveriam se revoltar.

Henrique: A verdade é que o mercado (*fonográfico*) está sofrendo de sua própria estrutura viciada.

Samuel: Perueiros, rádios comunitárias e discos piratas: por que da existência deles? Porque os meios oficiais são incompetentes, fazem malfeito. Aí, no lugar de tentar melhorar seu próprio produto, as corporações tentam coibir, proibir. O resumo da história é assim: quem é o responsável fez de uma forma incompetente e errada, abriu uma lacuna enorme e os outros fizeram melhor (*todos concordam efusivos*). E isso.

Haroldo: Produto de qualidade com um preço inferior? Corre atrás: isso é o que eles mais pregam, o capitalismo.

O RISCO COMPENSA?

Alguns nomes do pop que deram uma guinada em suas carreiras:

Artista	O que os consagrou	Como foi que...	O que aconteceu
Beach Boys	Criaram o "som da Califórnia", melodias ensolaradas e vocais harmoniosos sobre carros, praias, garotas.	No final de 1965, Brian Wilson – o vocalista, baixista, compositor e produtor da banda – abandonou as apresentações ao vivo, trancou-se no estúdio, entupiu-se de drogas e passou a conceber músicas de delicadas harmonias, arranjos de tirar o fôlego com temas sobre medos, incertezas e paranóias	*Pet Sounds*, considerado um dos melhores discos de todos os tempos, que assustou os fãs e foi um fracasso de vendas nos Estados Unidos. Brian enlouqueceu e o grupo nunca mais alcançou sucesso como o dos primeiros anos.
Beatles	Inventaram o pop como o conhecemos hoje. Turnês mundiais, cabelos compridos, sorrisos angelicais, melodias tiro e queda, simpatia e esperteza.	Em 1967, conheceram o LSD e viraram chapas de malucos como os Byrds, Bob Dylan e Frank Zappa. Abandonaram os shows ao vivo e começaram a experimentar com todo tipo de som (ragga indiano, vaudeville, música circense, folk psicodélico etc) e instrumentos (sintetizadores, distorcedores, cítaras) que cruzassem seus caminhos	Fizeram *Sgt. Peppers*, um dos 50 discos mais vendidos de todos os tempos, símbolo máximo do movimento hippie e primeiro álbum pop a ser levado a sério por compositores e críticos de música erudita.
Roberto Carlos	O iê-iê-iê, uma mistura de pop italiano com melodias tipo Beatles e letras estilo Beach Boys. Foi o primeiro ídolo "jovem" do Brasil e o primeiro fruto pop da televisão	Em 1968, Roberto foi o primeiro estrangeiro a ganhar o festival de San Remo na Europa, de onde voltou ostentando um bigode e roupas psicodélicas compradas na butique Apple de Londres. Casou-se com uma mulher divorciada (escândalo na época), abandonou a apresentação do programa *Jovem Guarda* e passou a apresentar um outro, *RC-68*, à noite, com orquestra, para adultos	Roberto passou a flertar com a MPB e com a soul music e, mais adiante, com a música romântica e adulta. A metamorfose se consolidaria em 1972, quando lançou o clássico "Detalhes", uma balada de violão à la Dolores Duran
Mutantes	Eram os artistas mais anárquicos e bem humorados dentro do grupo de literatos tropicalistas.	Em 1973, demitiram Rita Lee, a imagem pop da banda, e enveredaram de vez para o rock progressivo, sob o comando de Arnaldo Baptista.	O disco progressivo do grupo, *O A E O Z*, foi recusado pela gravadora. Arnaldo, fragilizado emocionalmente, abandonou a banda logo depois, e os Mutantes passaram a trilhar o circuito roqueiro brasileiro dos anos 70, com pouco público, pouco dinheiro e pouco prestígio
U2	Rock pós-punk com refrões apoteóticos, letras de cunho sociopolítico e imagem de roqueiros santos e honestos.	Após uma fase de consagração nos Estados Unidos, a banda ressurgiu cheia de influências da indie-dance music britânica, guitarras barulhentas e uma imagem irônica e cínica, que permitiu que Bono desse entrevistas bêbado ou que Adam Clayton posasse nu para a capa de seu disco *Achtung Baby*, de 1991	O U2 conseguiu se estabelecer como a maior banda dos anos 90, engatando em megaturnês milionárias como a *Zoo TV* e a *PopMart*. *Achtung Baby*, o disco de ruptura, é até hoje o trabalho mais vendido do grupo.
Faith No More	O chamado funk-metal californiano, numa versão em que entravam teclados progressivos, vocais hip-hop e visual skatista. Hits levanta-estádio como "Epic" e "Edge of The World" e um vocalista sarado, Mike Patton.	No meio da consagração mundial, o grupo resolveu radicalizar seus experimentos. O que a banda tinha de pesado, tornou-se excêntrico e mórbido; o que tinha de pop, rendeu bizarrices como a versão de "Easy", dos Commodores. Nenhuma canção obedecia a estrutura muito definida, tudo era estranho e incômodo.	*Angel Dust* não rendeu nenhum hit, o guitarrista Jim Martin, metaleiro radical, deixou o grupo, e o sucesso nunca mais bateu à porta do Faith no More. O disco influenciaria toda a cena de alternative-metal do final dos anos 90, mas a banda já havia encerrado atividades, em 1998.

O sonho (ainda) não acabou

O fim do Smashing Pumpkins não significa que o mundo do rock vá perder a criatividade e o poder das canções de um dos maiores grupos da década de 90. Os altos e baixos da carreira do quarteto de Chicago deixam o fã com uma certeza: o líder Billy Corgan não vai abandonar a música tão cedo

por Abonico R. Smith

Jimmy, Melissa, Iha e Corgan: será esse o último time a colher aboboras?

Andy Sochen/Divulgação

Todo banda que se preze precisa ter um momento de ruptura e um de estado. Caso este prazo de validade não seja respeitado, corre-se o grave risco de cair na repetição – como bem ilustrada por nomes como Kiss, que se tornou uma autoparódia, e Nirvana, Pixies, Smiths. E só haverá uma rápida *transistorização* para ver se alguma das últimas novidades bandas do Lollapalooza sobrevive a longo prazo e para ver se o grunge ainda bate forte no coração dos fãs.

Os Smashing Pumpkins estão nesse time? Se sim, este é o grupo de baixas? Talvez. Depois do ótimo *Machina/The Machines of God* e quanto ainda é cedo para se falar em pequeno atraso acaba se tornando passível de perdão, Billy Corgan, o líder, se encontra numa encruzilhada que

a gente já esperava. Os Pumpkins estão prestes a lançar o seu último compromisso com os anos 90 e encerrar a década pela Virgin nos Estados Unidos e shows pelo Lollapalooza. Mas é possível estar dentro para tentar ir além? Ou pode-se ficar para trás? Nos últimos dias de março, o cantor e guitarrista Billy Corgan foi entrevistado ao vivo pela rádio KROQ-FM de Los Angeles que, ao lado de Corgan, celebrava os 10 anos de carreira de sua banda e preparava o lançamento do novo CD. Sinto como se um assessor de imprensa estivesse ao lado de Corgan. De tempos em tempos, ele dava uma olhada em um papel e lia algo do *MACHINA/The Machines of God*, o quinto álbum de estúdio do grupo, que ainda não havia sido lançado. Ninguém sabia que este seria o último disco gravado pela banda.

Durante a entrevista, o cantor disse que o título do novo CD era uma referência a Deus, que ele não acreditava em Deus, mas que também não era ateu. Ele também disse que o disco era uma crítica à indústria fonográfica

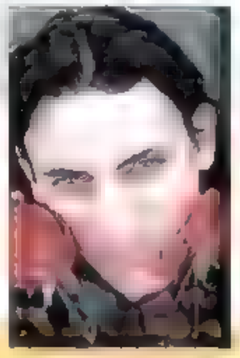
O comportamento intolerante do vocalista chegou ao extremo depois de *Adore*

Entretanto nem tudo era motivo para tristeza. O próprio Billy Corgan alertou no fim de 1995, na época do lançamento do duplo e multipremiado *Mellon Collie And The Infinite Sadness*, que o álbum significava o fim do Smashing Pumpkins que todo mundo já estava habituado a ouvir. O novo caminho não apontou apenas para uma sonoridade mais [illegible] trabalhada, longe da crueza e da pancadaria de até então. Conscientemente ou não, o fato é que Corgan parecia estar prevendo o turbilhão de confusões do qual a banda nunca mais conseguiria sair. Tudo a partir do ano seguinte. Houve a morte por overdose do tecladista convidado Jonathan Melvoin e a [illegible] expulsão do baterista Jimmy Chamberlin, pisoteamento de fãs, brigas internas com empresários, farpas públicas dirigidas a outros artistas e até tentativas [illegible] nos bastidores [illegible].

SUPERESTRELISMO

Existe ainda um outro motivo para não se abalar com a notícia da separação – e que sempre esteve presente na banda desde o seu início. Fatos

Pumpkins que não pegou carona [illegible] Courtney Love sabe muito bem que Billy Corgan tocava o barco praticamente sozinho. [illegible] gravações do segundo [illegible] *Siamese Dream* (de 1993), eram fortes os boatos de que Corgan descartara [illegible] companheiros James Iha e D'Arcy e tinha gravado sozinho quase todas as linhas de guitarra e baixo. E aos poucos o vocalista, que já monopolizava as atenções nas entrevistas, foi tomando a frente do grupo. Chegou a assinar – com a paciência da namorada – a fotografia [illegible] Yelena Yemchuk [illegible] nos clipes e [illegible] videoclipes. E fez com que os álbuns da banda ficassem cada vez mais com a sua cara, tudo em nome de um [illegible] pensável refinamento (o que mais explicaria as barroquices dos [illegible] artes e a desnecessária maquiagem?)



[illegible] concentrado [illegible] Corgan teve seus companheiros [illegible] procuraram novos caminhos fora do [illegible] sonho [illegible] líder". [illegible] grave seu primeiro disco solo, *Lá Ilha Down*, vaselha [illegible] do influ[illegible] pra

[illegible] todas do country, folk e rock dos anos 70. O guitarrista ainda montou com D'Arcy um [illegible] se *indie* que não foi muito para a frente. A baixista, por sua vez, [illegible] pouca fez questão [illegible] [illegible] [illegible]

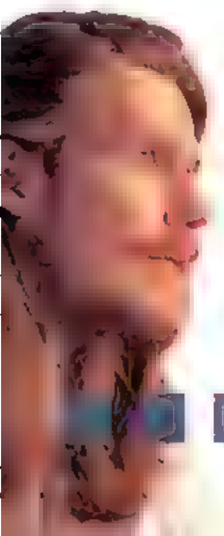
Entre o rosto...

O melhor esconderijo e a maior escuridão já não servem de abrigo para [redacted]. O líder dos Engenheiros do Hawaii larga mão de ficar sozinho só para continuar na contramão

por Fabio Bianchini
Ilustração: Cobiaco

Quanto menos se espera, o que seria já era. Estava [illegible] cada vez mais fácil gostar dos Engenheiros do Hawaii. As atitudes do baixista, vocalista, letrista e líder Humberto Gessinger passaram por uma reavaliação. O que antes era arrogância e idiossincrasia começou a ser chamado de autonomia e coerência. Os fãs quase já podiam declarar sua paixão em público a salvo de zombarias. Até a crítica musical, essa entidade misteriosa tão cheia de caprichos, mostrava-se cada vez mais simpática, se não à música, pelo menos ao distanciamento que Humberto sempre manteve dos medalhões da MPB. Todo mundo estava revendo o que nunca foi visto. A paixão pela Jovem Guarda, que pegava tão mal quando eles regravaram Incríveis e chamaram os Golden Boys para cantar o refrão de "O Papa É Pop", virou demonstração inequívoca de bom gosto, a eternidade da semana. Mas o céu é só uma promessa.

No exato momento em que ameaçavam se tornarem cool, os Engenheiros chutaram o balde, primeiro gravaram "Negro Amor", versão de Caetano Veloso e Péricles Cavalcanti para "It's All Over Now Baby Blue" de Bob Dylan, em *Tchau Radar!*. Agora, em *10.000 Destinos*, terceiro disco ao vivo da banda, foram além. Das quatro faixas gravadas em estúdio, duas



Quando vivia e morria na cidade, ele não tinha nada, nada a temer, mas tinha medo, medo dessa estrada

...e o retrato

são covers: "Quando O Carnaval Chegar", de Chico Buarque e "Rádio Pirata", do RPM, com participação de Paulo Ricardo no vocal. Aperto de mãos, apenas bons amigos? Paulo Ricardo já encomendou uma música a Gessinger. "Talvez o isolamento tenha suavizado. As pessoas me tratam muito melhor agora, já sabem qual é a minha. Muita gente tem uma imagem antipática minha, mas deriva da do jeito como eu sou mesmo. Não tenho refinamento social, é uma coisa que nunca me ensinaram. [illegible] bom dia, que hoje sei que é uma arte dar a mão. Sou um cara meio recluso, não saio de casa", diz o líder da banda.

O POP NÃO POUPA NINGUÉM

Quando vivia e morria na cidade, ele não tinha nada, nada a temer, mas tinha medo, medo dessa estrada. "Sou a pessoa menos indicada para ter uma banda e levar a vida que eu levo. Odeio viajar, por exemplo", conta. Olhe só, veja você: é curioso que a ligação com a MPB aproxime os Engenheiros dos colegas de geração. Desde os primórdios, ainda no Rio Grande do Sul, eles tinham problemas com os outros grupos locais, principalmente o De Falla e os Replicantes, porque não se deixaram julgar por tribos & tribunais e foram sinceros como não se pode ser." São raros os artistas machos o suficiente para começar já falando quem são as influências. Quando a gente pintou, era moda falar mal dos caras da MPG (*Música Popular Gaúcha*) dos anos 70 e éramos meio marginalizados por elogiar dos caras e convidá-los para tocar conosco. Depois, com o tempo, tu vês que todo mundo era companheiro. É normal [illegible] e depois cai na real", ensina.

> "Não tenho refinamento social, é uma coisa que nunca me ensinaram. Sou um cara meio recluso, não saio de casa"

Outro diferencial da obra de Gessinger continua firme [illegible] a relação quase lúdica com as possibilidades do idioma. Versos como "traço de audiência [illegible] todas [illegible] sentimento que era passageiro [illegible] acaba mais" entram [illegible] na galeria de pérolas como "a verdade a ver a cidade", "o pop não poupa ninguém" e "paralelas que se encontram em Belém do Pará". O engenheiro-chefe sabe como é difícil encontrar a palavra certa, a hora certa de voltar. "Tem um certo formalismo do qual me acusam e que sou o maior fã. É uma coisa quase proibida na música pop, que tem mais a sinceridade ridícula, direta. Estou namorando fulana, tem de fazer uma música dedicada à fulana. Estou triste, tem de fazer uma música triste. O que é uma grande bobagem: a criação não é tão linear assim. Não precisa haver Ana nenhuma para uma música chamada 'Ana'. É meio revista *Caras*, 'onde tu passaste o fim de semana?', querem essa realidade direta que é boba. Tem umas coisas que tu escreves só pela forma, a [illegible] inevitável. Nem tudo pode ser muito panfleto. Agora, o mundo pop é completamente panfletário. Não panfletário de esquerda ou de reivindicação, é panfletário de revista *Caras*."

Quem quiser remar contra a maré precisa remar muito mais forte, mas Gessinger já não esquenta a cabeça. "Há um grau de autoboicote [illegible] armadilhas que a gente se põe desde o início. Quando estávamos gravando 'Terra de Gigantes', o (*produtor*) Michael Sullivan, que também se encontrava no estúdio gravando do outro lado, ouviu a música e disse 'se botar bateria, isso vai ser um hit'. Aí a gente botou a bateria que entra e sai e não colocou a letra [illegible] parte. Talvez seja um [illegible] medo de crescer [illegible] história, sua trajetória não precisa de explicação.

EMPOLGAÇÃO COM A INTERNET

A sorte de Gessinger é que ele hoje não tem necessidade de sair de casa para se comunicar com o planeta. Para quem sempre quis viver no velho mundo, na velha forma de viver, se mostra bastante entu[illegible] [illegible] pela internet, [illegible] Engenheiros do Hawaii [illegible] diferente do logotipo, ficava p* [illegible] No [illegible] da parece campeonato de futebol de botão, tudo é importante. Depois tu meio que relaxas e aprendes a [illegible] ter domínio sobre a própria imagem, ficas numa situação aparentemente passiva, mas que é a verdadeira razão, começas a se preocupar com as coisas que tem de fazer direito mesmo e perdes aquela coisa infantil de cercar tudo. O barato da tecnologia não é ter um site oficial da banda para fazer propaganda do disco e entulhar as caixas de correspondência de todo mundo com anúncio do teu show de merda. A grande jogada é a página não-oficial. A tecnologia vem não para mim [illegible] Gessinger, impor meu logo sobre os outros, vem para cada um [illegible] marca dos Engenheiros do Hawaii [illegible] a banda da maneira que quiser. A vida é [illegible] Viver não é preciso e nem sempre faz sentido.

> "No começo, banda parece campeonato de futebol de botão: tudo é importante. Depois, tu relaxas"

Para o líder dos Engenheiros, a grande jogada é página não-oficial do grupo na rede

Perto do fã, longe da mídia

Ser fã dos Engenheiros do Hawaii pode ser perigoso para a imagem pública da pessoa, mas tem lá suas compensações. O contato permanente com o ídolo, por exemplo. "Eu tenho um chat mensal na página. É engraçado, a gente brinca que é como cristão nas catacumbas no começo do cristianismo, porque tu mobilizas um monte de gente, mas são coisas que nem arranham os grandes meios de comunicação. Cara que é fã dos Engenheiros se sente meio dono da banda por isso, por causa do preconceito que tem. Aí, quando rola um lance legal para nós, todo mundo vibra como se fosse com eles. E é legal porque hoje a gente pode chegar mais próximo sem passar pela mídia mainstream, que tem a tendência de ser muito lenta e muito burra", explica Gessinger. O vocalista reconhece, entretanto, que ninguém é igual a ninguém nem entre o público da banda, mas garante que há espaço para todos, há um imenso vazio. "Existe fã que conhece todas as sílabas do teu trabalho, fã que só vai te ver no *Faustão* e isso não quer dizer que um seja melhor que o outro. Quando tu lanças um disco por ano, é como uma novela, sai um capítulo e todo mundo vai acompanhando, mas agora tem uma molecada que vai na loja de discos pela primeira vez, já tem dez discos dos Engenheiros, eles vêem como um filme. O fã que eu mais gosto de imaginar é o empacotador de caixa de supermercado. Trabalha o dia inteiro para ganhar uma merreca, estuda de noite e gasta não sei quantos reais num disco dos Engenheiros para sonhar um pouquinho. E se às vezes eu tenho orgulho de alguma coisa da banda é que um moleque desses tenha comprado um disco dos Engenheiros. Isso para mim é a consagração."

Detalhe do encarte do disco ao vivo

ENGENHEIROS DO HAWAII
10 000 Destinos ⑥
Universal

Desde 1989, quando lançaram *Alívio Imediato*, os Engenheiros do Hawaii mantêm o ritmo de um disco ao vivo para cada três de estúdio, então não dá para dizer que *10 000 Destinos* seja oportunismo. Mas não dá para dizer que *10 000 Destinos* seja oportuno. A principal razão é a superioridade das músicas inéditas sobre os novos arranjos dos antigos sucessos. Certo, a decisão de evitar regravações que tentem emular os discos e formações anteriores – as que ficaram mais fiéis às originais são as músicas mais recentes – é louvável. O problema é que a parte ao vivo tem os maiores defeitos desse formato: versões pioradas sem detalhes importantes dos arranjos de estúdio ou funkinhos aguados. Há a terceira via: arranjos acústicos com vocação para acampamento. Segundo Gessinger, a idéia das mudanças é mostrar que as canções são mais importantes que como elas foram gravadas. Mas torna-se impossível deixar de lembrar das versões originais das músicas e como elas eram melhores nos outros discos, o que reverte o efeito desejado. Já as quatro faixas de estúdio (OK, três. "Rádio Pirata" é mais uma bobagem divertida do que qualquer outra coisa) mostram os Engenheiros em sua melhor forma desde *Várias Variáveis*. A vocação para pop meio progressivo meio *Clube de Esquina* com letras meio cabeça meio nonsense que garantiu o séquito de fãs que vão comprar esse disco está aqui. No fundo, a questão é essa: não dá para malhar o álbum com vontade, mas também não dá para recomendar.

Alternativos de verdade

Um dos grupos mais cultuados do circuito independente americano, o Yo La Tengo tem finalmente seus discos lançados no Brasil e promete pintar por aqui em breve

por Marco Bezzi

Quem imaginava que New Jersey, nos Estados Unidos, só exportou para o mundo filhos ilustres como Frank Sinatra e Jon Bon Jovi, deveria prestar mais atenção também na sinuosa e malhada mais desconhecida. Emergida dentro do cenário independente americano e sem ostentar um centésimo do prestígio dos seus famosos conterrâneos, o casal Ira Kaplan (vocal e guitarra) e Georgia Hubley (vocal e bateria) formava há pouco mais de 15 anos a banda Yo La Tengo. Constantemente comparado ao Velvet Underground, o grupo sempre conseguiu atravessar de forma harmoniosa as praias mais distintas, provando que podia ir além das estruturas que o rock restringia. "Deixamos que as outras pessoas definam nosso som. Em alguns de nossos álbuns, você consegue ouvir desde jazz, folk, garage, até punk", explica Ira do alto dos seus 43 anos.

Com dez discos na bagagem e com o mais recente, o ótimo *And Then Nothing Turned Itself Inside-Out*, ao lado por crítica e público, o Yo La Tengo parece ter chegado ao seu melhor momento. A banda pretende mostrar um pouco dessas misturas musicais para os brasileiros em setembro, quando uma turnê nacional está planejada. Direto de Nova York, Ira conversou com SHOWBIZZ e contou como é o esquema de trabalho da banda, quais são suas maiores influências e da expectativa de tocar no Brasil.

Vocês tiveram um início bem peculiar. Uma banda formada por críticos de música, certo?
Mais ou menos. Nunca me consolerei um crítico de verdade. Basicamente escolhia as bandas que gostava e escrevia sobre elas. As que não gostava eu simplesmente ignorava. James McNew, o nosso baixista, também escrevia em uma revista local. Nos considerávamos mais fãs de música, ao contrário de verdadeiros críticos. É engraçado: existem grandes letristas de rock que já exerceram essa profissão, como Patti Smith e Chrissie Hynde, dos Pretenders.

Que artistas influenciaram a banda?
É muito difícil citar uma influência. Ela [illegible] mais profissional

O Yo La Tengo sempre lançou seus álbuns por selos menores, independentes. Vocês conseguiriam entrar no atual esquema das grandes gravadoras?
Adoraria receber um convite. Estaria a sonhado sabendo que uma grande gravadora aprecia o nosso trabalho, mas devo admitir que seria muito difícil nos imaginarmos trabalhando nessas condições. No nosso atual selo, a Matador, o novo álbum já vendeu mais de 50 mil cópias nos Estados Unidos. É nossa maior vendagem até o momento e estamos muito felizes de como as coisas estão acontecendo.

Fale um pouco do novo álbum. É um trabalho bem mais melancólico e climático que os anteriores, não?
Talvez as outras estejam mais maduras na direção, mas não acho este último disco muito diferente dos nossos outros trabalhos. Ironicamente, as pessoas acham que sim, mas de certa maneira o considero uma continuação do álbum anterior. Por sempre gravarmos de uma maneira bem aberta, tocando o que vem à cabeça e sem termos uma concepção do que o álbum venha a se tornar, talvez ele tenha ficado um pouco diferente. É como gostamos de gravar e como sempre funcionou.

Acho mais interessante deixar nossas influências como um mistério para as pessoas descobrirem

Vocês apareceram em alguns filmes e até compuseram uma música pra um episódio dos *Simpsons*. Há planos para uma trilha para cinema, ou aparições em outros filmes?
Se nos chamarem [illegible] para algum filme, podemos até pensar. O problema é que não consigo nos imaginar com atores de cinema. Quanto à trilha, adoraríamos fazer e temos muita esperança de alguém nos convidar a qualquer dia. Infelizmente, parece que só os jornalistas acham nossas músicas apropriadas para os filmes nada os cineastas.

A gravadora Trama está lançando grande parte da discografia de vocês no Brasil. O que você acha disso?
É muito bom. Quando você forma uma banda, pensa primeiro em tocar apenas para os amigos e, se outras pessoas também gostarem, ótimo. Mas imaginar que nossa música poderia um dia chegar aos ouvidos das pessoas aí do Brasil é uma loucura.

E a expectativa para os shows daqui? Os fãs brasileiros podem esperar surpresas como o concerto beneficente que aconteceu em fevereiro, no qual vocês só tocaram covers?
Como vai ser a primeira visita ao Brasil, os concertos devem ser um pouco mais "normais", sem muitas surpresas. Geralmente preparo-me sem grandes expectativas e vejo o que acontece, mas é claro que esperamos que muitas pessoas curtam nosso show. Sempre gosto nos de escolher quatro ou cinco músicas diferentes por concerto e, com certeza, estaremos abertos para tocar o

Eis uma polícia que não afugentaria ninguém se fizesse uma blitz

INOCENTES PARA SEMPRE

Poucos grupos que foram grandes na década de 80 ostentam uma trajetória tão impecável quanto o [illegible]. O trio inglês nunca se juntou novamente, nunca gravou discos ao vivo, nunca partiu para releituras de seus maiores sucessos. Sting, Stewart Copeland e Andy Summers explicam o porquê desta opção pela integridade

por Daniel Oliveira, de Los Angeles, EUA

[illegible]

DESPEDIDA NO AUGE

[illegible]

A banda durou treze anos. Em 1983, após um show na Austrália, eles simplesmente pararam

Em 1983, o Police lançou seu quinto disco, *Synchronicity*, estabelecendo-se como um dos maiores nomes do rock mundial. O trabalho emplacou nada menos que cinco hits. "Synchronicity I", "Synchronicity II", "King Of Pain", "Wrapped Around Your Finger" e, principalmente, "Every Breath You Take", que ganhou um Grammy como melhor música do ano. Com exceção de "Mother", "Miss Gradenko" e "Murder By Numbers", Sting assinou todas as músicas do disco. Este clima de liderança e os vários conflitos de opinião durante as gravações desgastaram o grupo. Mesmo assim, Sting, Andy e Stewart saíram em turnê, culminando num show para 67 mil pessoas em Nova York. Após uma apresentação na Austrália em 1984, eles abandonaram os palcos e estúdios sem muitas explicações.

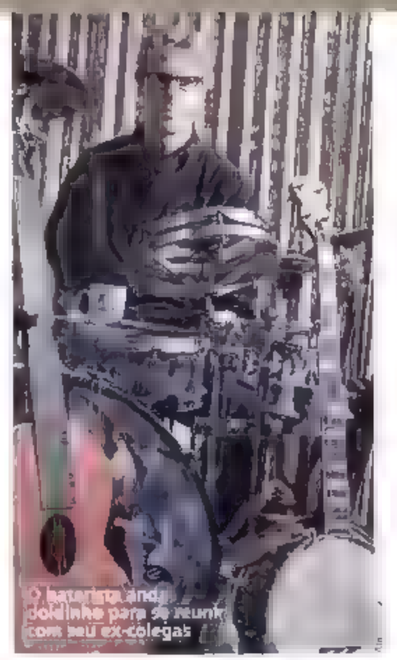
O estranho é que o Police nunca acabou oficialmente", observa Miles. "Eles apenas pararam. Até hoje, apesar de sabermos que a banda está inativa, ninguém disse que ela terminou." Stewart discorda de seu irmão. Segundo o baterista, o grupo acabou por ter conquistado tudo possível no mundo do rock.

"Vivemos discos no topo das paradas e tocamos em todos os estádios. Não havia mais o que atingir dentro do grupo. Mas fora do Police, podíamos fazer coisas diferentes. Sting queria atuar em filmes, eu queria compor trilhas sonoras e Andy queria tocar jazz."

E foi o que aconteceu. No decorrer dos anos 80, Sting participou em alguns filmes, incluindo *Dune – O Mundo Do Futuro* (1984) e o documentário *Bring On The Night* (1986), assim como lançou discos-solo de sucesso: *The Dream Of The Blue Turtles* (1985) e *...Nothing Like The Sun* (1987). Também apoiou a Anistia Internacional e defendeu os índios da floresta amazônica. Andy gravou com o guitarrista Robert Fripp, do grupo inglês King Crimson, e, como seu ex-colega, partiu para a carreira-solo. Stewart, por sua vez, compôs trilhas para filmes variados, incluindo *O Selvagem Da Motocicleta* (1983) e *Wall Street – Poder E Cobiça* (1987).

Em 1986, a pedido de Sting, o trio fez alguns shows em suporte à Anistia Internacional e foi trabalhar numa coletânea de hits. A ideia inicial do disco era regravar sucessos do Police com novas técnicas de estúdio. "Entrávamos no estúdio e sabíamos o que aconteceria – a mágica do grupo renascia e gravávamos outro disco", lembra Stewart. Infelizmente, uma semana antes do início das gravações, o baterista quebrou a coluna ao cair de um cavalo. O plano original da coletânea foi por água abaixo.

"Entramos no estúdio e eu não conseguia tocar bateria. Tentamos gravar 'Don't Stand So Close To Me' com bateria eletrônica e ficamos brigando para escolher as sonoridades." Estas discussões, já saturadas na época de *Synchronicity*, finalizaram de vez o possível retorno do Police. A coletânea *Every Breath You Take – The Singles* saiu em 1986 com as versões originais das músicas, incluindo apenas a nova interpretação de "Don't Stand So Close To Me".


O baterista Andy dobrinha para se reunir com seus ex-colegas

MITO INTACTO

Nos anos seguintes, Sting, Andy e Stewart continuaram seus projetos individuais, mas não deixaram de manter contato. Em 1990, Sting tocou baixo no quarto disco-solo de Andy, *Charming Snakes*. Já em 1998, Andy e Stewart tocaram juntos na casa de shows House Of Blues, em Los Angeles, para promover o disco *Outlandos D'Americas*, que traz o Skank e outros grupos latinos tocando músicas do Police. Sting não curtiu muito esta semi-reunião do grupo. "O Police é uma lenda, um mito intacto", ele diz. "Reuni-lo sem mim e Stewart? Não quero parecer egocêntrico. Apenas questiono: 'Para quê?' Éramos três dentro do grupo, não um ou dois."

Desde então, não houve mais reuniões ou semi-reuniões da banda. Sting continua lotando shows mundo afora como artista-solo. Seu último disco, *Brand New Day*, ganhou dois Grammys nas categorias "Melhor Álbum de Pop" e "Melhor Vocalista Pop Masculino". Ele também continua sua missão em defesa da floresta amazônica, mas agora sem se pintar como índio para aparecer na televisão. Andy trabalha com pouca badalação na mídia. Seu trabalho mais recente, *Green Chimneys* (1999), homenageia o jazzista falecido Thelonious Monk. Ele gravou com o guitarrista Victor Biglione e normalmente faz shows no Baked Potato, um pequeno restaurante em Hollywood. Stewart continua ganhando a vida como compositor de trilhas sonoras. Seus últimos filmes incluem *Eu, E Dr. Jones* (1998) e *Simpatico* (2000) – este último, com a atriz Sharon Stone. Ele também escreve música para balés, tendo trabalhado com as filarmônicas de Seattle e São Francisco. No ano passado, produziu o disco *AntiPop*, do grupo californiano Primus.

STING É QUEM NÃO QUER

Com os três membros ocupados em seus projetos, a pergunta retorna: eventualmente, haverá algum dia uma turnê e/ou um disco novo do The Police? Stewart diz que, por causa das brigas no estúdio, é pouco provável que o grupo [illegible] Sting, [illegible] para tocar ao vivo.

Sting gosta que ouçam bate papo, usando seu [illegible] Stewart, com bom humor. "Quando parece que vamos [illegible] ele brada o corpo [illegible]. Mas [illegible] é sua expressão favorita sobre o Police. A reunião vai rolar um dia, mas não há planos agora." O baixista-vocal sintetiza seu ponto de vista: "Ainda somos [illegible]. Eles conhecem minha [illegible] e eu conheço as deles. Tocamos juntos no meu casamento oito anos atrás, foi espontâneo e divertido. Mas se eu me envolver em turnê, lançar outro disco... Sem mim."

Uma balada histórica

O que "Yesterday", dos Beatles, foi nos anos 60, e "Stairway To Heaven", do Led Zeppelin, nos anos 70, "**Every Breath You Take**", do Police, representou para a década de 80. Composta por Sting, esta balada passou no teste do tempo e até hoje é curtida no mundo inteiro. Não existe rádio decente de pop ou rock que não a tenha em sua programação. "É uma música muito especial para mim", reflete Sting. "Ela tem uma emoção verdadeira." Stewart lembra da dificuldade de compô-la. "Foi um desafio elaborar o arranjo, porque não tem o som típico do Police. Era não é como 'Can't Stand Losing You' ou 'Message In A Bottle', que têm uma atitude mais rock."

Confiantes no sucesso da música, o baterista conta que ele e seus companheiros trabalharam mais tempo nela do que no resto do disco *Synchronicity*. "A gente adicionava coisas e depois as retirava. Sabíamos que ela era tão especial que não queríamos vacilar." "Every Breath You Take" e seu clipe – filmado em preto-e-branco num clima de total melancolia – fizeram *Synchronicity* tornar-se o álbum de maior sucesso do Police. Stewart atribui a fama monstruosa da música à sua simplicidade. "A própria bateria da canção vai pouco além de caixa e bumbo alternando-se suavemente. "Levou muito cálculo, trabalho e pensamento para atingirmos esta simplicidade. Talvez seja isso que tenha tocado tantas pessoas", acredita o baterista.

Em 1997, Puff Daddy interpretou a canção no disco *I'll Be Missing You* – um tributo ao falecido rapper Notorious B.I.G. Somando as versões dele e a original "Every Breath You Take" bateu o recorde como a música que ficou mais tempo no topo das paradas americanas. "É muito honrado quando Puff a escolheu para homenagear um amigo falecido", diz Sting.

Miles admite que receberia de braços abertos a volta do Police pelo divertimento e retorno financeiro. Porém, na função de amigo e empresário, ele respeita os desejos de Sting. "Acredite em mim, Sting sabe, mais do que ninguém, que Stewart e Andy adorariam reunir o Police. Ele também sabe que diversos promotores nos ofereceram dinheiro para que o grupo voltasse. Mas se ele não quer retornar à banda, eu preciso entendê-lo e ajudá-lo em sua carreira-solo."

Folha corrida – a discografia do Police

***Outlandos's D'Amour* (1978)**
Na estréia, o trio ainda está um pouco tosco, mas deixa evidente que sua praia era bem mais ampla do que rezava o punk dominante da época. Influências de reggae e jazz aparecem aqui e ali, fruto da formação musical dos integrantes. Destaques: "Can't Stop Losing You", "Roxanne", "So Lonely".

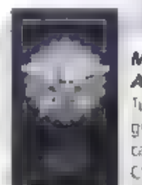
***Regatta De Blanc* (1979)**
Nada melhor para definir o segundo álbum do Police como "reggae de branco". O ritmo da Jamaica ganha ênfase nas batidas (começava a nascer o mito Copeland), enquanto delicadas texturas de guitarra garantem o clima das músicas. Destaques: "Message In A Bottle", "Walking On The Moon", "Bring On The Night".

***Zenyatta Mondatta* (1980)**
O Police parte para o estrelato inaugurando sua presença na lista dos dez discos mais vendidos da parada americana. Não era para menos: o pop que se insinuava nos dois primeiros lançamentos chega à sua forma definitiva. Destaques: "Don't Stand So Close To Me", "De Do Do Do, De Da Da Da", "Canary In A Coalmine".

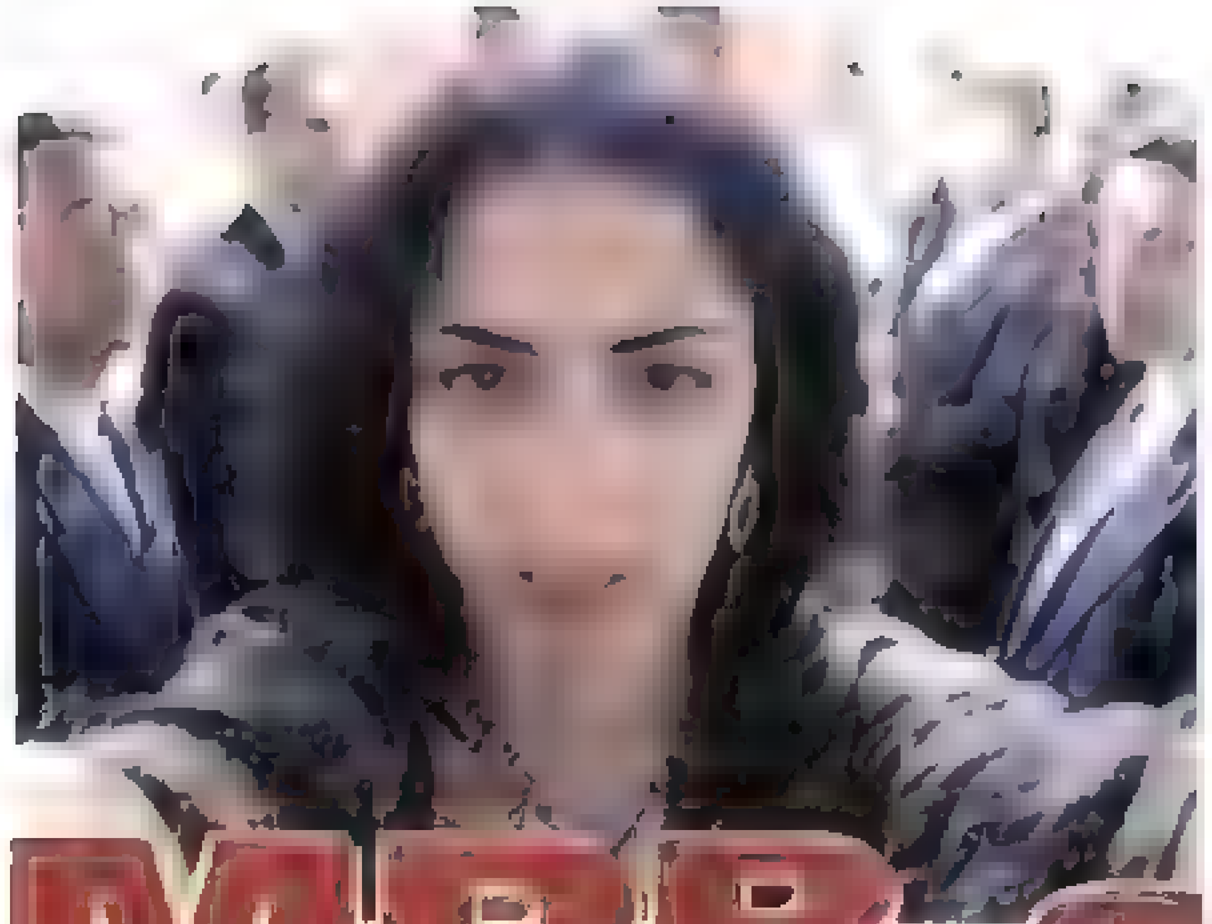
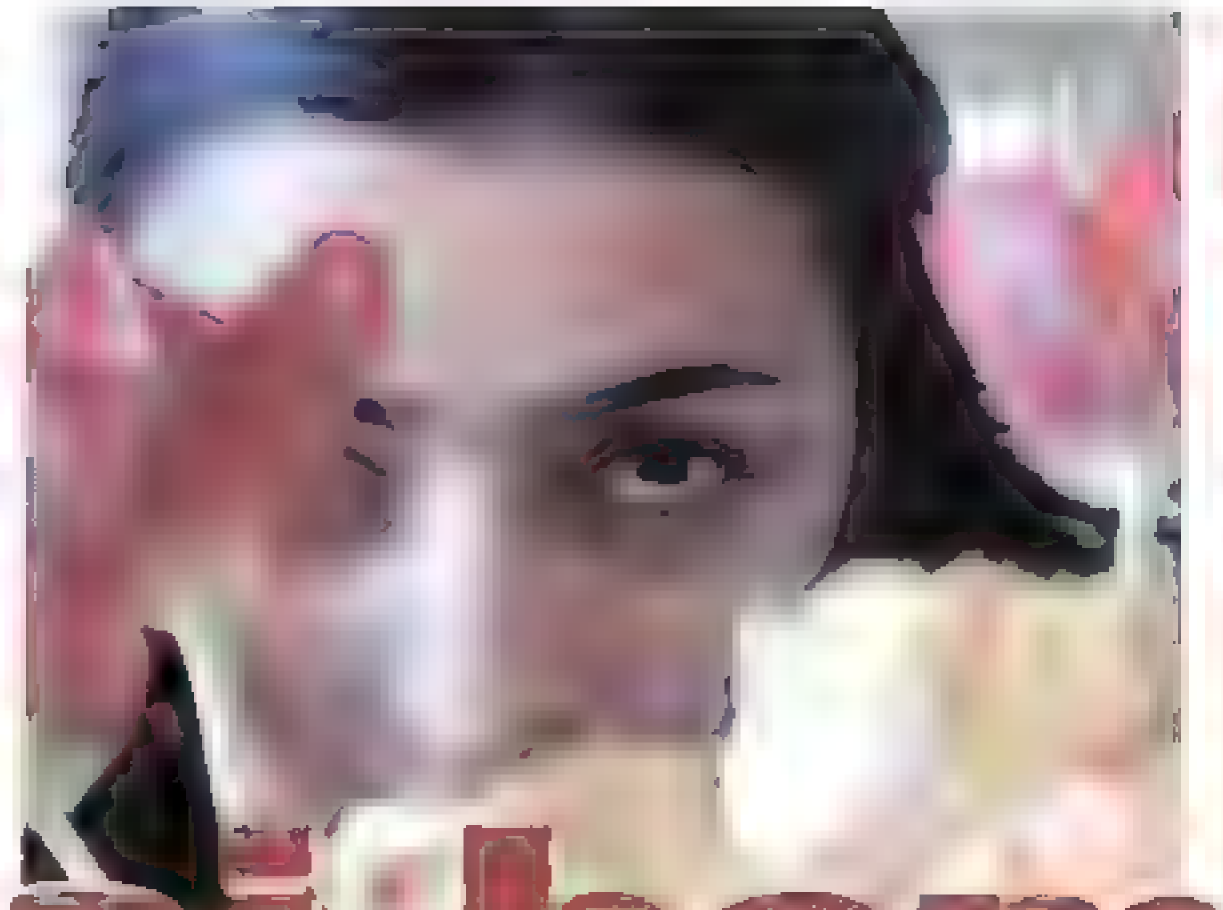
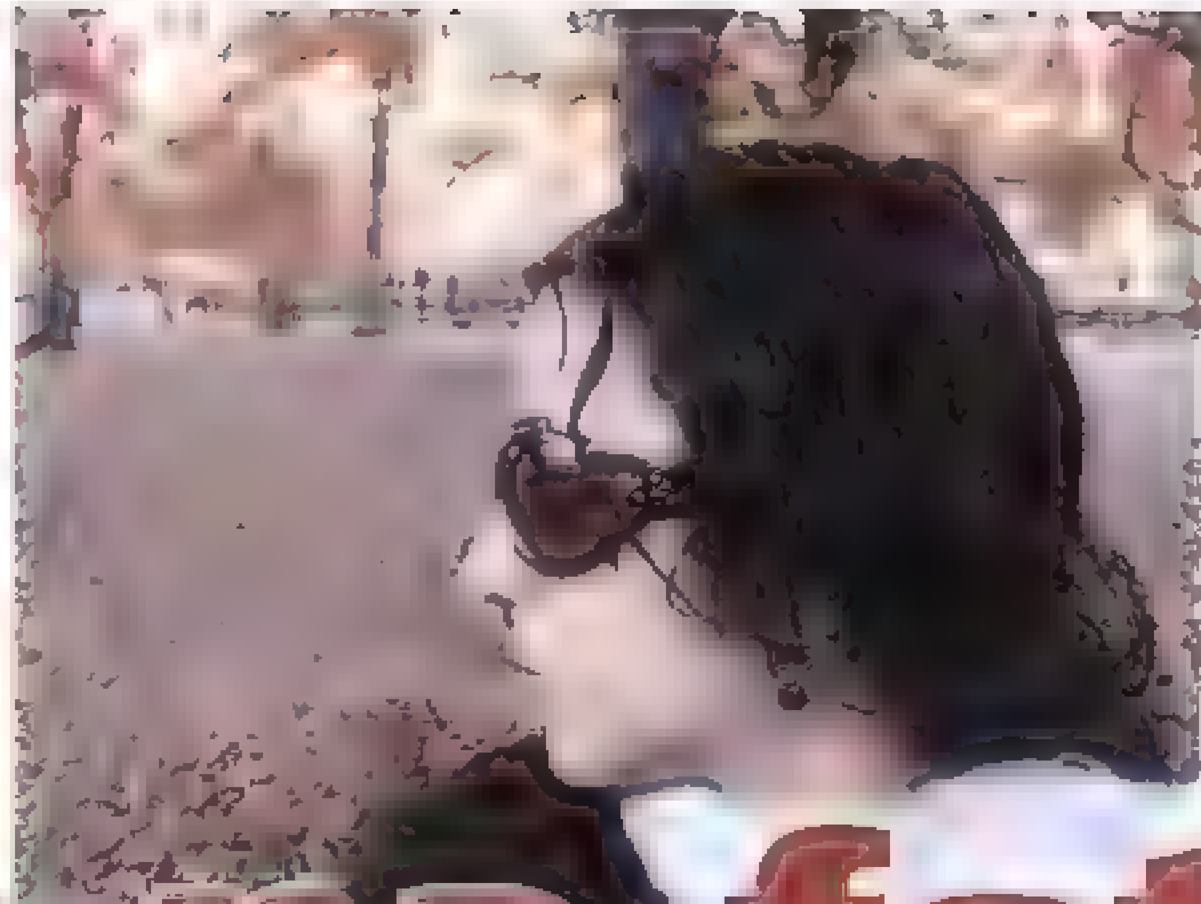
***Ghost In The Machine* (1981)**
Quase uma continuação do álbum anterior, mas um pouco irregular – a banda mostra uma certa indefinição entre adotar de vez o pop ou experimentar um pouco mais. Teclados e saxes ganham mais espaço nas composições. Destaques: "Spirits In The Material World", "Every Little Thing She Does Is Magic".

***Synchronicity* (1983)**
O último álbum de inéditas do Police revela a empretecida musical mais ambiciosa do grupo, [illegible] negar a vocação para fazer [illegible]ções colantes à primeira audição [illegible] que era difuso em Ghost [illegible] ganha [illegible]ino aqui, refinando ainda mais a veia [illegible]op da banda. Destaques: "Every [illegible]eath You Take", "King Of Pain", "Wrapped Around Your Finger".

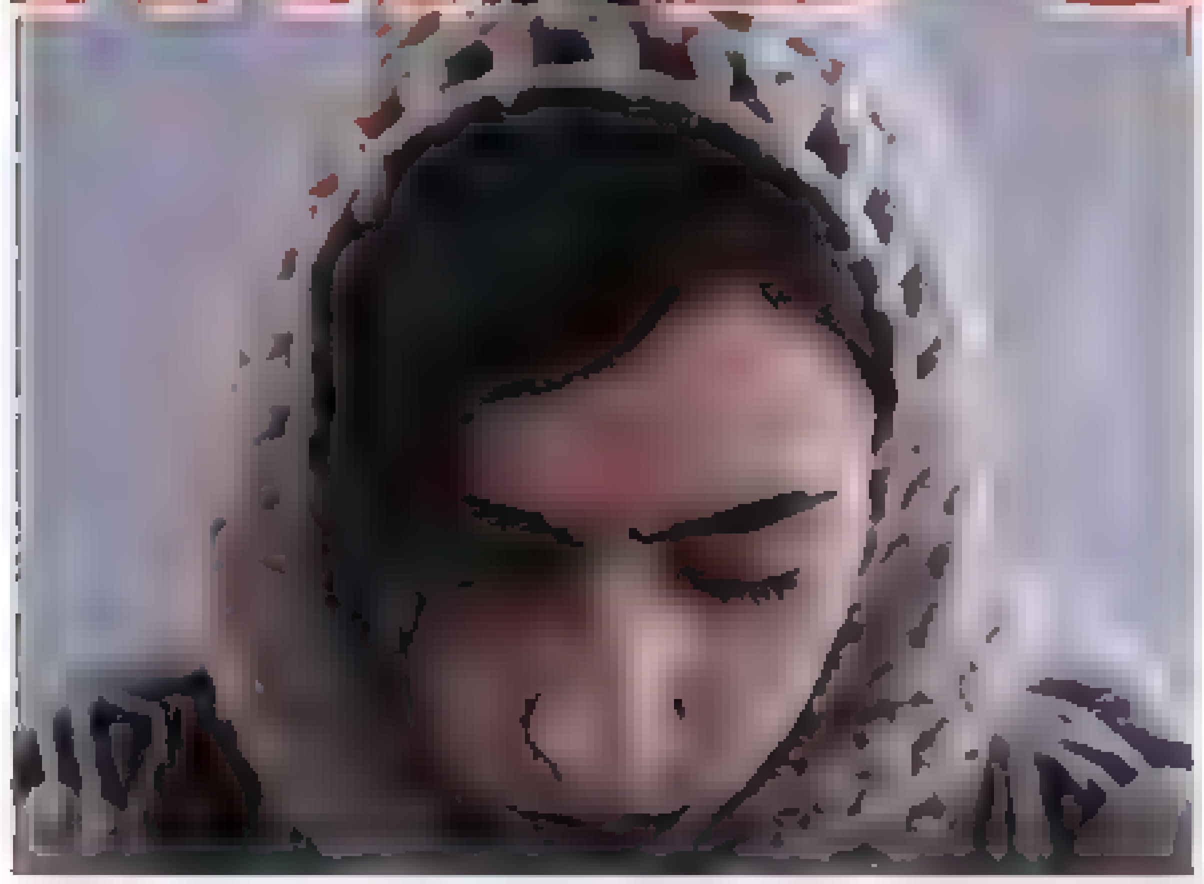
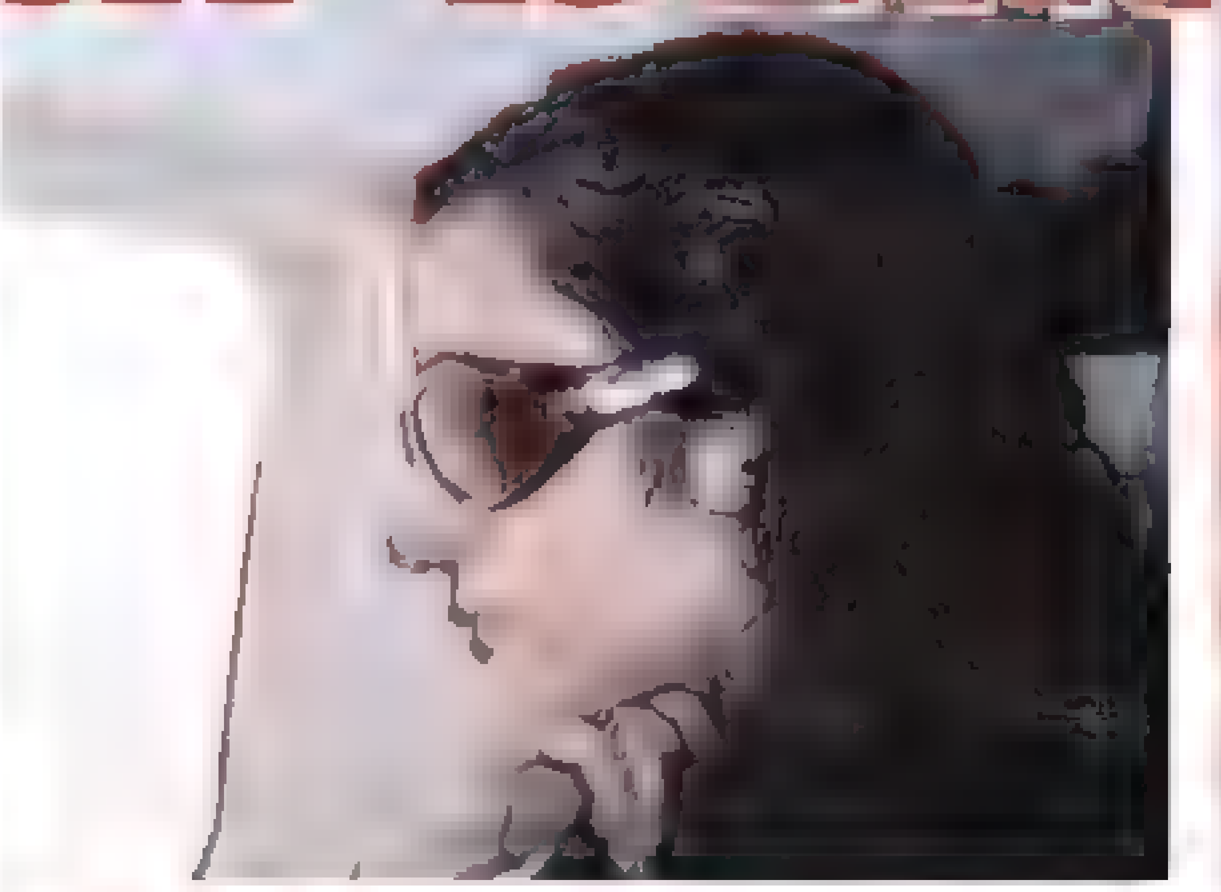
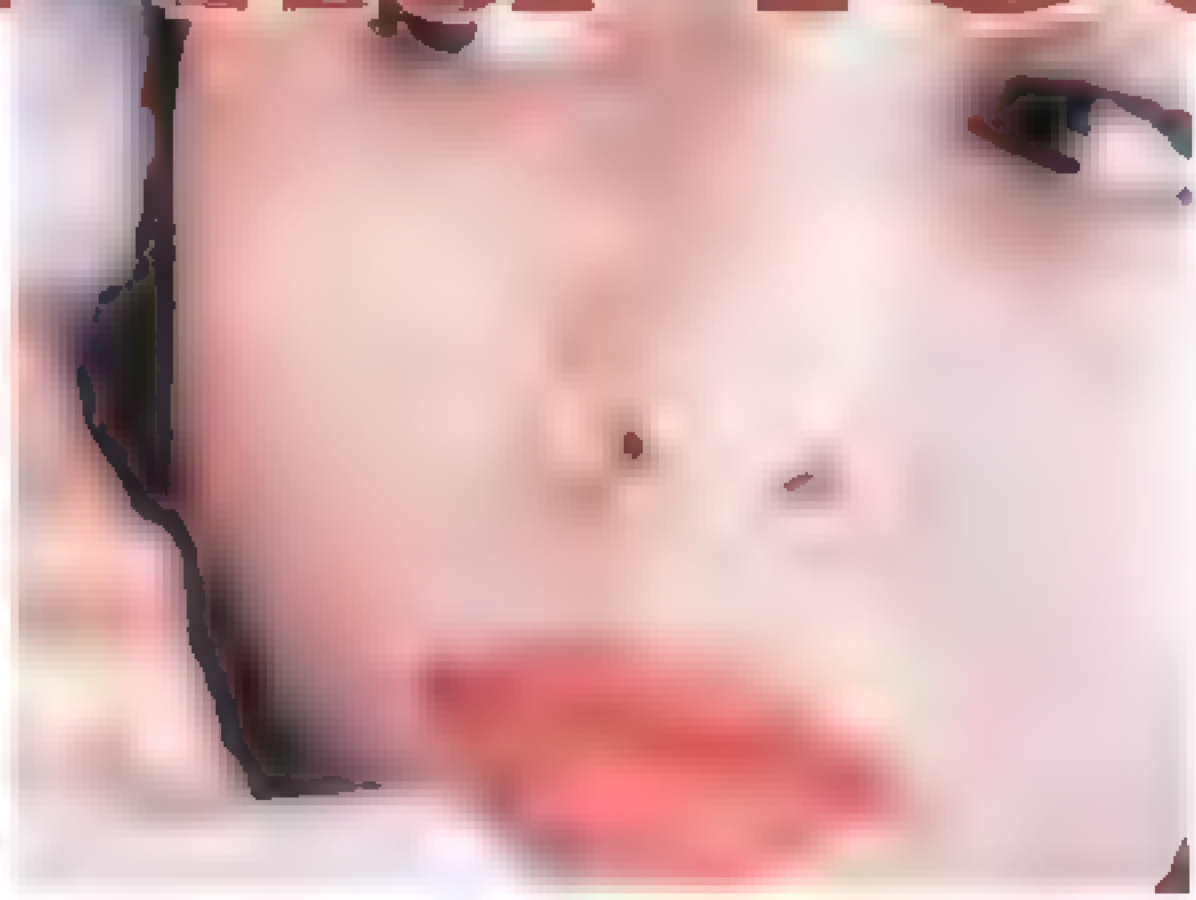
***Every Breath You Take – The Singles* (1986)**
É aquele velho papo: se você não tem nada do Police, esta coletânea serve como um cartão de visitas da carreira do grupo e blablablá. A novidade está na regravação de "Don't Stand So Close To Me", que reuniu Sting, Copeland e Summers e sinalizou uma volta da banda. Mas não passou da ameaça e é bom que tenha sido assim.



***Message In A Box* (1993)**
Tudo o que o Police gravou está nesta caixa com quatro CDs. Para completar, [illegible] versões só encontradas antes em singles e alguns registros ao vivo. Nunca foi tão fácil ter a obra completa de um dos maiores grupos [illegible] anos 80 [illegible] em tentar [illegible] magia do passado.

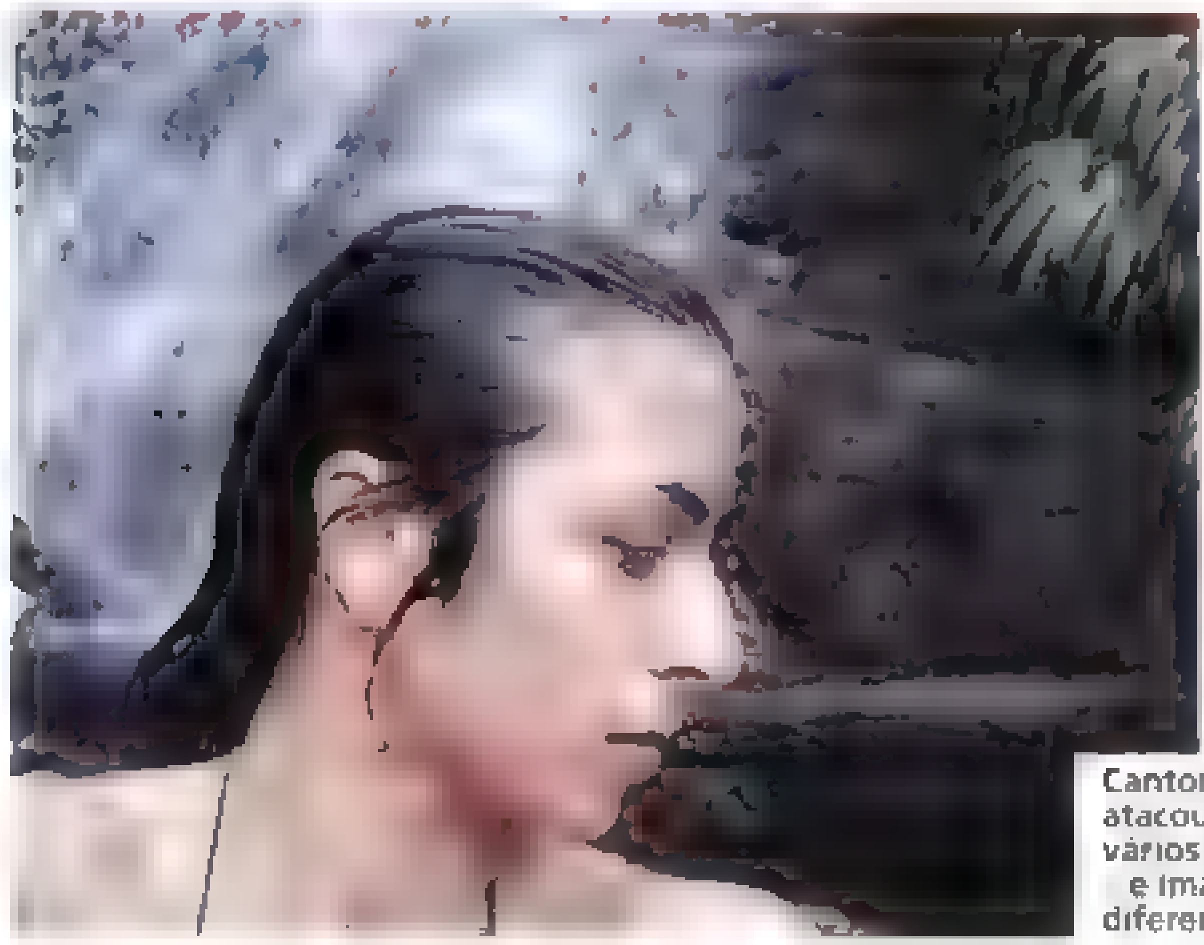




MPB sai bem na foto

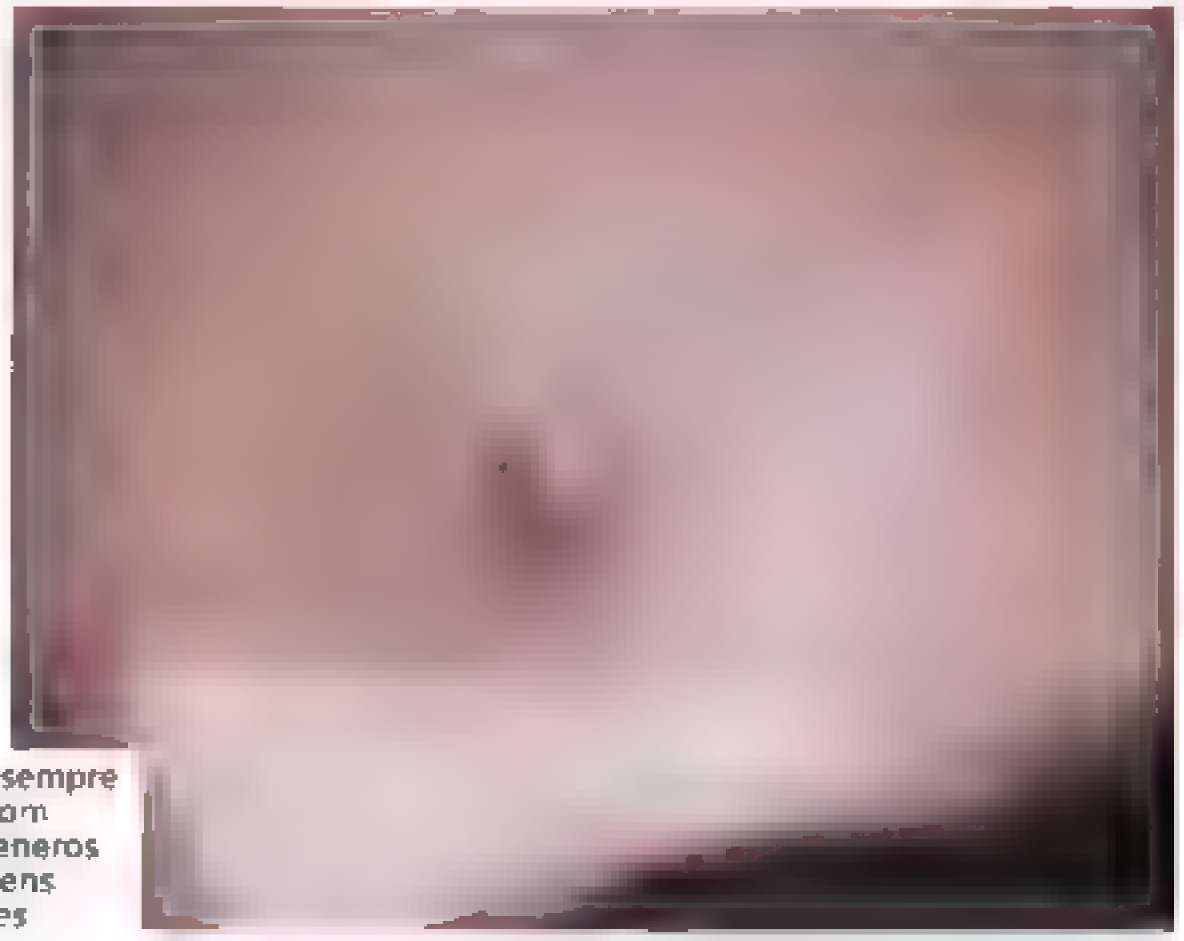




Saudado como seu trabalho mais pop, *Memórias...* une vários estilos e expõe trajetória conciliatória de Marisa Monte

por Pedro Só



Cantora sempre atacou com vários gêneros e imagens diferentes



Quando saiu, em maio, *Memórias, Crônicas E Declarações De Amor*, quinto álbum de Marisa Monte, foi saudado pela imprensa de todo o Brasil como o trabalho mais pop da cantora. E a até concorda, mas não vê nisso nada que dê manchete de jornal. "Não há ruptura nenhuma. Este é um trabalho mais pop apenas se comparado ao *Cor De Rosa E Carvão*. É uma coisa que [illegible] va presente desde quando eu cantava 'Chocolate' (do repertório de Tim Maia [illegible] gravar meu primeiro disco)", relativiza [illegible] da voz, numa sala do reunidos da Conspiração Filmes com vista escancarada para a enseada de Botafogo, no Rio de Janeiro. Para [illegible] dois trabalhos que estão roçando o milhão de cópias vendidas – *[illegible] e Cor De Rosa E Carvão* –, as filigranas entre pop e música popular brasileira realmente não fazem muita d[illegible].

[illegible] nha evolutiva que Paulinho da Viola tão bem descreveu em "Dança Da Solidão" – "quando penso no futuro, não esqueço o meu passado" – aberta aos toques de Marvin Gaye, de George Harrison [illegible] Lulu Santos, de Lenny Kravitz... Aos 32 anos, ela [illegible] "Abololô", do novíssimo baiano Lucas Sant[illegible] arranjo digno do adjetivo "cl[illegible] [illegible] e o piano de João Donato. Termina o mesmo disco com uma inédita de Caetano, "Sou Sua Sabiá", feita especialmente para ela. As relações com a [illegible] za da MPB são ótimas. Depois de carimbar Gilberto Gil – participação marcante em *Cor De Rosa E Carvão* – ela chegou a Caetano por intermédio do pro[illegible] [illegible] o pernambucano Arto Lindsay. [illegible] [illegible] pedir uma [illegible] [illegible] persuadiu o produtor. Caetano chegou para Marisa [illegible] (e ela achou engraçado). "Se você não gostar, não precisa gravar. Vê se gosta". Chico Buarque? Falta apenas uma aproximação. "A única maneira de essas coisas acontecerem é fazer um show junto, poder ensaiar junto. Se acontecer algum dia, ficarei feliz, sem fazer [illegible]

Conciliação é isso: de Caetano a... Tricky! Sim, e a volta para explicar tal fato é curta. Vamos lá: na ficha técnica do novo CD, produzido por Marisa e Arto Lindsay, aparecem Melvin Gibbs [illegible] do ao funk [illegible] guitarrista d[illegible] [illegible] Manhattan [illegible] de porta da música eletrônica inglesa (e mais novo contratado [illegible] Epitaph). "O cara estava trabalhando no mesmo estúdio, em outro andar, a gente [illegible] do Arto e faz umas [illegible]", conta Marisa. Sim, ela co[illegible] trip-hops cabulosos fei

tos pelo ex-namorado de Björk. "Mas tem muita coisa que eu acho chata", ressalva, quando perguntada sobre música eletrônica em geral. "Já vi show do DJ Spooky, tenho uma irmã de 18 anos que mora em Nova York e é interessadíssima nessa cultura. Gosto também de algumas coisas do Soul Slinger (*DJ brasileiro também estabelecido em Nova York*). Posso um dia fazer algo, um diálogo por aí [illegible] e um tipo de música que eu domino, não tenho intimidade com a tecnologia. Mas toparia, adoraria que um DJ alguém que eu conheço e gosto, como o Soul Slinger ou o Spooky, fizesse algo em cima do meu trabalho. Tem muita coisa [illegible] las propostas interessantes. Só não vou mentir [illegible] vou enganar ninguém, essa não é bem a minha praia."

VOZ COM INFORMAÇÃO

A garota carioca criada na Urca (bairro localizado numa das bordas da Baía de Guanabara) que nos encara hoje se debruça para um oceano de possibilidades. Mas a despeito do apelo cosmopolita de *Memórias, Crônicas E Declarações De Amor*, que está saindo nos EUA, no Japão e em países da Europa (inclusive na Inglaterra, mercado tradicionalmente mais difícil para a música brasileira) [illegible] em planos nem delírios de dominação mundial. "Vou até fazer uma turnezinha promocional de dez dias pela Europa e, mais para o fim do ano, vários shows no exterior. Mas minha carreira é estruturada aqui no Brasil. E eu tenho um limite físico também. Queria muito rodar por outros países da América Latina, mas tem três anos que eu não faço Nordeste, não dá para atender a todos os convites", justifica. Assim que terminar a atual temporada no ATL Hall, no Rio de Janeiro, Marisa [illegible] cinco semanas no Palace, em São Paulo (de 27 de julho a 3 de setembro).

Marisa não teve receio de parecer pretensiosa ao expor os cantinhos de sua casa no encarte do novo disco, destacando caixas de Luiz Gonzaga, Jamelão e Dalva de Oliveira, e livros de Cervantes e Machado de Assis

O giro promocional para gringo ver ela qualifica de "um certo pé no saco, mas necessário". Seja no interior do Rio Grande do Sul ou em Paris, o critério é o mesmo: programa de TV, só se for ao vivo. "Não é porque estou no exterior que vou fazer playback." Nas entrevistas internacionais, Marisa acaba falando muito sobre a história e a cultura do Brasil. "É impossível explicar nossa música sem abordar conceitos como diversidade cultural e mistura. Fica um pouco aula, de vez em quando." [illegible] compara a leitora do antropólogo Darcy Ribeiro [illegible] do livro *O Mistério Do Samba*, do também antropólogo Hermano Vianna (leitura fundamental para todo brasileiro que se interesse por música, seja bom sujeito ou doente do pé).

Marisa Monte suja os dedos de poeira catando vinis de samba nos sebos do Centro do Rio, fuça o site da Revivendo (revivendo.com.br) para conferir os fonogramas históricos que o selo curitibano lança, [illegible] na loja Modern Sound CDs de música brasileira importados do Japão e queima bons dólares sempre que pisa numa megastore no exterior. Dá para erguer as mãos para os céus: enfim, uma voz com informação, uma cantora [illegible] capaz de ser ao mesmo tempo o que Gal Costa e Rita Lee foram em décadas idas. E sem medo de parecer o que é.

Apesar do apelo cosmopolita de suas canções, a cantora sabe que sua carreira está estruturada no Brasil. Giro no exterior? "Um certo pé no saco, mas necessário", define a artista

Algum cuidado para não parecer pretensiosa? A resposta, transcrevemos com a devida [illegible] pontualidade. "Nenhum. Tava tudo lá mesmo. Não arrumei livros especiais para aparecer na foto. Botei minhas referências de literatura, de música, mostrei alguns cantinhos da minha casa que pudessem satisfazer a curiosidade das pessoas. São coisas bem reveladoras [illegible] que é a vida real. Não tem nada arrumadinho, é uma bagunça [illegible] que tava lá na minha casa. Poderia parecer pretensioso se eu tivesse arrumado os livros mais cabeça, os discos mais cabeça. Meu cuidado único foi respeitar a realidade."

[illegible] aparecer em alguma função que não seja musical. "Meu trabalho é tão pessoal que quero que o [illegible] como declaração. Eu coloquei o complemento ao título, 'textos, provas e desmentidos', pensando nisso. Queria que as pessoas satisfizessem sua curiosidade vivendo com o disco, as fotos, o site. Prefiro que seja assim do que, sei lá, especulando sobre coisas [illegible] relevantes do que a música. Não sou muito tímida, mas tem certas coisas que me intimidam, fico com vergonha. Acho desinteressante alugar as pessoas para dizer o que [illegible] de comer ou falar de outras coisas triviais."

Nas entrevistas internacionais, ela acaba tendo de falar sobre a historia e a cultura do Brasil. "Fica um pouco aula, de vez em quando"

VIDA PESSOAL, NÃO

O sucesso "Amor I Love You" leva às FMs analfabetas Arnaldo Antunes lendo um belo trecho do romance *O Primo Basílio*, clássico de Eça de Queiroz [illegible] não dá para não registrar o mico: críticos de jornais importantes se livraram preconceito e ignoraram [illegible] a presença do cantor "declamando uma poesia"); no encarte do disco, as fotos das estantes da casa da cantora funcionam como referências cultas: *A Mão E A Luva*, de Machado de Assis, *Um Espião Na Casa Do Amor*, de Anaïs Nin, *Dom Quixote*, de Cervantes; *Senhora*, de José de Alencar, Hemingway, Virginia Woolf, Mark Twain, Katherine Mansfield, a poesia de T. S. Eliot e de John Donne, caixas de Luiz Gonzaga, Maria Callas, Tommy Dorsey & Frank Sinatra, Lupicínio Rodrigues, Dalva de Oliveira, The Marvelettes, Jamelão e Tropicália, um LP de Silas de Oliveira e Mano Décio da Viola.

E a realidade da mulher [illegible] exige mais do que declarações sobre o fascínio da obra de Nelson Cavaquinho ou a personalidade de Jorge Ben. Aliás, cabe aqui um parêntese: reza a lenda que, em 1997, Marisa tinha agendada uma participação no disco de Benjor, mas a coisa não se concretizou por causa de um desencontro no estúdio. Daí a ironia de ela regravar agora sua "Cinco Minutos" ("você foi embora sem me atender/ não sabe o que perdeu"). Voltando ao mundo dos fatos [illegible], matérias celebrando o encontro de Marisa com um [illegible] fornecedor da Jovem Guarda (o piauiense José Ribamar Coriolano, autor da bela toada "O Que Me Importa" — gravada por Tim Maia, Ira! e Marisa e também compositor de "Aparências", brega hit de Márcio Greyck) ou exaltações a um tipo popular que vivia nas ruas cariocas pichando muros e pregando a cordialidade (está no [illegible] "Gentileza", escrita pela cantora) não bastam.

Marisa tentou alimentar a sede dos fãs com alguns auto-retratos inocentes (se bem que [illegible] já manifestaram [illegible] pelos [illegible] nos pés [illegible] que aparece na contracapa), mas

PUXÃO DE ORELHA

Chega a hora de um pequeno e justo puxão de orelha [illegible] SHOWBIZZ, que publicou, há coisa de três anos, uma chamada na capa da revista falando sobre os – supostos – planos da cantora de ter filhos. "Isso é um assunto pessoal pra caramba, gerou uma especulação muito chata. Depois, neguinho ficou inventando que eu estava grávida, foi muito [illegible] desagradável." Melhor encerrar a entrevista ressaltando a beleza de um artista vivo, Guilherme de Brito. É dele, parceiro de Nelson Cavaquinho, a interpretação seresteira que inspirou Marisa a recuperar em *Memórias* o samba-canção "Gotas De Luar", uma das [illegible] de [illegible] vista" enxergadas pelo sábio Tárik de Souza, crítico do *Jornal do Brasil*. A gravação original está num disco [illegible] *Quatro Grandes Do Samba*, que reúne, além dos ourives Guilherme e Nelson, Candeia e Elton Medeiros. Que se dane o Ibope. Afinal, esta é uma revista de música, não?

Dois caras marrentos

por Luciano Vianna e Valeria Rossi

Nem Christina Aguiller a consegue escapar quando Dr. Dre e Eminem se juntam

Esta é uma história com a qual o Dr. Victor Frankenstein poderia se identificar: o criador é colocado em segundo plano pela criatura. Dr. Dre, o gigante do hip-hop, acaba como convidado especial no show de sua descoberta Eminem. Ou seria Marshall Mathers, ou Slim Shady? "Marshall desaparece quando o [rum] Bacardi bate e aí Slim Shady aparece. Eminem se manifesta quando sobe ao palco", explica o lourinho sobre a sua multipla personalidade. Apesar de Eminem receber mais perguntas na entrevista coletiva (num lugar mais apropriado, impossível: um ringue numa academia de boxe no sul de Londres), Dre se vinga quando sobe ao palco em segunda na Brixton Academy, e rouba o show participando de quatro das tres musicas.

Mas, convenhamos: Eminem é considerado o rapper mais famoso do mundo [illegible] este mes *The Marshall Mathers LP* (sucessor do [illegible] *The Slim Shady LP*) [illegible] novos albuns NWA (Niggaz With Attitude [illegible] Dre, Ice Cube e Eazy-E) e planos para o futuro.

Qual assunto foi o mais importante para você abordar neste novo disco?
Eminem: Os críticos. Apesar de eu falar algumas coisas sobre umas *bove girlfriends* [illegible] deixar muita gente chateada. O lado de eles merecerem o que digo ou não... Bom, para mim, eles merecem. No meu último disco, muita gente não entendeu o que eu dizia e tomou minhas palavras de forma literal. Por isso, neste album estou me dirigindo a um monte de críticos.

Como é sua relação com os críticos?
Eminem: Você vai ter que ouvir o album para descobrir. E pode não gostar (*risos*). Na verdade, adoro a mídia. Vocês me dão espaço para falar e, se não fosse por vocês, eu não teria p* [illegible] para fazer.

O que vocês acharam um do outro a primeira vez em que se encontraram?
Eminem: Acho o Dre [illegible]

Dr. Dre: Achei que o Eminem fosse a encarnação do Piu-Piu.
Eminem: É porque eu estava com uma roupa amarela. Naquela época eu não tinha dinheiro para comprar roupa. Ele me chamou de banana quando me viu.

Dr. Dre, que conceito artístico podemos esperar da reunião do NWA?
Dr Dre: A reunião do NWA apenas começou a ser planejada por mim, Ice Cube, MC Ren e Eazy-E. Temos conversado sobre alguns dos temas a que vamos nos dirigir com este disco. Mas vai definitivamente acontecer e o album será lançado até o fim de 2001. O nome, a gente tem de [illegible] sobre quem é o dono do nome NWA, da marca NWA.

O DJ Yella estava ao lado na formação original do NWA. Por que ele foi excluído desta volta?
Dr. Dre: A gente não conseguiu encontrá-[illegible] O que é complicado. Você [illegible] que pedir [illegible] assinar [illegible] Você [illegible] matéria meio gay (*risos*).

Qual é a fronteira entre o underground e o mainstream?
Eminem: Ah, dá pra dizer que sou um artista [illegible] um [illegible] independente de, tantos discos vendido. A minha maneira de ser e os [illegible] ainda são ainda apegados ao underground. Eu ainda estou cru e não quero polir p* nenhuma para ninguém. Eu digo as coisas como elas são. Quando você compra um disco do Slim Shady é o Slim Shady que você está levando para casa e não o sol, as abelhas e as florzinhas. Você vai levar "vai à merda", "[illegible]-se!". Se [illegible] Aí, [illegible] passa um vídeo meu, não quer dizer que faço concessões. Se minha música tem algum apelo para as massas, isso é bom, mas não vou mudar por causa disso.
Dr. Dre: Fui acusado de fazer concessões para fazer sucesso, e sim, eram tão sofisticadas que [illegible] deixe de ser underground. [illegible] para receber, que é a única [illegible] hard-core underground.

Eminem: Acho que [illegible] o que tenho a dizer [illegible] Acho que [illegible] drogas [illegible] Você [illegible] Você [illegible] Você

O homem que sabe demais

Para os eruditos, ele é o colega que passou a trabalhar com músicos menos intelectuais. Para os artistas populares, ele é o maestro que, com sua vontade de experimentar, deixou sua marca em vários momentos cruciais da música brasileira. Para Rogério Duprat, tudo bem: o que ele queria mesmo era derrubar qualquer fronteira que impedisse sua criatividade

por Alexandre Matias e Fernando Rosa Fotos: Marcelo Ximenes

Você não conhece Rogério Duprat. Numa de suas poucas fotos públicas – certamente, a mais famosa –, o maestro segura um penico à boca, sentado ao lado de Caetano Veloso, Gal Costa e Torquato Neto. À margem da capa de *Tropicalia Ou Panis Et Circensis* o marco zero fonográfico do atual status quo da MPB, Duprat já parecia ser seu destino. Olhando além do ponto observado pelos tropicalistas, ele mergulhou na recompensa comercial naqueles anos perturbados antes da década de 70. Mas tão rápido quanto entrou, saiu – para nunca mais retornar. Voltaria a resvalar a tangente do sucesso em poucos momentos, o suficiente para instigar e enlouquecer o senso do mercado. Mas nunca parou. Como o verdadeiro artista que é, o maestro passou a vida correndo para diferentes caminhos e construindo um passado cujas lembranças se convertem em marcos subestimados da evolução da música brasileira.

Ele abana o ar na frente do rosto enquanto explica, detalhadamente, algum ponto obscuro da carreira, feliz por dar crédito aos nomes que a história esqueceu. Despreza a celebridade em seu confortável anonimato, entre um pequeno apartamento perto do aeroporto de Congonhas e um agradável sítio nos arredores de São Paulo. A surdez o obriga a andar com um aparelho na orelha, mas esta desaparece quando o lembramos de trechos que a memória deletou sem querer.

Músico por vocação, começou tocando gaita de boca, violão e cavaquinho, tirando os sons de ouvido. "Era um orelhudo não ha música, fui aprender depois". Após estudar com Olivier Toni e Cláudio Santoro (os "camarguistas", lembra), passou a se interessar por Música Nova e logo juntou-se a Júlio Medaglia, os irmãos de Campos (Haroldo e Augusto), Damiano Cozzella e Décio Pignatari em torno da vanguarda modernista do começo dos anos 60. "Então, conhecemos os 'cagistas', os caras ligados ao John Cage. E descobrimos uma falta da produção ligada ao acaso, ao happening", recorda-se. "Os americanos estavam fazendo a farra, gozando dos ídolos da música serial". E lembra-se das diretrizes do manifesto artístico: 'Chega desse negócio de cozinha da música erudita enfiada só dentro do teatro, para meia dúzia de milionários e tal. A gente tem é de sair, fazer música na rua com os meios que houver.' Foi aí que chegou perto da música popular.

Antes, sua aproximação com as camadas menos intelectuais da música havia se dado por motivos financeiros, o que o levou a constar num dos primeiros discos de rock do Brasil – a versão de Albert e Meire Pavão para "20th Flight Rock", batizada de "Vigésimo Andar", em que não apenas arranjou e produziu, como assinou a versão. Mas, ainda preso ao erudito, foi de pseudônimo. Rudá Duprat. "É o nome do meu filho", diverte-se. Na mesma época, foi estudar na Europa, onde teve contato com a fina flor da música erudita contemporânea, principalmente o alemão Karlheinz Stockhausen e o francês atonal Pierre Boulez.

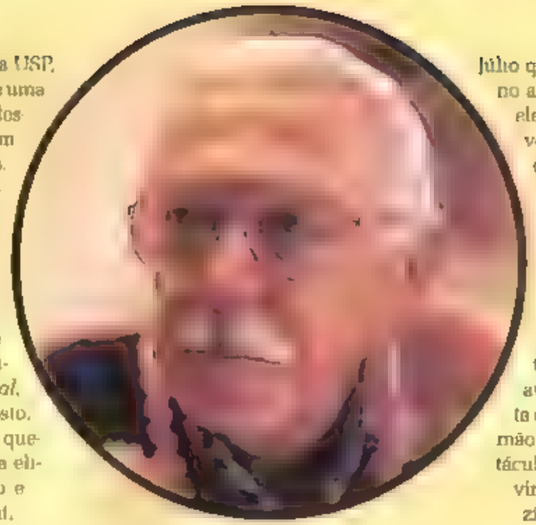
Duprat lembra dos tempos na Universidade de Brasília (UnB), onde foi um diretor do departamento de música com idéias pouco ortodoxas. "Lá fizemos concertos muito interessantes, que os músicos achavam que era subversão. Música com eletrodoméstico, leitura do jornal do dia... O maestro dava a deixa e o cara lia o que tinha na frente. Uma bailburdia total. Ninguém sabia quem era professor, quem era aluno – o que fazia parte também da nossa jogada e não era tão subversivo assim. A gente estava voltado para o mundo e os caras eram uns caretas. Não só fascistas – eram filhos da p* mesmo!", esbraveja, lembrando da demissão de 200 professores da UnB.

Com o maestro Damiano Cozzela (responsável, mais tarde, pela fase psicodélica de Ronnie Von), ele usou pela primeira vez um computador para fazer música: um

Duprat hoje e sua imagem mais famosa: levando um penico à boca (*no detalhe*) na capa do disco *Tropicália*

IBM 1620 da Escola Politécnica da USP, daqueles de cartão de perfurar. "Era uma coisa primitiva, tomava três salas dessas daqui, fora a impressora, também enorme. Mas houve mil gozações. Cadê a alma? A resposta foi sempre essa. 'Esses caras estão loucos'."

"Aí, o Zappa passou lá e jogou merda no ventilador", conta o maestro, citando a estada com o guitarrista americano, na Alemanha, em 1961. "Ninguém o conhecia, ele não tinha formado os Mothers Of Invention ainda, outra coisa *coralhal*, espetacular". Duprat fala com gosto, lembrando dos tempos em que só queria incomodar. "A gente pretendia eliminar as fronteiras entre erudito e popular", recorda. "Essa geração aí, que está hoje beirando os 70 anos, como eu – que tenho 68 – é quem fez essa mistura toda. Então, tudo virou uma coisa só".



A empolgação toma conta dele quando o assunto é Mutantes. "Eles eram melhores que os Beatles"

UM TOQUE PARA GIL

Deu-se seu primeiro contato consciente com o rock. "Quando voltamos de Brasília, começamos a pesquisar esses caras. Pensávamos 'Vamos ficar atrás desses grupinhos que fazem a Jovem Guarda, porque é o que tem de rock aqui, goste-se ou não'. Sem esperança, cedeu ao convite do hoje comunista esportivo Alberto Helena Jr. para ver mais uma destas bandas no bairro da Boa Vista. "Quando chegamos lá, eram os Mutantes, fazendo Beatles perfeito", ele deixa que um sorrisão invada seu rosto. A admiração entre aquele grupo de moleques e aquele maestro maluco foi instantânea e começaria uma das colaborações mais férteis da música brasileira.

Júlio quem ele achava que podia ajudar no arranjo de 'Domingo do Parque'. E ele me apresentou ao baiano. 'O que você quer fazer?', perguntei. 'Acho que o negócio é partir para o pau mesmo, botar rock, misturar com essa coisa baiana de vocês.' E ele: 'Está bom. Você conhece alguém?' Eu disse: 'Vou trazer as únicas pessoas que servem para você'. Então, peguei Os Mutantes".

Ele descreve deliciosamente o trio paulistano. "Eles eram muito avançados. Tinham uma mãe pianista erudita, que fazia concertos; um irmão (*Cláudio César*), que era um espetáculo. Não precisava esperar a guitarra vir dos Estados Unidos, porque ele fazia. Quando tinham alguma idéia, ele criava imediatamente lá, um trocinho deste tamanho que resolvia. Tratava-se de um time pesquisador. O grande músico, inventor e criador era o Arnaldo, sem dúvida. O charme ficava com a Rita, e o Serginho cuidava mais da técnica, não do ponto de vista de música erudita, mas com a guitarra ele tocava de tudo. Estavam muito atentos a todas as coisas, aquelas brincadeiras da Rita, aquela coisa de simular uma certa ingenuidade, fingir que é bobo e só eles sabendo que era gozação. Isso aí foi se desenvolvendo, eles acabavam fazendo disso um retrato, a cara do grupo. Eu só podia cair de amores por eles, o maior grupo que o país tinha dado até ali."

FOME COM VONTADE DE COMER

A combinação de Duprat com os Mutantes não foi benéfica apenas para os dois lados – mas para todo movimento tropicalista. "A influência foi total", lembra o maestro, "porque Gil e Caetano passaram a fazer espetáculos com os Mutantes", e a gravar discos com ele, que soquer cita sua própria influência. "Tem coisas que os Mutantes faziam que os Beatles não saberiam fazer. Não quero denegri-los, mas esses caras estavam na frente."

"Foi a união da fome com a vontade de comer. Não fui eu que fiquei dando aula para eles; ao contrário, eu aprendi com os Mutantes, com o Gil, com o Caetano. No meio de tudo, drogas. "Maconha rolou para todo lado, mas ácido eu não atinei, não tive coragem. Já sabia de várias notícias, não estava a fim de pirar clinicamente. Nunca usei para facilitar êxtases, essas coisas ... No trabalho, procurei estar sempre bem careta, para ver as coisas que estavam acontecendo".

"Havia essa história de misturar todos os tipos de música. Mas eu, em especial, tinha uma predileção por fazer gozação, algumas pornográficas. Por exemplo, na música de Caetano, 'Acrílico', que ele acabou me dando a parceria, tem vários sons feitos num estúdio. Um deles é um peido meu. Fiz questão absoluta disso – e o operador também entrou na farra. Aí eu dizia: 'Da um tempo, fique atento aí'. Um dia, vou contar para todo mundo qual é o lugar em que está esse peido. Isso fazia parte do nível de gozação que a gente estava disposto a assumir. Mas os milicos 1ª, prendendo os caras no fim de 1968", reclama. "Viajei com os Mutantes para aquele festival de Cannes, no qual eles defenderam a canção 'Dom Quixote'. Quando voltamos, o Caetano havia sido preso, estava todo mundo apavorado e nós, na rua, porque o pessoal da Philips achava que tínhamos feito subversivo."

SUBMUNDO ARTÍSTICO

Fala com desdém do mítico *A Banda Tropicalista do Duprat*, seu único álbum. "Não gosto muito daquilo. Eles forçaram muito, aquela foto... O pai do Edu Lobo era produtor – já falecido, Deus o tenha em bom lugar –, mas não entendia as coisas. Então, me fizeram subir em cima da mesa para bater fotografia... Coisa tão boba, ingênua, cretina, mas, enfim, acabei fazendo porque queria, tem umas coisas que eu gosto. Mas ele sofreu um pouco do efeito desse negócio do repertório, de me forçarem um pouco alguma música internacional, mais comercializada."

Após o sucesso comercial, Duprat começou a voltar-se para o submundo artístico, como vários companheiros de geração. "É esse negócio da moda. Para mim, o Brasil tem isso – os Estados Unidos também: essa coisa da obsolescência programada...", fala sem rancor, como se sempre tivesse sabido. Mas sua caminhada rumo ao anonimato foi cercada de marcos na música brasileira. "Fiz um disco inteiro com Alceu Valença e Geraldo Azevedo. Depois, um LP com João Bosco. Mais tarde, algumas coisas com o Terço, com Sá, Rodrix & Guarabyra". Interrompe para lembrar de Walter Franco. "Quem ia produzir o disco dele era o Pica-Pau (o *radialista Walter Silva*), mas, quando ele conheceu o repertório e o artista – que é uma cabeça formidável, tem uma idéia a cada segundo, é impressionante –, pulou fora e passou para mim, porque achou que eu iria ter melhor trânsito. E de fato tive, nos entendemos maravilhosamente, o disco foi uma beleza", recorda-se de *Ou Não*, o primeiro álbum de Franco.

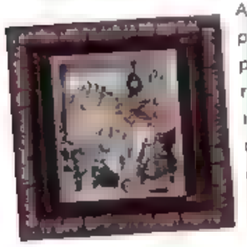
VERBETE DE ENCICLOPÉDIA

"Eu me encontrava no Rio, gravando outro disco, e já tinha ouvido a música 'Construção'", puxa pela memória. "Interessante, era uma brincadeira com proparoxítonas. Então, me mandaram avisar que ele (*Chico Buarque*) estava me chamando e fui direto ouvir. Pedi: 'Me arrumem uma lita, vou trabalhar'. Eles tinham pressa, porque já estavam começando a gravação. Fui para a casa do meu irmão que morava na cidade e escrevi em uma noite, porque tinha de voltar para São Paulo. Deixei na mão do (*Manoel*) Bahrembuem – outro cara espetacular – ou de alguém lá". E assim, Duprat arranjou a dobradinha 'Construção'/"Deus Lhe Pague", guinada artística na carreira de Chico Buarque.

Recentemente requisitado por Lulu Santos e Rita Lee (e por Marisa Monte, que, sua esposa dona Lalá revela, não o procurou mais depois que esta lhe avisou que Duprat não conversava ao telefone, devido à surdez), o maestro curte seu ostracismo com a tranquilidade dos justos. Feliz e falante, não deixou o espírito juvenil que deveria mover qualquer artista envelhecer um ano sequer. Quando perguntado sobre seu verbete numa enciclopédia de música, que apenas descreve sua carreira erudita, menosprezando os fatos históricos descritos até aqui, desconversa com humor e sabedoria. "Em uma enciclopédia, adivinha o que o cara queria botar? Só quer botar coisas *enciclopeidais*..."

Legado disputado a preço de ouro

Único disco tropicalista assinado por Rogério Duprat, o LP *A Banda Tropicalista do Duprat* foi gravado em 1968, no estúdio Scatena, com produção de Manoel Barenbein e participação dos Mutantes.



Apesar de parcialmente rejeitado por seu autor, sem reedição em vinil e inédito em CD, o disco tornou-se peça disputada a preço de ouro por colecionadores de todo o mundo.

Destacam-se no álbum medleys orquestrais para clássicos da MPB e do tropicalismo, como "Canto Chorado", "Lapinha", "Batmacumba", "Frevo Rasgado", "Chega de Saudade" e "Baby". Os Mutantes tocam covers de "Lady Madonna" (Beatles), "The Rain, The Park And Other Things" (dos desconhecidos Cowsills), "Canção Para Inglês Ver/Chiquita Bacana" (Lamartine Babo, João de Barro e Alberto Ribeiro) e "Cinderella-Rockefella". Duprat ainda incluiu uma versão à la Villa-Lobos para outra canção de Lennon & McCartney, a instrumental "Flying".

A capa do LP satiriza a arte de Sgt. Peppers dos Beatles, trocando os ícones utilizados por Peter Blake na versão original por imagens do universo tropicalista, como praia, passistas de escola de samba, índios, céu azul e aguardente (Pitu, para os registros). Na mesma época, apenas Frank Zappa, então à frente dos Mothers Of Invention, teve a mesma idéia ousada no álbum *We Only In It For The Money*, do mesmo ano.

Cabra-Cega

"Tropicalia" – Beck
"Se era tropicalia, ele fez bossa nova. Jorge Ben desde criancinha (*risos*). Nada mal. É sempre isso aí? Ele vai assim até o fim da música?"

"Bom Dia" – XRS Land
"Música eletrônica acabou tendo dois sentidos. Para o pessoal da música pop, é uma coisa. Para o pessoal da música erudita, é outra – Stockhausen fazia isso em 1900 e nada. É uma coisa meio antiga, vocês têm a data disso? Tem um pé na favela."

"Muzik Response" – Chemical Brothers
"Caracteres indianos? Por enquanto, é interessante. O começo foi bom, agora esse roquinho aí é muito sem-vergonha. Prefiro o Abu Jamra (*do Karnak*)."

"Honey" – Moby
"Começa bem. A impressão que tenho é de que ele não ouviu Janis Joplin, Jim Hendrix e muito menos Zappa. É uma coisa antiga."

"Race For The Prize" – Flaming Lips
"Não tem voz? (*espera*) O vocal é *beatleano*, parece Paul McCartney. O sonzão do grupo é bom, é gostoso."

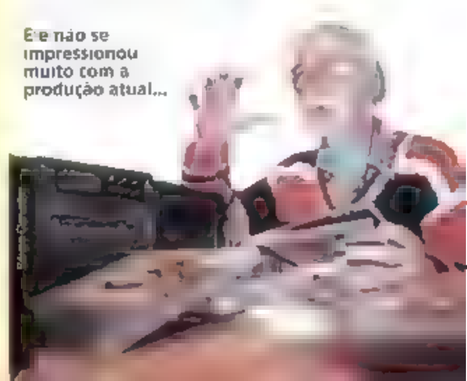
"Nada Vai Mudar" – Mopho
"É brasileiro? Devia se chamar Mopho Deu (*risos*). O começo é bom. Ah, tem umas coisas que acontecem no fundão (*empolga-se*), no quinto plano? A música é simples, mas é uma boa idéia. Eles podiam fazer algo deste tipo ao vivo, com uma distribuição farta de fontes. E de Alagoas? Gravado lá? O estúdio deve ser do tamanho desta sala."

"Holes" – Mercury Rev
"É romântico... É quase clássico, bom... É bonito, mas muito igual. Cria aquela cama e vai..."

"A Lad And A Maid..." – Jupiter Apple
"Gaúcho? A gauchada é complicada (*risos*)... O baixista é o dono do conjunto, provavelmente. Ele toca tudo? Ele fez sozinho? (*impressionado*) Mas ele toca é baixo. É um pouco repetitivo, gostei mais dos alagoanos."

"Amor I Love You" – Marisa Monte
"Isso é tudo coisa dela? É do Carlinhos Brown? Esse Carlinhos Brown já me encheu o saco também, ele é prepotente... Fã a demais! Esses baianos todos têm uma verborragia brabal"

"Hideaway" – Olivia Tremor Control
"É brasileiro? Não? Parece coisa do tempo da Jovem Guarda, hein? Martinha..."



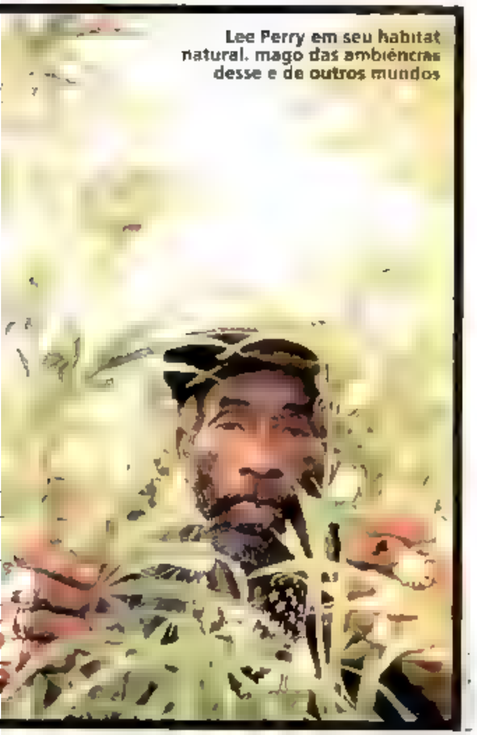
Ele não se impressionou muito com a produção atual...

...para você entender o dub

Conheça a vertente psicodélica do reggae, na qual a base rítmica é reforçada e camadas e mais camadas de efeitos completam a viagem

O Ministério da Saúde não adverte, mas deveria: ouvir muito dub causa desorientação total e absoluta na mente. O impacto é tanto que periga fazer com que você, chapadíssimo, tenha vontade de ligar para uma Nasa imaginária e dizer: "Kingston, nos temos um problema". A vertente psicodélica do reggae é assim: faz com que qualquer um se sinta perdido no espaço. A culpa é de alguns cientistas loucos disfarçados de engenheiros de som e produtores, pioneiros como King Tubby, Coxsone Dodd, Lee Perry e Prince Jammy, entre outros, que pegaram uma tradição jamaicana – o lado B de um compacto quase sempre vinha com a versão instrumental da música, para que o público ou o MC pudesse cantar por cima – e viajaram até onde homem algum jamais tinha estado. Usando o estúdio como um instrumento e geralmente contando com a ajuda de uma certa fumaça mágica, eles começaram a subverter a ordem natural das músicas, reforçando a base rítmica (baixo e bateria) e tirando e botando as partes consideradas secundárias (teclados, guitarras etc.) ao seu bel-prazer. A isso, acrescentaram um arsenal de efeitos (principalmente ecos), que só fez aumentar o aspecto hipnótico desse som. Nasceu assim o dub, que acabou se tornando um dos subgêneros mais populares do reggae, um som tão viajante que acabou indo parar muito além da Jamaica, influenciando boa parte da música pop e, principalmente, a cultura dance.

Afinal, foi graças aos experimentos dub que surgiram os remixes, tão populares hoje em dia. Para não se perder no universo em movimento do estilo, é bom você se guiar por alguns discos fundamentais. E encará-los como estrelas que brilham e desaparecem num céu...Ops, Kingston, nós continuamos com problemas.



Lee Perry em seu habitat natural, mago das ambiências desse e de outros mundos

AUGUSTUS PABLO
King Tubby Meets Rockers Uptown (1976)
Um clássico por tudo e por todos. Pela banda formada por Kenneth Shakespeare, Clinton Smith e Aston "Family Man" Barrel, pela mixagem mágica do mestre King Tubby, um dos pais do dub, e claro, pelo reggae e pelo timbre encantador da melódica (um teclado tocado por sopro), do genial nosso Augustus Pablo, falecido recentemente. Para sentir o poder do ritmo junto à massa jamaicana: a música que abre o disco – "Jah I Love You So", versão bem superior ao original de Jacob Miller, que também é ótimo – foi tocada normais 1 000 vezes ao vivo em uma noite só no verão e se dela for possível um sonho bom, este disco é item fundamental em qualquer discoteca dub.

VÁRIOS
Return To Umoja (1996)
Um [illegible] Não! Isto não é. Não é trilha sonora de uma tribo mística, mas de um disco que reúne alguns momentos clássicos do dub dos anos 70, trazendo [illegible] compactos difíceis de serem encontrados, de pesos pesados como Black Uhuru, Augustus Pablo, The Tamlins, The Heptones, Junior Delgado e Jah Shaka. Todas as músicas são do arquivo do DEB, selo criado em Londres pelo produtor Castro Brown e pelo cantor Dennis Brown, que buscava assim sair das mãos da poderosíssima [illegible] donos de estúdio na Jamaica. Você [illegible] bem até o começo dos anos 80, quando o DEB fechou suas portas. E Dennis Brown, infelizmente, foi há pouco tempo ao encontro de Jah.

ZION TRAIN
Passage To Indica (1992)
O Zion Train é outra maravilha vinda do nosso acervo do reggae inglês, o único da [illegible] tado a fazer frente ao original jamaicano. Inovador e militante, o grupo faz em *Passage To Indica* um mergulho soturno no universo dub, em faixas *looooongas* (como "Shining Light Stepper", com mais de 20 minutos) que parecem nunca acabar. Deliciosamente sinistro. No encarte, o pessoal da banda junta dados sobre a devastação do planeta, cultura indígena (como a velocidade de alguns animais) e ainda enumera as razões pelas quais uma certa erva deve ser tornada legal. Da mesma banda vale também conferir o disco *Homegrown Fantasy*, que veio dias depois sem perder o fio [illegible] dade.

DUB SYNDICATE
Research And Development (1996)
Um trabalho marcante do renomado selo On U Sound criado em 1983 pelo produtor Adrian Sherwood, um franquelo fissurado tanto em punk como reggae e que logo se tornaria um dos responsáveis, ao lado de Mad Professor, pela linguagem própria do dub inglês. Neste disco, o Dub Syndicate – um dos muitos projetos nascidos dentro do selo – mostra que também é bom de remixes indo do som [illegible] até misturas (bem feitas) com o drum'n'bass, que, como indica o nome, tem parentesco com o dub.

AFRICAN HEAD CHARGE
In Pursuit Of Shashamane Land (1993)
Há quem diga que o African Head Charge é o Punk Fiévd de negão. Tem a ver. O grupo, na verdade, é um produto da mente privilegiada do percussionista e vocalista Bonjo I, outra cria do On-U-Sound. Aqui, ele usa bases percussivas absurdamente funky, linhas de baixo sinuosas, cantos africanos sampleados e camadas e mais camadas de efeitos para criar um som épico e único entre o primitivo e o moderno. O resultado é que *In Pursuit...* acaba soando como a trilha para uma versão imaginária, criada na sua mente, mas dirigida por Bonjo I, de *As Minas Do Rei Salomão*. E nem é preciso dizer [illegible] esta [illegible].

LEE PERRY
Arkology (1997)
Caixa com três CD que traz a obra de Lee "Scratch" Perry o Dalí do dub reggae capaz de botar [illegible] as surreais em qualquer ritmo [illegible] como sirenes, gritos de [illegible] e batuques dos Upsetters. Mas se resumisse a isso, não se limitava a isso. No estúdio Black Ark, que explorou cada detalhe do [illegible] nal sta do dub, dando cores novas ao trabalho de [illegible] como The Wailers, Heptones, Max Romeo, Junior Murvin e muitos outros. Quem [illegible] de fazer sou [illegible] um dos visionários que descobriu que o estúdio poderia ser um instrumento. Só que [illegible], num acesso de loucura, Perry botou fogo no Black Ark, quem [illegible] última ponta. Seu trabalho, porém, não virou cinza e até hoje [illegible] Depois dos fizeram uma edição especial de sua revista *Grand Royal*, de [illegible].

BURNING SPEAR
Garvey's Ghost (1976)
O lado escuro e enfumaçado do disco *Marcus Garvey*, lançado em 1975 pelo Burning Spear, um dos mais respeitados nomes do reggae. Nele, o ritmo [illegible] e marcante do original – que sempre marcou o trabalho do artista – é substituído por camadas de efeito, [illegible] do produtor Jack Ruby. O sucesso de *Garvey's Ghost* foi tanto que ele passou a ser mais cultuado (e muitas vezes mais vendido) do que o próprio *Marcus Garvey*. Um feito, pois, ao lado de *Catch A Fire* dos Wailers, este foi um dos discos que mais ajudou a história do reggae [illegible] a ser [illegible] álbuns completos com [illegible] dos assim por um mesmo artista, e não um [illegible] singles reunidos por razões comerciais. Há uma versão em CD que reúne os dois discos. Ou seja: é imperdível.

ASWAD
Hulet (1979)
O mais completo [illegible] do reggae de [illegible] tempos, o [illegible] os Aswad flexionam os músculos neste disco que não é exclusivamente de dub (ouça *A New Chapter Of Dub*, outro momento especial da sua discografia), mas que usa as sutilezas [illegible] ambiências do estilo para criar uma obra de inspiração soul. Quando *Hulet* foi lançado, o Aswad não tinha o formato que o consagrou – o trio Brinsley Forde, Drummie Zeb e Tony Gad [illegible] e ainda era um quinteto, completado pelo baixista Ras Levi [illegible] o guitarrista Donald Benjamin. A qualidade [illegible] assinatura Aswad, porém, é mantida de qualquer forma. O disco é uma ponte imaginária ligando Londres, Kingston e Detroit: [illegible] m da Motown e da soul music. Ouça a bela "Can't Walk The Streets" e confirme. *Hulet* é uma obra-prima do dub melódico. Show!

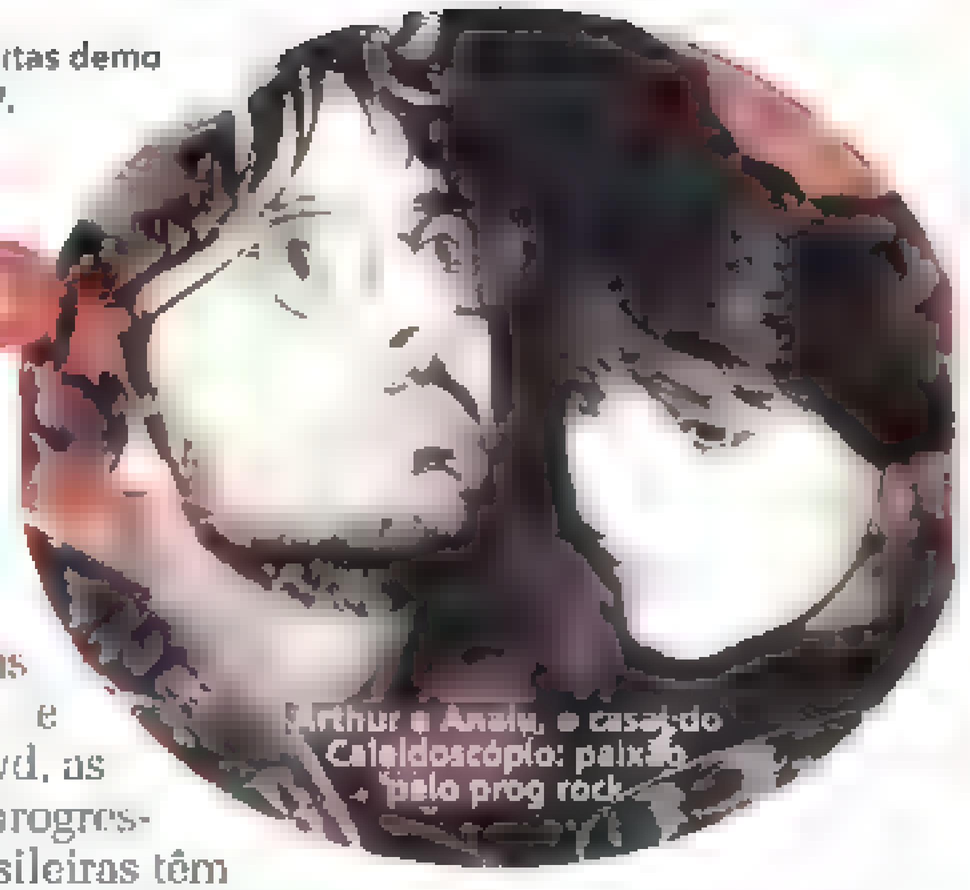
MASSIVE ATTACK VS MAD PROFESSOR
No Protection (1995)
Sempre foi nítida a influência do dub no som chapante do Massive Attack, e no trip-hop em geral – basta ouvir o que fazem Portishead e Tricky. Mas em *No Protection*, o grupo de Bristol leva tudo às últimas consequências, graças à [illegible] radinha com Mad Professor, craque no dub feito na Inglaterra. No disco, o "Professor" vira ao avesso as músicas de *Protection*, o segundo trabalho do Massive Attack, que se transforma num rolo compressor de efeitos que, [illegible], não estavam aqui antes. Para completar a festa, ainda há as vocais de Tricky, Nicolette, Horace Andy e Tracey Thorn (do Everything But The Girl) flutuando por toda a parte e que servem para lembrar como eram as canções originais.

THE ORB
Adventures Beyond The Ultraworld (1991)
Não se engane com as aparências. O Orb de Alex Patterson, é um projeto de música eletrônica que bebeu muito nas águas sagradas do dub. Em *Adventures*... tudo é fluido e misterioso, fazendo com que nunca se saiba quando a música começa ou termina. A tapeçaria dub de Patterson chega ao auge na faixa (tomou fôlego?) "A Huge Ever Growing Pulsating Brain That Rules From The Centre Of The Ultraworld Live Mix mk 10", grande no título e na duração. O transe causado por essa canção e pelo resto do disco é tamanho que, [illegible], um amigo meu quase bateu com o carro numa estrada vazia de madrugada por estar viajando ao som do Orb. Ele disse que, por um instante, perdeu a noção de onde estava. Dub tem dessas coisas...

Carlos Albuquerque

Discos independentes, CDs e fitas demo
Envie para: Caixa Postal 66157,
CEP 05315-970, SP

Progressivo sim, e daí?



Arthur e Analu, o casal do Caleidoscópio: paixão pelo prog rock

Falar em progressivo talvez assuste quem está acostumado com a música que domina as rádios brasileiras. Muitas vezes, o termo é sinônimo de música longa, chata e retrógrada. Os seguidores do estilo quase sempre são músicos profissionais, dão aulas de canto ou de algum instrumento, ou trabalham com música em tempo integral. O resultado? Um trabalho bem elaborado, com influências da música clássica, difícil de ser assimilado à primeira audição. Inspiradas por Yes e Pink Floyd, as bandas progressivas brasileiras têm grande parte de seus fãs no exterior, apesar de acharem que o público local está cada vez mais aberto ao estilo. Para quem não tem medo do desconhecido, aqui vão algumas das principais artistas do cenário

Caleidoscópio [illegible] alizado pelos [illegible] cas Analu Paredes e Arthur Nogueira, a banda começou em 1989, quando [illegible] com mais de [illegible] sicos, gravou *O Sete*. O grupo inglês Renaissance é o grande inspirador. Analu grávida durante a produção do disco, [illegible] gou a ficar preocupada, pois poderia ter problemas com o diafragma na hora de cantar, comprometendo seu belo vocal. Mas a barriguda ajudou: "Fiquei mais sensível e emotiva". **Contatos: Tel. (21) 569-1095; site: www.caleid.com.br**

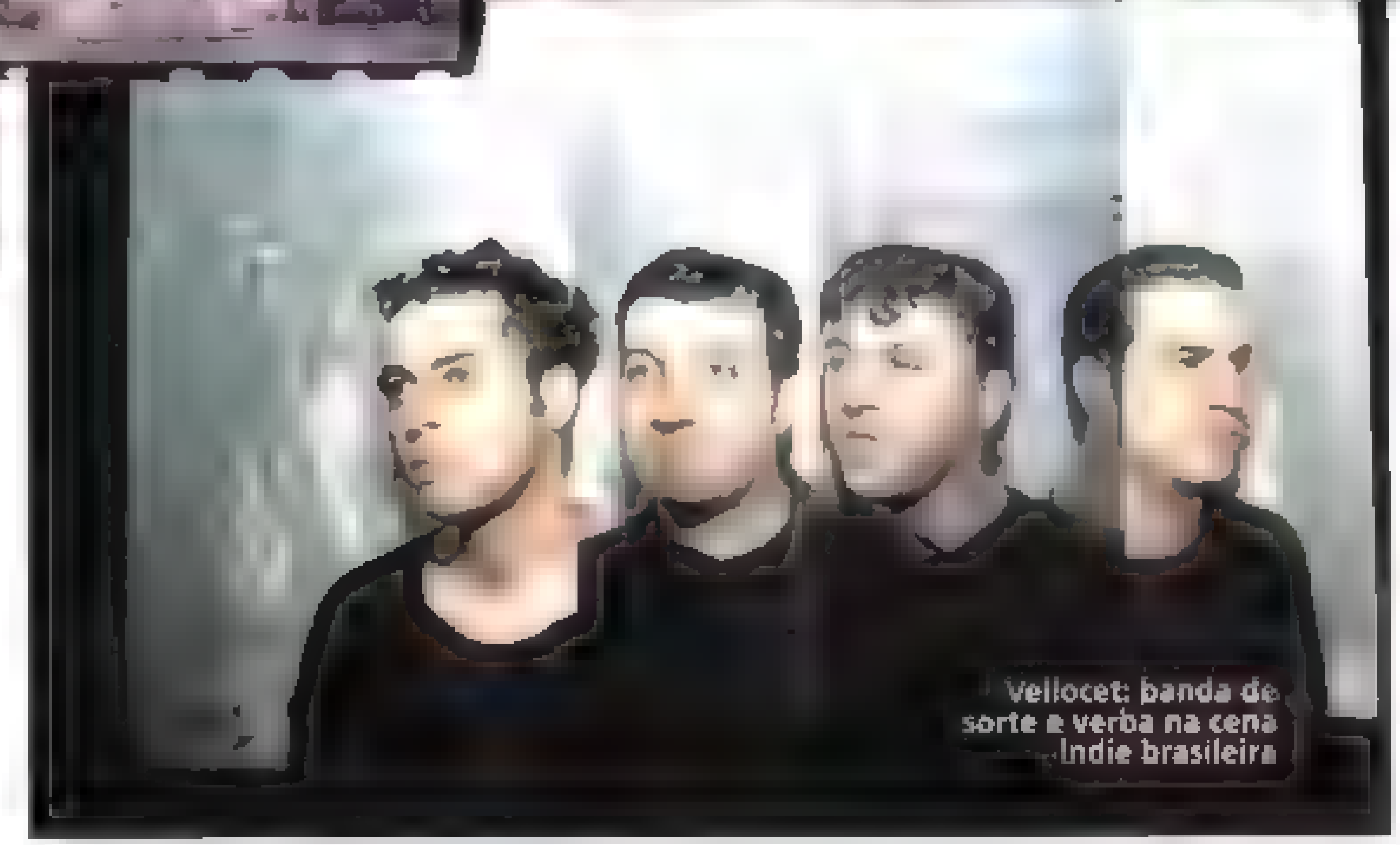
Calix Os [illegible] lançaram seu primeiro álbum, *Canções De Beurin*, dia 13 de abril, em um show que lotou o Teatro Minas Centro, em Belo Horizonte. A produção é ótima e os vocais, impecáveis. Venderam quase 3 mil cópias e, por pressão do público, algumas das emissoras de rádio locais já tocam faixas do CD. "Evitamos dizer que a banda faz rock progressivo", diz o guitarrista Sanzio, evidenciando que o preconceito existe. **Contatos: Tel. (31) 9981-0474; site: www.calix.art.br**

Tempus Fugit Seu nome vem de uma das músicas do Yes e quer dizer "o tempo voa". O quinteto carioca, na ativa há dez anos, já tem dois álbuns gravados: *Tales From The Forgotten World* e *The Dawn After The Storm*. As 6 mil cópias vendidas garantiram convites para tocar na Argentina e nos EUA. "Uma voz, mandei um autógrafo, via internet, para um cara na Bélgica", conta orgulhoso o [illegible] vocalista André Mello. **Contatos: Tel. (21) 415-2648, e-mail: [illegible]**

Rústico e refinado

Depois de quase dez anos tocando bateria no Living In The Shit, grupo que fazia um rock "funkeado" com pitadas de reggae, e cansado de toda a parafernália e equipe que uma banda exige, Juninho inventou o Sonic Júnior. A concretização aconteceu quando um amigo, ao voltar de Londres, apresentou para ele o groovebox (um modulador e editor de sons) que trazia na bagagem. Foi paixão à primeira batida. Juninho conseguiu um e começou a compor e gravar sozinho. A bateria, o baixo, os efeitos eletrônicos, as letras e as melodias dos vocais estavam em cima, mas ainda faltava alguma coisa para que a música ficasse completa. Aldo, um amigo e músico da cena local maceioense foi convidado a contribuir com sua guitarra. A dupla já tem dois CDs gravados, ambos sem nome e mostrando um breakbeat influenciado por tudo o que eles ouvem: funk dos anos 60, jazz, DJ Shadow, Massive Attack, Jorge Ben... As letras, sempre em português, celebram a terra natal e as experiências pessoais de Juninho. "Gosto de falar pouco. A letra não precisa ser uma história completa. Prefiro lançar idéias para que as pessoas pensem. Cada um acaba tendo uma visão diferente do mesmo verso", explica o come-quieto alagoano. Contatos: Tel. (82) 973-1657; site: http://listen.to/sonicjunior

Retratos do underground



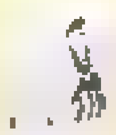
Vellocet: banda de sorte e verba na cena indie brasileira

Quem assistiu [illegible] com o [illegible] de "Inside My Mind" [illegible] quarteto mineiro **Vellocet**. É uma seqüência de mais de 3.500 quadros, construídos a partir de 1.500 slides, que levaram [illegible] a Gustavo [illegible] de 100 horas para serem tirados. A animação fotográfica demorou cerca de dois meses para ser finalizada e custou [illegible] não mais que R$ 1.000. A história do Vellocet começou em 1997, quando Alisson (guitarra) e Emerson (guitarra e voz) se conheceram, sedentos para montar uma banda. A estréia em palco não poderia ser melhor: abriram um show dos norte-americanos do Superchunk em Belo Horizonte. Basicamente influenciados por grupos britânicos das décadas de 80 e 90, [illegible] My Bloody Valentine, Ride, Teenage Fanclub, seguem a cartilha das bandas independentes brasileiras de rock alternativo: guitarras marcantes, arranjos pop, melodias e vocais tristonhos e letras em inglês. Até agora, lançaram apenas uma demo, *Demonstration Tape Nº 1*, em 1998, e participaram da coletânea *Em Órbita*. "O álbum deve sair ainda este ano", garante Gustavo. Se ficar bom como o clipe... **Contatos: Tel. (31) 223-9896, site: www.dathaweb.com.br/vellocet**

Raio-D Um exame nas fitas-demo mais interessantes do mês

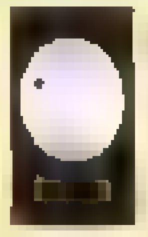
Delinquentes

Som: Hardcore/metal
Origem: Belém, PA
Auto-retrato: "Somos influenciados pelo hardcore europeu e nova-iorquino, Ministry e Sonic Youth. As letras precisam ser em português – afinal, queremos passar uma mensagem. Estamos há 14 anos na ativa, mas parece que começamos agora. Antes era mais brincadeira."
Resumo crítico: A demo *Planeta Dos Macacos*, do meio do ano passado, é a quinta da banda e foi gravada, ao vivo, no programa *Balanço Do Rock*, da rádio Cultura FM (93.7), de Belém. Um novo CD está quase saindo e, até o começo de agosto, o quinteto cairá na estrada para divulgar seu trabalho pelo Nordeste, com shows nas principais capitais.
Produção: Muito boa
Contatos: Tel. (91) 225-3409; e-mail: delinquenteshc@zipmail.com.br



S'punk The Monkey

Som: Punk rock
Origem: Curitiba, PR
Auto-retrato: "Nossas músicas falam de problemas sociais, de amor, de ódio, de drogas, de besteiras. Tocamos praticamente todo fim de semana e queremos que as coisas aconteçam naturalmente, sem forçar nada na mídia, por isso nunca nos empenhamos em fazer divulgação."
Resumo crítico: Em 1998, o quarteto se juntou para agitar um barulho e tocar umas covers. Músicas próprias foram surgindo naturalmente, seguindo a fórmula do hardcore-punk californiano de NOFX e Vandals. A demo saiu em dezembro do ano passado, e o quarteto já tem 14 músicas novas para o primeiro álbum, que deve ser gravado ainda este ano.
Produção: Regular
Contatos: Tel. (41) 262-1365; e-mail: pcprosdoomo@inexport.com.br



Elemento Neutro

Som: Rock pop
Origem: Niterói, RJ
Auto-retrato: "Nascemos em 1996, misturando nossas idéias e gostos musicais. As influências são bandas como Legião Urbana, Maria Bacana e Nirvana. Queremos conquistar nosso espaço, sempre tocando com sinceridade, pois o povo brasileiro já é enganado em quase tudo o que vê e escuta."
Resumo crítico: Ainda com o nome de DIP.AI-5, fizeram uma ponta no programa *Brasil Legal*, de Regina Casé. Em 1998, viraram Elemento Neutro e lançaram a homônima primeira demo. Cantam em português e escrevem sobre experiências, ídolos e problemas sociais. Os integrantes não possuem recursos financeiros para lançar um CD, mas estão ávidos e possuem qualidades para tal.
Produção: Boa
Contatos: Tel. (21) 722-1767 ou 622-0833

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

E bota sagacidade nisso!

Provocação e inventividade andam juntas no terceiro trabalho dos cariocas

PLANET HEMP
A Invasão Do Sagaz Homem Fumaça (9)
Sony

Na edição passada de SHOWBIZZ, Marcelo D2 falava que a música "Contexto", do recém-lançado *A Invasão Do Sagaz Homem Fumaça*, era "o equilíbrio perfeito entre rock, hip-hop e samba". Ele não estava mentindo. Oito segundos são suficientes para perceber o poder dessa canção — e, por tabela, de todo o álbum. É quando o rapper interrompe Gustavo Black Alien para declarar "a parada é a seguinte: tem gente que está dizendo que o Planet Hemp faz apologia às drogas". Na sequência, entra um sample afirmando "é mentira" em tom totalmente maroto, extraído da música homônima de Marcos Valle. A provocação, finíssima (só escutando para sacar), já vale o álbum.

Na verdade, D2 foi até modesto. Ele devia se empolgar e dizer que "Contexto" será o farol da nova era musical, que quem quiser soar bacana terá nela um molde a seguir, que o caminho ali mostrado iluminará a produção das cabeças pensantes. Os ingredientes citados por ele na combinação da música acabam forjando outra levada, muito mais chapante que todos os baseados acesos pela banda: o hip-hop brasileiro, que dá o recado na manha, sem perder a capacidade de rir disso tudo que está aí ao longo das faixas do terceiro trabalho do Planet Hemp (o primeiro depois da onda de prisões e repressões que se abateu sobre o grupo).

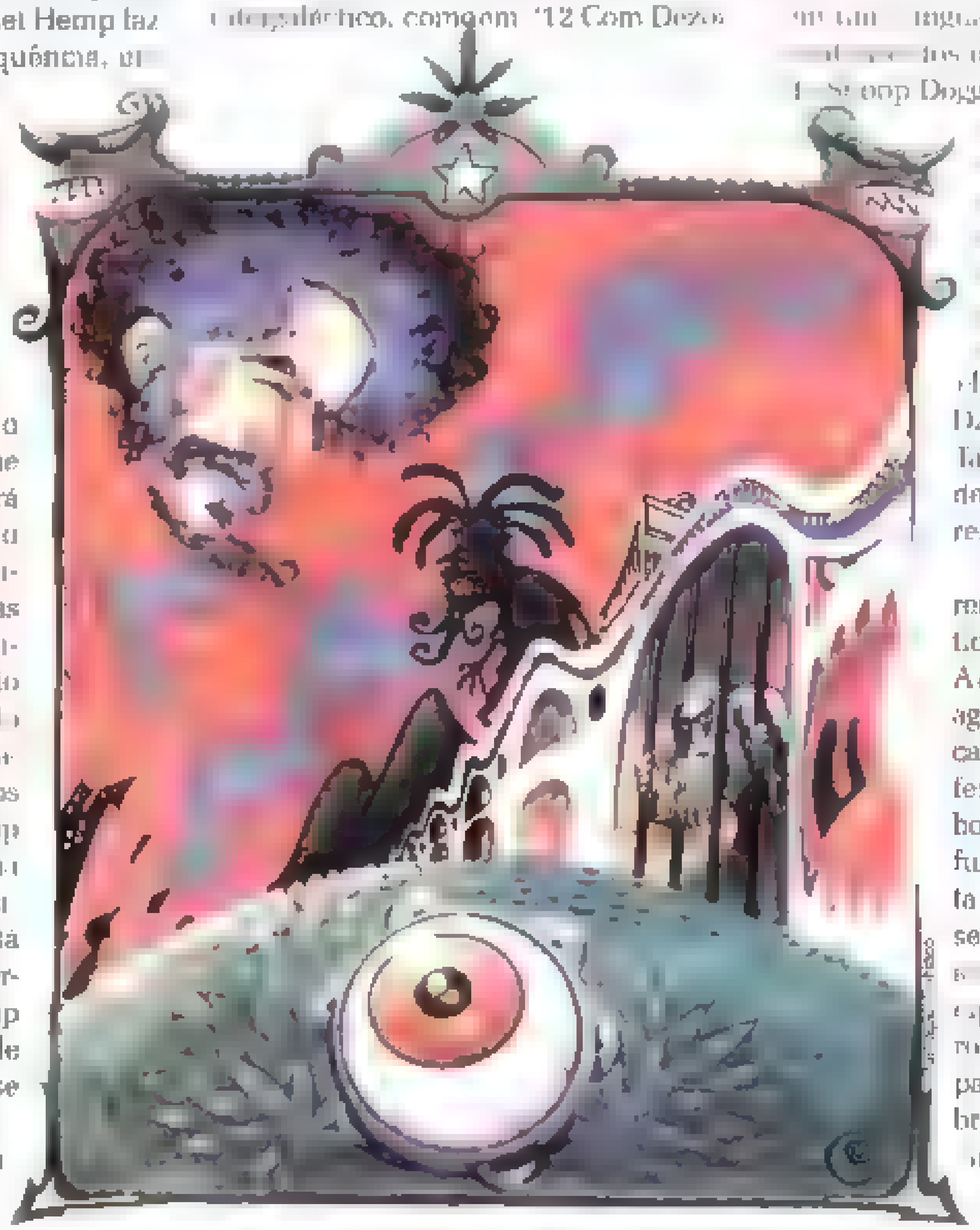
Tanto faz se é melhor ou pior que o original norte-americano, que busca bases no imenso [illegible]al de R&B e funk disponível. E [illegible] agrega, sim, características da [illegible]triz, mas sempre com algo que o distingue do similar importado. "Stab", com [illegible] Black Rio e instrumental escandalosamente rico em timbres (ainda mais para um grupo de rap), é outra que se [illegible] nesta categoria. E a esperta flau[illegible] da profissão de fé "É Isso Que Eu Tenho No Sangue" acaba fazendo a ponte entre o ritmo e a realidade daqui com [illegible] influências de fora.

Aí entra mais uma imensa qualidade do disco, que é a de superar, em alguns momentos, os modelos nos quais o Planet Hemp se espelha. Quando quer fazer funk [illegible], como em "12 Com Dezes[illegible]", a banda acrescenta trechos do noticiário policial da época em que seus integrantes foram presos e tem a presença de espírito de, no meio da música, parar tudo e deixar apenas um batidão do morro acompanhando, coisa que os Beastie Boys não conhecem. Do Cypress Hill, irmão conceitual do grupo, aparece Sen Dog para engordar a bandeirosa "Quem Tem Seda", onda chicana que seria destaque se estivesse no anêmico último disco dos angelenos, *Skull & Bones*.

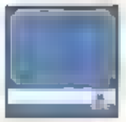
Se o desafio e desaforo e afronta às autoridades, a perspicácia de D2 deixa todo mundo para trás, provocando o bom-mocismo com versos como "pensou que [illegible] [illegible] de maconha? Que vergonha", em uma língua que a gente entende, ao [illegible] Snoop Dogg. Ao mesmo tempo, ele é [illegible] suficiente para [illegible] a sabedoria de [illegible] precisa resolver [illegible] no livro". Nem era ne[illegible], pois a galera que [illegible] se formou para gravar [illegible] disco (oito ou nove elementos, pelas contas de D2) mete medo como o Wu-Tang Clan, com a vantagem de nem todo mundo ali querer dar uma de artista solo.

No Rio, "sagaz" é gíria corrente, com significado idêntico ao que a palavra tem no Aurélio, "manhoso, com agudeza de espírito, perspicaz, astuto" — palavras perfeitas para descrever a nova bomba do Planet Hemp. A fumaça está presente, só falta a invasão. Que ela venha sem hardcore fuleiro e sem [illegible]-título (com participação de Seu Jorge, ex-Farofa Carioca, não seria não...), para o desfrute fluir sem sobressaltos e a banda ganhar um dez com estrelinhas.

Emerson Gasperin



Chaparral!



QUEENS OF THE STONE AGE
Rated R (10)
Interscope IMPORTADO

Roqueiro' prepare-se para atirar seus discos do Metallica e do Pearl Jam na privada. Chegou a sua vação. Saudado como o acontecimento mais importante desde que *Nevermind* chegou às lojas, *Rated R* traz consigo a esperança de que o grande publico conheça a perfeição do Queens Of The Stone Age, que teve seu primeiro álbum (uma das cinco melhores estréias de todos os tempos) lançado pela Roadrunner e ignorado – por aqui em 1999. Mentor da banda, Josh Homme é o melhor guitarrista que já pisou na face da Terra e tem gente que aiardeia isso desde que, aos 16 anos, Josh criou o fundamental Kyuss, em 1990. Repelindo sequências de acordes como se estivesse fazendo musica eletrônica (mais precisamente, trance), esse gênio inventou o "robot rock" (som pesado + riffs econômicos + bateria minimalista) e fez nascer o rótulo *stoner*.

Ouvir o Queens é entrar num universo. O exemplo já está na faixa que abre *Rated R*, "No one, valium, vicodyn, marijuana, ecstasy and alcohol. C c c cocaine" são as unicas palavras que se escutam em "Feel Good Hit Of The Summer", a "Paranoid" do disco, com título Rob Halford (ex-Judas Priest) ajudando nos vocais (outro convidado é Mark Lanegan, do Screaming Trees, que solta sua rouquidão em "In The Fade"). A função é abrir um rombo na cabeça do ouvinte e, ao mesmo tempo, viciá-lo. Faltam espaço e palavras para descrever a sensação.

José Flávio Júnior

Josh Homme (à esq.) e o baixista Nick Oliveri: Califórnia alucinados

VÁRIOS
Nativity In Black II - A Tribute To Black Sabbath (6)
Priority Records/Virgin

Melhores versões saem a quase tapa dos artigos. Mas nem mesmo as dezenas de várias versões gravações [illegible] para homenagear o Black Sabbath (ou pelo menos o Black Sabbath da época em que Ozzy Osbourne era o vocalista) conseguem ser tão ruins quanto as que estão neste *Nativity In Black II*. Os [illegible] são de péssimo gosto, como a de Ozzy Osbourne e companhia para "Sweet Leaf", que parece ter sido gravada por um bando de bêbados que sempre dão uns sustos na gente. O pessoal do nu metal também passa em branco nesta coletânea. Só o Static X ("Behind The Wall Of Sleep") e o Hed PE ("Sabbra Cadabra") se aproximam do peso, mas têm aquela insuportável tendência de [illegible] que passa longe [illegible] Black Sabbath. Os covers mais interessantes são os mais comedidos, como o Soundgarden para "Supernaut" e o Deftones para "Snowblind". O Monster Magnet [illegible] com [illegible] ções [illegible] "Into The Void" para [illegible] pelos [illegible] rapper Busta Rhymes pega o clássico [illegible] de Ice Mad faz hip-hop e [illegible]. Não obrigado. Já o Megadeth levando "Never Say Die" quase idêntica à original. Só [illegible] mandando ver em "Children Of Doom" e os barulhentos Pantera e Soulfly [illegible] Pantera. Enfim, [illegible] que [illegible] "Under The Sun". Mas bom mesmo é o cavernoso Black Sabbath verdadeiro.

Bernardo Araújo

JONI MITCHELL
Both Sides Now (9)
Elektra/WEA

Sempre foi investe[illegible] velhas canções de agora. Melhor cantora pop [illegible] Mitchell [illegible] a pop. Vende [illegible] vez [illegible] vez diminuindo [illegible] passar [illegible] vem [illegible] representando [illegible] Pois desta vez a [illegible] foi longe demais [illegible] Depois [illegible] vez de [illegible] começar [illegible] para as [illegible] Compositores [illegible] cantar [illegible] com [illegible] reacionário [illegible] fornecer [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] canções entre as décadas de 20 e de 50. Acompanhada por uma grande orquestra, ela canta todas as formas de paixão, do conformismo à entrega ardorosa, do ciúme à loucura. Extinta Coffee [illegible] [illegible] [illegible] passa a pentes versos de clássicos como "Stormy Weather" e "Don't Worry, Be Happy". Mesmo [illegible] [illegible] Both Sides Now" e "Close Of Day" [illegible] respectivamente de 1966 e 1972. As interpretações [illegible] sensacionais. Todo [illegible] [illegible] [illegible] que [illegible] [illegible] cantado por [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

ZÉ RAMALHO
Nação Nordestina (10)
Anima/BMG

O Nordeste na visão de um grande cantador

O universo musical do Nordeste já foi reverenciado por uma infinidade de cantores e compositores, mas poucos conseguiram (e conseguem) cumprir a tarefa com tanta propriedade quanto Zé Ramalho. Ao longo de seu novo trabalho, um CD duplo com 20 faixas, ele fala das lutas do povo nordestino de várias formas, cedendo voz a canções próprias e de outros autores. Além da excelência do repertório, chama a atenção algo que já vinha se manifestando em boa parte da carreira do artista: as músicas parecem ter sido feitas especialmente para explorar tal ou qual peculiaridade das interpretações. Assim, clássicos como "Era Não Dizer Que Não Falou Das Flores" (Geraldo Vandré), "Lamento Sertanejo" (Dominguinhos/Gilberto Gil), "Amar Quem Lhe Já Amou" (João do Vale) e "Pau de Arara" (Luiz Gonzaga) ficam com o jeitão de Zé Ramalho. Ele comparece ainda, com belíssimas e contundentes composições próprias, como "Seros Aludos", "Garrote Ferido" e "Digo Não Em Poesia". A tudo isso, some-se a competente produção de Roberto Lucena do Recife. Ah, a capa lembra a do *Sgt. Peppers* dos Beatles, não? Só que aqui, claro, figuras e frases identificadas com a região tomam o lugar dos personagens eternizados na antológica capa dos Fabulosos. Guardadas as devidas proporções, ambos os discos são conceituais e retratam as origens de seus criadores. É de propósito mesmo, e ficou muito gostoso.
Toninho Spessoto

VÁRIOS
Magnolia (7)
Warner

Folk-pop de Aimee Mann embala trilha coerente

No verão de 1997, o cineasta Paul Thomas Anderson e a cantora Aimee Mann resolveram agregar forças para desenvolverem o roteiro do longa-metragem *Magnolia*. Tal como a inusitada união, a trilha e os personagens do filme parecem ter algo mais em comum: ambos buscam o perdão por atos passados. Mas o que o CD tem a ver com isso? De uns anos para cá, é cada vez mais raro encontrar uma trilha com algum nexo. Joga-se para vender músicas e ocupar outras tantas. Em *Magnolia*, a atriz, novo das 12 canções, inclui sido a cover de "Ono" (não, não é aquela do Metallica, e sim a de Harry Nilsson, compositor de rock dos anos 60), possuem carimbo da americana Aimee Mann – ponto para ela. Tente perdoá-la por atravessar boa parte dos anos 80 como vocalista da "Bolhinha" e descartável banda 'Til Tuesday (quem?). Em 1993, comandando o sumiço new wave e o visual "cabelo bufante" para escanteio, a moçoila se redimiu e provou nesse uma promissora compositora no prato do folk-pop. Das suas colaborações, algumas soam prazerosamente teatrais e sumgada "Momentum" e as belas baladas "Save Me" e "Deathly". No fechar das cortinas, o disco reserva seu maior pecado: a inclusão de dois "clássicos" do jurassico Supertramp, só atenuada por que o testemunho [illegible] me e sabe da relevância dessas canções para uma rena em particular. Descontar do angustiados, o CD conseguiu a absolvição. Para quem gostou do filme, a trilha deve funcionar.
Marco Bezzi

GRANT-LEE PHILLIPS
Ladies' Love Oracle (8)
Mangetar Fields Recordings IMPORTADO

Búfalo desgarrado é mais forte que vacas sagradas

Ex-[illegible] de carreira solo, Grant Lee Phillips gravou quatro LPs do seu [illegible] melosos, uma ou outra [illegible] de 1994. Vítima por vezes [illegible] tarde, ele [illegible] de repetir [illegible] obtido por Buffy Sainte-Marie nas gravações [illegible] sado. Agora, o vocalista e guitarrista [illegible] grupo Grant Lee Buffalo [illegible] ses) Grant Lee [illegible] se soltar de uma banda para que suas composições pudessem [illegible] mais destaque. Fez mais: provou que, mesmo desgarrado, um búfalo só [illegible] pode ser mais forte do que uma manada inteira de vacas sagradas.
Carlos Marcelo

CASSETA & PLANETA
The Best Of (7)
[illegible]

Humoristas afinam no sarro mas continuam do c*

[illegible] apenas arrombou o humor brasileiro. Há mais de dez anos, a Casseta se impôs como [illegible] grande instituição [illegible] celebrizou-os. Esqueça [illegible] cavernosa por mais [illegible] humor seja, instituição acaba se [illegible] mais em pressa [illegible] tipo de [illegible]. A [illegible] musicais com pitadas aqui [illegible] holografias na letra do "Tributo A Bob Marley", "Sexo e Violência" [illegible] "Casseta" [illegible] daqui são assim. [illegible] O "pá" que parou" de Reinaldo [illegible] no samba-pop "Eu Tô Irritado" [illegible] mo inquisitivo, foi enterrado [illegible] Lan da Inxa. O arranjo de "Com Licença Gente Passando Fome" [illegible] feito retrão "com [illegible] é" pra fazer coco [illegible] esta inexplicavelmente transformado num ska meia-boca. Mas, e daí? Musicas com 12 anos como "Mac Fé Me [illegible] soam clássicas. Impossível não adorar "Menina de Tremembé" [illegible] black music metida a ch[illegible] com trompete enfiado em [illegible] corpo de mulher, com [illegible] "Casa de Ver[illegible] e Marcos Sa[illegible] [illegible] [illegible] [

THE GATHERING
If Then Else ⑥
Century Media

Com dez anos de carreira e no sétimo trabalho (primeiro lançado no Brasil), o quinteto holandês mostra que não pretende se limitar ao metal melódico, fazendo uso de elementos de vários estilos (gótico, trip-hop, pop inglês). Os efeitos eletrônicos são bem colocados e tentam incrementar as bases instrumentais simples e a repetição de acordes presentes em todas as faixas, dando a impressão de que faltou criatividade ou sobrou preguiça na hora de compor. O vazio só não é maior por causa da ótima contribuição da única mulher do grupo, Anneke van Giersbergen. Com seu vocal etéreo, de momentos apoteóticos, ela preenche a lacuna deixada pelo instrumental, dando personalidade e coerência ao álbum. Os dois melhores momentos são "Amity" e "Saturnine", graças às melodias bonitas e fortes. O álbum fecha com a instrumental "Path Finder", uma viagem melancólica, no estilo trilha de filme, mostrando que a banda já sabe qual é o caminho para ser minimalista sem perder a qualidade, só não soube explorá-lo ainda.
Fabiana Batistela

Coisas de mulher

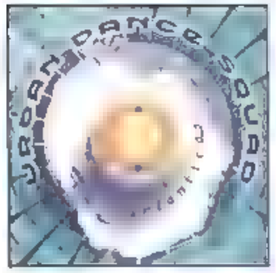
O que mudou depois de sua entrada na banda, em 1994?
Anneke van Giersbergen: Os dois vocalistas anteriores cantavam bem mais graves, e o som era mais death metal. Além do vocal, que mudou bastante, todos evoluíram musicalmente, começaram a ouvir outras coisas e o grupo passou a ficar mais leve e pop. A influência de vários estilos é fundamental. O metal está morrendo na Holanda porque não há mistura.

Além de ter uma bela voz, você também é muito bonita. Isso ajuda o Gathering?
Anneke: Sim, não vou negar. Mulheres chamam a atenção em qualquer tipo de banda. Geralmente, é o vocalista que aparece mais, mas queremos ser lembrados como um grupo. Claro que gosto de ter uma boa aparência, me maquio, me arrumo, essas coisas de garota, mas não quero crescer mais do que os outros integrantes.

VÁRIOS
Alta Fidelidade ⑧
Hollywood/Bagdá/Roque

Escalação de acordo com as preferências de Gordon

A trilha sonora de um filme sobre um cara [illegible] será uma mistura do gosto musical dessa figura. Por [illegible] de *Alta Fidelidade* ser totalmente [illegible] a personalidade de colecionador de discos Rob Gordon (interpretado por John Cusack na telona). O disco a ter descoberto dos no Brasil com músicas menos manjadas do [illegible] da do rock. Rock [illegible] seu amigo Dick [illegible] Bob Dylan [illegible] toria-pulsos "Most Of The [illegible]" e Stevie Wonder [illegible] tral "I Believe When I [illegible] Love It Will Be Forever". Dos anos 80 [illegible] eterno [illegible] Sexta-feira [illegible] Bel Biv DeVoe [illegible] Stimulah – na [illegible] sa. Le Bon! [illegible] Oscar" [illegible] [illegible] la a dica [illegible] [illegible] gas [illegible] [illegible] Kiss [illegible] Elvis [illegible] [illegible] grande [illegible] [illegible] de Love" [illegible] florida "Always See Your Face". Ainda tem [illegible] Costello, Velvet Underground e [illegible] grande achado Loud Blonde, "Old Time", do Smog. O grupo da Geórgia, um verdadeiro disfarce para as [illegible] com os [illegible] matico Bill Callahan, tem [illegible] os representantes do *lo-fi* [illegible] americano, que tem no Pavement [illegible] Guided By Voices seus dois maiores expoentes. Da sepultura mais [illegible] daqueles nomes que [illegible] e reconhecido por um [illegible] de discursidades. Uma pessoa [illegible] almente muito afiicionada. [illegible] sujeito tipo... Rob [illegible]
Carlos Marcelo



URBAN DANCE SQUAD
Artantica ⑦
Tapete IMPORTADO

Dois ressuscita a mistura explosiva do esquadrão

[illegible] *Persona Non Grata* [illegible] Dance Squad [illegible] pensar que o Dance Squad não existe mais é [illegible] a [illegible] uma [illegible] lojas. No entanto, a surpresa [illegible] veio em um [illegible] partir do [illegible] perdeu [illegible] no [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] bandas [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]

DELGADOS
The Great Eastern (B)
Chemikal Underground IMPORTADO
Escócia dá abrigo seguro para fãs do Radiohead

Um solo com bandas respeitadíssimas no elenco, três cultuados discos e vocação para fazer músicas belas e profundas. Esse é o patrimônio dos escoceses que atendem por Delgados. Depois de uma estréia boa, mas difundido entre a vontade de ser Pavement e fazer guitar rock on ice, o quarteto cometeu *Peloton* (com edição nacional), diamante que o transformou em gente no Reino Unido. E as canções extensas de *The Great Eastern* estão só esperando serem abraçadas pelo incauto fã de Radiohead.

Accused Of Stealing, com seus seis minutos divididos em três andamentos distintos é belo exemplo. Quem ainda dá valor a letras pode até chegar ao pranto com "American Trilogy". E o iniciado se encantará com os duetos vocais entre a doce Emma Pollock e Alun Woodward (melhor momento: "Thirteen Gliding Principles"). Conduzido por violinos em profusão e contando com a produção de Dave Fridmann (Flaming Lips), *The Great Eastern* é o disco de uma organização que ainda vai fazer muito barulho (ou sinfonia).
Jose Flávio Junior

SHELTER
When 20 Summers Pass (B)
Supersoul/Century Media
Pioneiros do estilo krishnacore mantem sua pregação

Pode-se dizer que *When 20 Summers Pass* seja uma biografia de Ray Cappo, o monge líder do Shelter. Sua banda surgiu em 1990, depois que ele fez uma peregrinação à Índia, onde seria introduzido à consciência de Krishna e a traduziria em versão hardcore. Agora Cappo, Porcel (aparecera de sete anos dos Youth Of Today, em 1980) no baixo e guitarras e Trey Files na bateria tentam dar forças a um grupo que possa ser uma das novidades em relação aos trabalhos anteriores, apenas mantendo nesses vigorosos sons nervosos voltados para o bem e mensagens positivas no estilo straight-edge. Destaque para a faixa-título, que sugere o amadurecimento de Cappo nesses 20 anos de estrada – a mesma estrada que vira tema em "In The Van Again" e "Song Of Brahma" sobre a vida dentro de uma van durante uma turnê –, e para "I Am A Rock", cover de Simon & Garfunkel. Uma atenção especial foi dedicada à faixa multimídia com história, vídeos e fotos. E tudo isso lançado por uma gravadora Hare Krishna (!)
Renato Yada

SLY & THE FAMILY STONE
Three Cream Crackers And A Dog Night (C)
Ninja Music
Falsas raridades compensam ausência do artista no país

Como não se encontra nada de um monstro do quilate de Sly & The Family Stone em catálogo no Brasil, este *Three Cream Crackers...* vem bem a calhar. Faz parte do pacote *Raridades Sonoras*, que engloba também gravações de Santana, Jimi Hendrix, Jackson Five e Jefferson Airplane. Não que o disco seja inédito (difíceis de achar, mesmo só as oito últimas músicas, rockinhos feitos em 1965, antes da estréia com o LP *A Whole New Thing*. As oito primeiras apareceram originalmente em *Back On The Right Track* (1979) e, depois, em *Remember Who You Are* (1994). São da fase decadente de Sly, já imerso nas drogas, sem o brilho (ops!) que o colocou como um dos artistas cruciais para a aceitação da música negra pelo sistema americano, com o sucesso "Dance To The Music" em 1968. Na época ele surpreendeu com sua mistura de funk e rock executada por pretos e brancos, homens e mulheres. Era o ideal da América igualitária em forma de som. Mas o sonho não durou muito. Depois de obras essenciais como *Stand!* (1969) e *There's A Riot Goin' On* (1972), Sly caiu na lama e dali não saiu. Isto fica bem claro aqui, a despeito dos ainda vigorosos balanços perpetrados pelo grupo ("Shine It On", "Sheer Energy", "The Same Thing" e "Remember Who You Are", seu último hit) e composições como "Family Affair" ou "Thank You", nunca mais.
Emerson Gasperin

Guitarras com 1001 utilidades

TAJ MAHAL
Kulanjan (B)
Hannibal

JOE SATRIANI
Engines of Creation (C)
Sony

STEVIE RAY VAUGHAN
Blues At Sunrise (B)
Sony

Digam tudo o que quiserem sobre as 1001 utilidades de uma guitarra ou violão, menos que estes instrumentos estão mortos ou esgotados. Três lançamentos recentes mostram caminhos absolutamente distintos que se pode percorrer a bordo de uma palheta. O primeiro deles é *Blues At Sunrise*, disco póstumo do genial Stevie Ray Vaughan. Ao lado do seu grupo, o Double Trouble, o blueseiro/roqueiro texano mostra mais uma vez o que sabe, em pérolas como "Leave My Girl Alone", "Dirty Pool" e "Ain't Gone 'N' Give Up On Love". Até aí, nenhuma novidade. O diferencial a favor do CD são as versões ao vivo – "Tin Pan Alley", inédita, com participação do guitarrista Johnny Copeland; "Texas Flood", apenas com a banda de Stevie; e "Blues At Sunrise", que conta com canja de seu autor, Albert King.

O veterano blueseiro americano Taj Mahal aparece em um projeto, *Kulanjan*, em que mostra com brilho sua mistura de Mississippi e Saara. Ao lado de músicos árabes, ele une o blues à música do deserto com uma naturalidade assustadora. Talvez por isso o bairro nova-iorquino onde nasceu tenha o nome árabe Harlem.

Por último, vem Joe Satriani e sua incursão pela música eletrônica, *Engines Of Creation*. Cansado de se repetir, ele se uniu ao gênio dos blimps e pzoings Eric Caud eux e colocou sua guitarra em meio às batidas jungle, drum'n' bass, techno, essas coisas. Em alguns momentos, a dupla consegue climas interessantes, mas, na maior parte do disco, o que se ouve é um trabalho de Satriani como todos os anteriores, apenas com o bate-estaca ao fundo.
***Bernardo Araujo ***

Taj Mahal: Mississippi e Saara em seis cordas

"David Bowie faz teatro, eu faço música"

Você ainda tem contato com os Rolling Stones (com quem gravou o especial de TV *Rock And Roll Circus*, em 1968)?
Taj Mahal: Sim. Mick Jagger, Keith Richards e Ron Wood costumam ir aos meus shows, quando passam por alguma cidade em que eu esteja tocando. Eles se portam como pessoas comuns, apesar do enorme sucesso. Mick e David Bowie são os maiores homens de negócios do rock.

Bowie? O que acha dele?
Mahal: Não gosto do seu trabalho. Ele faz teatro, eu faço música. Iggy Pop também é teatro, mas é um pouco mais *funky*.

Outros artistas, como Paul Simon e Ry Cooder, fundiram a música americana com ritmos de outros países.
Mahal: Gosto de Paul Simon, mas ele não conseguiu fazer com a música brasileira algo tão bom como fez com a africana. Fui ver o filme *Buena Vista Social Club* (*que mostra o encontro do guitarrista Ry Cooder com músicos cubanos*), mas aquilo não é novidade. Meu pai e meu avô já tocavam aquele tipo de som.

E os jovens astros do blues, como Jonny Lang e Kenny Wayne Shepherd?
Mahal: Eles nunca serão como B.B. King, pois não viveram o blues. Seu sucesso é movido pelo dinheiro das gravadoras, pelo marketing.
Helton Ribeiro

Artistas reunidos

TONI PLATÃO
Caligula Freejack (S)
Rock it!

Toni Platão é um cara legal. Cantava numa banda cult dos anos 80, o Hojerizah, e isso é legal. Visualmente, lembra uma Cássia Eller asseada, o que é tecnicamente legal. Canta com a voz empostada, a esta altura do campeonato, o que deixa tudo bem curioso. Manteve-se à margem da grande mídia durante os anos 90, diferentemente de seus colegas de geração, o que, sem dúvida, é muito legal. E agora vem com seu segundo disco-solo, *Caligula Freejack*. O que dizer? Bem, desde a operação salva-*Muvuca* que não se juntava tantos amigos de Regina Casé em torno de alguma causa. E o disco de Platão é o retrato sonoro deste "carioca inteligente" médio. É impressionante como esse povo faz questão de se mostrar "antenado", gravando compositores novos e talentosos como Frank Jorge (do extinto Graforréia Xilarmônica), gente subestimada como Fred 04 (mundo livre S/A), covers improváveis como "Canto De Ossanha" (Vinicius de Moraes e Baden Powell, misturando ritmos eletrônicos (que é sinônimo de modernidade, lembre-se disso), rock tradicional, flautinhas e orquestrinhas, frias invertidas e tal. Para você ver como esse mundo anda virado, no meu tempo eram os jornalistas que se mantinham informados sobre as novas tendências musicais, não os artistas. Mas até que *Caligula Freejack* é um disco simpático, agradável e feito com esmero – valorizado pela ótima produção de Dado Villa-Lobos. Algumas canções, como "O Que Você Quiser" e "Proteção", poderiam chegar a ter apelo radiofônico, caso todos os ouvintes de FM fossem fãs do Hojerizah. Se para você isso basta, então *Caligula Freejack* é um "platão" cheio.
Ricardo Alexandre

Ex-Hojerizah está sintonizado com as novidades musicais

E mais...

Nosso reptil secreto nao teve do e destruiu alguns lançamentos da combalida industria fonografica brasileira, destilando veneno para todos os lados. Segura!

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
SOULFLY (Roadrunner)	Precisa dizer?	Numa versão luxuosa do disco de estréia, com um CD de bônus, repleto de gravações ao vivo e remixes, dedicado a fãs e colecionadores.	Quem já se envergonhou ao ouvir "Umababarauma" no gogó de Max agora vai poder ficar mais corado com o remix da faixa.
[illegible] (WEA)	Sarah Sheeva, Nana Shara e Zabelê. Olhe para as delicadas carinhas delas e adivinhe a filiação	Numa estréia cheia de charme – e charms. Mais um pouco e viram as Salt'N Pepa brasileiras.	Claro! Esqueça o preconceito e descubra que elas têm muito mais sangue do que Fernanda Abreu.
[illegible] KILLER A'S (Roadrunner)	O destemido Anthrax, um dos primeiros grupos a unir peso com rap, via "Bring The Noise", junto com Chuck D, do Public Enemy.	Numa coletânea com várias amostras de quanto foram fundamentais para o metal atual: "I'm The Man", "I Am The Law", "Antisocial" etc.	Da até vontade de ressuscitar aquela velha frase: afaste a mesinha de centro da sala e prepare-se para pogar no sofá.
[illegible] (Universal)	A perturbada cantora americana Tracy Bonham, mais conhecida pelo hit "Mother, Mother"	Em seu segundo esforço, dando pinta que vai precisar lutar mais para conseguir que seu rockinho, ora pop, ora nervoso chegue a algum lugar.	Até Alanis Morissette faz melhor – além de ter um rosto menos equino
AS CANÇÕES DE EU, TU, ELES (Warner)	O multimídia Gilberto Gil, fazendo a trilha sonora do filme *Eu, Tu, Eles*, estrelado pela divertidíssima Regina Casé. Ela não é uma graça?	Num repertório de forrós, xotes e baiões, pois a película se passa no sertão nordestino.	É bom. Numa festa junina, regada a quentão, vinho quente, milho verde, curau, pipoca e cuscuz, este CD dá um beio caldo.
"DISTINTO, DIFERENTE" (Warner)	Os Afro Cuban All Stars.	Fazendo musica "coolbana".	Está na moda. Portanto, nem se atreva a falar mal na festa daquele seu amigo publicitário metido a bacana.
MAIS DEMÔNIOS DO QUE NUNCA (Trama)	A tradição do samba paulistano: Demônios Da Garoa.	Dando fino tratamento a históricas canções de Adoniran Barbosa.	Tem "Apaga O Fogo Mané", "Já Fui Uma Brasa", Tadinho Do Home", "Samba Italiano", ou seja, só clássicos, meu!
RESSURRECTION – GREATEST HITS (Roadrunner)	Os eternos góticos do The Mission, que se apresentaram no Brasil em junho.	Numa pretensa coletânea, que na verdade são releituras dos sons que fizeram a cabeça dos frequentadores da casa Madame Satã (SP).	Como porta-copos.
ACÚSTICO MTV (Abril Music)	O Capital Inicial, de Dinho Ouro Preto, Loro Jones, Fê e Flávio Lemos.	No mais rentável dos formatos. Você já percebeu que todo mês tem um disco acustico nesta seção de SHOWBIZZ?	Negar que "Tudo Que Vai" tem seu apelo é hipocrisia. O resto é "uápaparará, uaraóóóó, iéié", "lá, lá, lá, laruru, lá" , "tchuru, tchuru, tchuru"...

Stamp Rockwear

CAMISETAS OFICIAIS

ESTAMPAS DE ALTA QUALIDADE PAGUE AO RETIRAR

TEL : 0**11 6979 7344 FAX : 0**11 6979 5456

FRETE GRÁTIS
PROMOÇÃO ESPECIAL
VALIDA ATÉ 31/08/2000

slamp@uol.com.br

R$ 19,90 cada camiseta

TS 214 I. MAIDEN TS 204 I. MAIDEN TS 366 I. MAIDEN TS 385 I. MAIDEN TS 389 I. MAIDEN TS 422 MAIDEN

TS 436 I. MAIDEN TS 439 I. MAIDEN TS 446 I. MAIDEN TS 447 I. MAIDEN TS 228 L. ZEPPELIN TS 231 L. ZEPPELIN TS 261 L. ZEPPELIN TS 326 L. ZEPPELIN TS 330 L. ZEPPELIN

TS 441 L. ZEPPELIN TS 449 TWIST SISTER TS 346 RAMONES TS 412 RAMONES TS 228 RAMONES TS 448 RAMONES TS 450 RAMONES TS 325 SLAYER TS 381 SLAYER

TS 424 SLAYER TS 431 SLAYER TS 440 SLAYER TS 445 SLAYER TS 204 PINK FLOYD TS 227 PINK FLOYD TS 339 PINK FLOYD TS 210 PANTERA TS 413 PANTERA

TS 442 PANTERA TS 444 PANTERA TS 252 SEPULTURA TS 383 SEPULTURA TS 402 SEPULTURA TS 443 SEPULTURA TS 426 J. MENJIBE TS 393 M. MANSON TS 423 M. MANSON

TS 328 M. MANSON TS 376 SOULFLY TS 435 ANGRA TS 321 RATOS TS 312 RATOS TS 342 F. KRUEGER TS 409 JASON TS 434 CRAD. FILTH TS 407 CRAD. FILTH

REF	TAM	REF	TAM	REF	TAM

NOME

END

CEP CID EST

TEL

DESCONTO PARA REVENDEDORES

JULHO/00

LONDON CALLING

CDs - VHS - DVDs

Tel./Fax. (0xx11) 223-5300

londoncl@uol.com.br

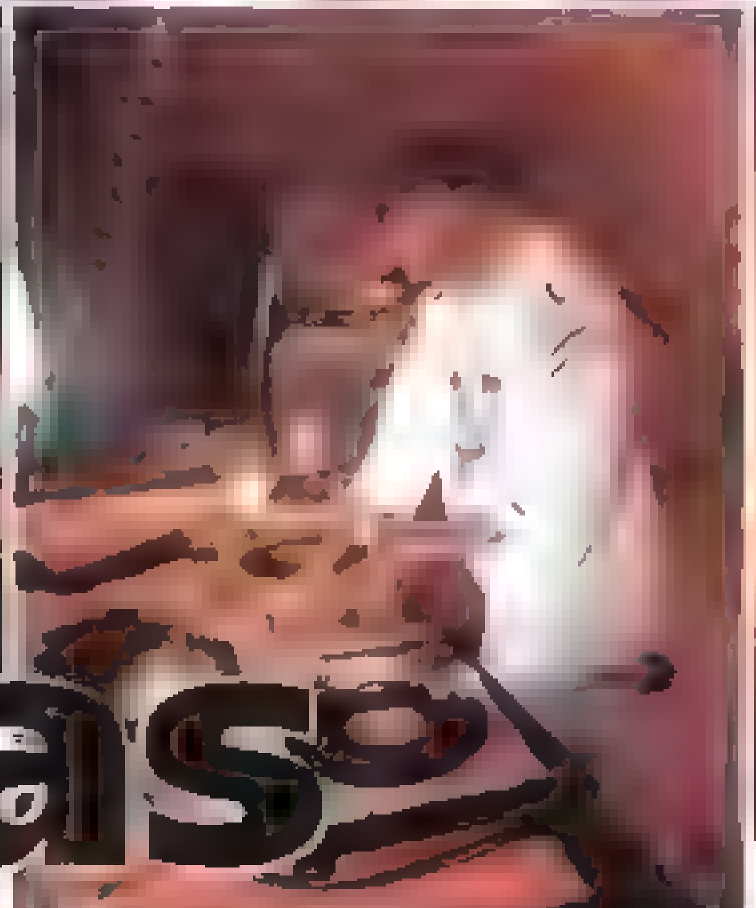
A mais completa em novidades e raridades.

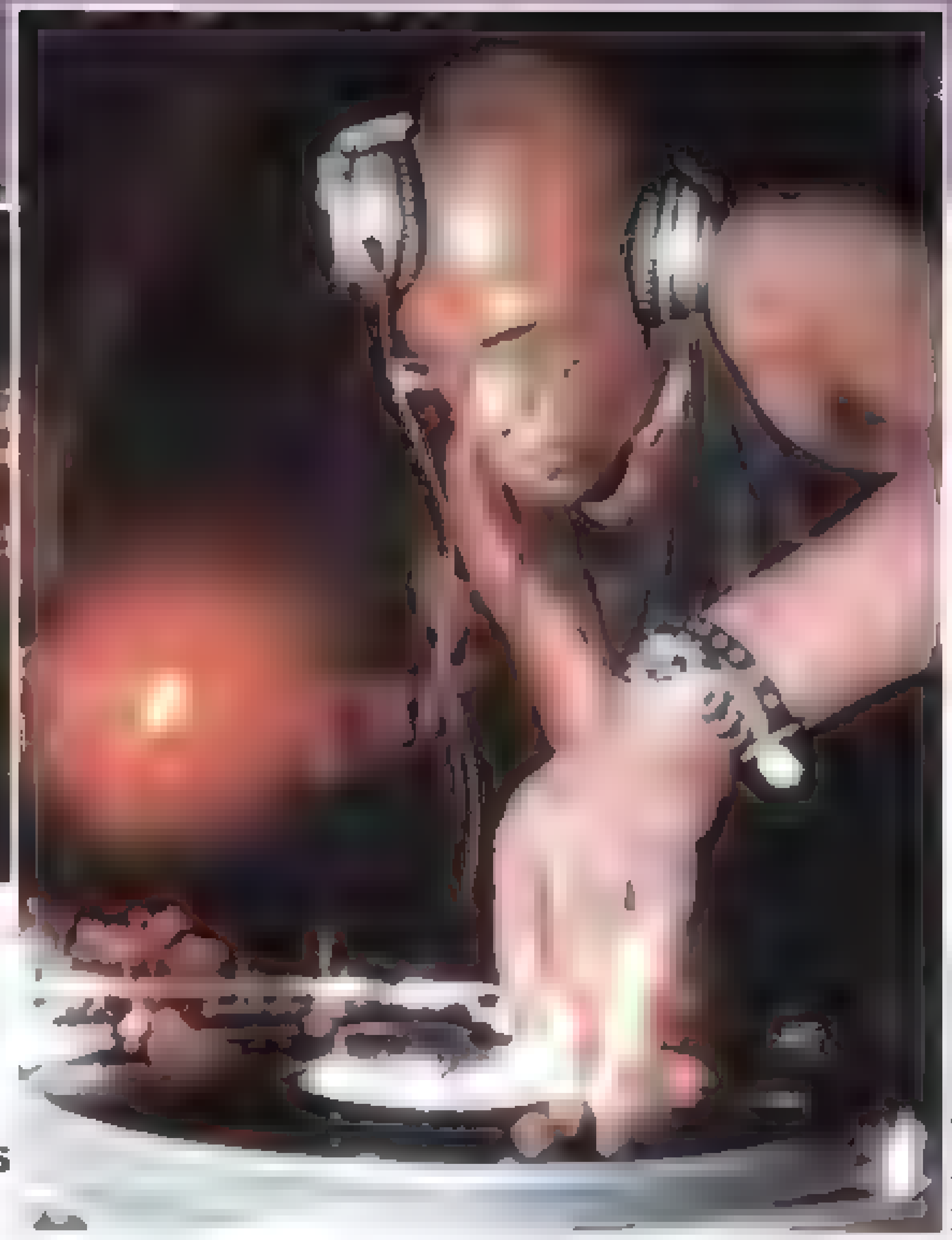
Sempre os ultimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão.

ROCK-POP DOS 60 A 2000 EM TODOS OS ESTILOS.

ENVIAMOS PARA TODO PAÍS ACEITAMOS CARTÃO.

Rua 24 de Maio, 116
Rua Alta - Loja 15
01041-000 - São Paulo SP
www.londoncalling.com.br





Batidas na pista do autódromo

O povo suando sem saber quem tocava; Marky esmerilhando tudo; a visão do lado oposto à entrada; e Fabio mandando mais um grave sideral (*da esq. para a dir.*)

Interlagos ferveu, e não foi por descuido de Barrichello. Colisões (de estilos) quebras (de ritmos) e ultrapassagens (de consciência) dominaram o maior evento de música eletrônica já feito no Brasil. Pit stop, só pela manhã...

Skol Beats

Autódromo de Interlagos, São Paulo (SP), 10/6

Todas aquelas incômodas questões formais – uma rave é um show? um DJ é um artista? o Skol Beats é o quê? – desapareceram na hora em que a curva do [illegible] vencida e deu para avistar a cara do maior evento ligado à música eletrônica que este país já teve. Lá em baixo, quatro grandes tendas com o volume no talo, cercadas de barraquinhas de comida e bebida. As atrações, em vez de bandas, eram figuras que fazem do toca-discos o seu instrumento. Dê a isso o nome que quiser – você vai ver a turba gem que é, como Raul [illegible] ter aquela velha opinião formada sobre tudo.

Aposto que, para a maioria [illegible], pouco importava se o Skol Beats era festival, rave ou show. A publicidade vendeu direitinho o negócio. "Téchino", "[illegible]se", "drumenbase" [illegible] faz saber diferenciá-los: com som alto e iluminação estimulante, mais uma mínima disposição para aproveitar o momento sem pré-conceitos, a festa está pronta. E olha que os [illegible]egos mostrados na propaganda tinham o visual de roqueiro, caindo na fervação com cerveja na cabeça. A realidade reproduziu o marketing e o (e agora, chamo isso de quê?), vá lá, festival, foi invadido por um público estreante em... raves.

Uma rave é assim, só que em menores proporções. Enjoou de um som, procura outro. Encheu o saco, vai dar um rolê, curtir o ambiente, que nem parece que você está em (ou tão perto de) São Paulo. O didatismo dos promotores não parava por aí. Na entrada, ganhava-se um cartão com a escalação das tendas, divididas por estilo. Calouros passeavam entre elas [illegible] do entender o que se passava. Juro que ouvi uns "house lembra música de discoteca", "tecno é um *poperô* pesadão", "o trance está sempre cheio", "quero ir no drum'n'bass ver o DJ Marky".

Na teoria, os iniciados – que formavam apenas mais uma tribo dentro do espectro geral da festa – usariam o brinde da organização de uma forma mais profissa: para saber a hora em que fulano ia tocar em determinada tenda e fazer sua programação pessoal de acordo com seu gênero predileto e a fama do DJ. Na prática, aconteceu uma das coisas mais legais desse papo todo de música eletrônica: medalhões e desconhecidos colocados em igualdade de condições, tendo de mostrar serviço para lotar a pista. Só pelo nome, meu amigo, ali ninguém se criava. Ainda mais porque saber quem comanda das picapes é detalhe irrelevante.

TREMEDEIRA NAS PERNAS

Eu, que estava a trabalho, inocentemente tratei logo de fazer minha listinha, baseada em suposto interesse jornalístico – a saber, o currículo de cada um dos convidados. Mas certos hábitos são difíceis de serem mudados, ainda mais na minha idade. Um deles é não sair para o crime antes da meia-noite. Honrando a tradição perdi um monte de DJs, já que o Skol Beats começou às 4 horas da tarde. Sorte que sou um cara precavido e arrumei um informante. Ele me disse que Paul Oakenfold (22h30), o melhor do mundo, não empolgou muito com seu trance.

Falou também que Westbam, sócio fundador da Love Parade de Berlim, teve ataque de estrelismo (sim, no tecno tem disso) e não queria tocar no horário reservado para ele, 21h30. Camilo Rocha, anteriormente convocado para finalizar às 7h, assumiu no lugar do astro, que se apresentou em seguida e empurrou os [illegible]egas para mais tarde. Inteirado do panorama, saí a campo. Optei por Frankie Knuckles, de house. Menos da metade da pista preenchida para prestigiar um dos pioneiros do estilo, há 20 anos envolvido [illegible].

Pelo set dele, notei que os brasileiros querem ser mais [illegible] da onda. Enquanto os gringos rolam as músicas com efeito [illegible] independente de elas serem velhas ou não, os nacionais, modernos, estão sempre em busca da última novidade para [illegible] seus [illegible]ses. Deixei as divagações [illegible] no drum'n'bass. Com a tenda de tecno ficava no caminho, [illegible] da nela Green Velvet, de Chicago (EUA) [illegible] produzia uma barulheira dos diabos, que deve ter feito muita gente torcer o pé pulando no terreno irregular, [illegible] meio das curvas do autódromo.

Nem deu muito tempo para eu me [illegible]riscar, porque a correria indicava que Patife preparava-se para começar. Foi um bolo. De repente, uma pane na iluminação da tenda de drum'n'bass deixou apenas o som funcionando, as pessoas [illegible]do na escuridão. Não lembro se isso aconteceu quando o inglês Fabio já comandava as picapes. Só sei que estava [illegible]. Os baixos, de tão graves, provocavam tremedeira nas pernas. Prometi a mim mesmo ir ao [illegible] quando terminasse aquela música. Santa ingenuidade: uma hora depois, eu [illegible] se estava dançando a primeira ou se já tinha passado para outra [illegible], entre na fila da casinha.

DIVERSÃO E ESCAPISMO

A partir daí, parei pelo tecno e drum'n'bass, com eventuais [illegible] ao house. Nessa brincadeira, devo ter andado uns 5 quilômetros pelo asfalto de Interlagos. Mau Mau quebrava tudo ali, Marky botava o povo para perder mais calorias do que numa lambaeróbica aqui, e Armand Van Helden (outra lenda) recebia o menor público dos três. Fiquei satisfeito em constatar que acertei na previsão feita no início da noite, de que status [illegible] de quase nada em música eletrônica. Acredito que estou começando a entender esse lance.

P** que pariu, o Skol Beats está acabando e não entrei na tenda de trance! Ah, não vou. De volta ao drum'n'bass, o pequeno palco reservado aos DJs transformou-se na maior concentração de [illegible] por metro quadrado do festival. Pela programação, era a vez de Randall. Amanheceu e estava [illegible] não [illegible] para arrumar uma desculpa e ir para casa pegar uma horizontal. As pernas da PM perambulavam na pista, procurando não imagino o quê. O álibi perfeito – afinal, não consigo me divertir com gente fardada por perto.

No táxi (ir a trabalho tem dessas vantagens), fiquei pensando no que acabara de presenciar. E, para não perder o costume, uma nova leva de dúvidas surgiu para embaralhar minha fragmentada lógica. O Skol Beats vai conseguir popularizar os sons digitais? Será que as cerca de 20 mil pessoas que compareceram ao festival viraram fãs de tecno? O rock morreu. Sei lá, e f*-se. Música para diversão e escapismo, sem mensagens nem pôsteres na parede. Eletrônica é isso. E o Guga que me perdoe, mas só vou saber se ele foi campeão nas mesas-redondas esportivas que fecham a noite de domingo.

Emerson Gasperin

O vocalista Rob Thomas, que virou o queridinho da imprensa americana depois de cantar "Smooth" com Santana, agora tenta obter a mesma recepção com *Mad Season*, novo trabalho de sua banda (capa no detalhe)

Sem comover os maurícios

Matchbox Twenty
Willshire Ebell Theatre, Los Angeles (EUA), 6/6

O quinteto americano Matchbox Twenty pode não ser lá muito original, mas pelo menos é fiel à sua identidade. Ao contrário de bandas como Creed, Silverchair e Stone Temple Pilots – cujos membros adoram heavy metal escondidamente, mas vestem-se como um bando de mauricinhos para aparecerem na mídia –, o grupo do vocalista Rob Thomas toca um rock suave, melódico e inofensivo que faz jus nos cabelos bem cortados, sapatos caros e camisas sociais. Para promover seu segundo disco, *Mad Season*, e aquecer-se para sua grande turnê mundial, o grupo percorreu os Estados Unidos tocando em pequenos teatros.

Os ocasionais berros femininos comprovaram o simbolismo sexual de Thomas, que virou queridinho da imprensa americana após emplacar o hit "Smooth" com o guitarrista Carlos Santana. Vocalista carismático, ele soube comunicar-se com o público neste show, segurando seu microfone com aquela pose de rockstar. As veias realçadas em seu rosto mostraram a emoção com que ele cantou suas músicas. Seus companheiros de estrada – Kyle Cook (guitarra), Adam Gaynor (guitarra), Brian Yale (baixo) e Paul Doucette (bateria) – marcaram também ótima presença, porém mais pela musicalidade do que pela performance.

O problema, infelizmente, foi o público. O quinteto deu claramente tudo de si no palco, mas os maurícios e as patrícias presentes preferiram manter suas bundas nos assentos. As músicas do disco novo, como "Bent", "Crutch" e a faixa-título, provocaram pouca reação. Só durante os sucessos de *Yourself Or Someone Like You*, primeiro álbum do Matchbox Twenty, é que se viu alguma animação.

A verdade é que hoje o público nos Estados Unidos é fã de hits, não de bandas. Se as rádios americanas esquecerem as canções de *Mad Season*, o Matchbox Twenty terá o destino triste, infeliz e acabado de bandas como Spin Doctors, Chumbawamba e Soul Asylum.

Daniel Oliveira

VALEU, GAROTAS!
Atrevida Hot já é um sucesso.
E o mérito é todo de vocês.

www.atrevidahot.com.br

EDITORA SÍMBOLO

Lindos, bonitos e "joiados"

Nacional

"Nunca imaginávamos ter o retorno que temos hoje. Nosso público é fiel pelo que falamos, e não porque acham o (*vocalista*) Falcão bonito", afirmou o baterista do Rappa, Yuka, em entrevista para SHOWBIZZ. Verdade ou não, a banda subiu três posições e, aparentemente, não vai parar por aí. Melhor para as causas sociais que eles apoiam, que ficam com 5% de tudo o que eles ganham com *Lado B Lado A*. E parabéns ao Skank, que estréia na parada já em cima do pódio com o primeiro single do novo trabalho, *Maquinarama*.

Internacional

A parada internacional esta farta de rostinhos bonitos, símbolos sexuais e pretendentes a. Começa com os três fofos do Hanson na segunda posição, subindo 11 degraus em relação ao mês passado, e os libidinosos Chili Peppers logo atrás. Silverchair, Pearl Jam, Bon Jovi, Savage Garden e Bush garantem seus belos líderes/vocalistas. O maduro Tom Jones (bem... há quem goste), continua firme e forte com sua "Sexbomb". E, finalmente, as apetitosas Shakira, Melanie C e Madonna fazem a alegria da sábia macharada brasileira.

		mês anterior
1º	"Pensando Em Você" / Mauricio Manieri	1º
2º	"Três Lados" / Skank	•
3º	"Primavera" / Los Hermanos	5º
4º	"Me Deixa" / O Rappa	7º
5º	"Papo De Jacaré" / P.O. Box	2º
6º	"Bem Querer" / Mauricio Manieri	4º
7º	"Seja Como For" / Vinny	18º
8º	"Depois Da Chuva" / Marcelo Bonfá	13º
9º	"Tudo Que Vai" / Capital Inicial	•
10º	"Pula" / Tihuana	19º
11º	"Demorô" / Hannah Lima	•
12º	"Não Tô Entendendo" / P.O. Box	•
13º	"Escuta Aqui" / Biquini Cavadão	10º
14º	"Tô Vazando" / Gabriel O Pensador	•
15º	"Amor De Verdade" / Paulo Ricardo	8º
16º	"Te Encontrar De Novo" / Vinny	6º
17º	"Quando O Sol Bater Na Janela..." / Barão Vermelho	17º
18º	"Anna Júlia" / Los Hermanos	3º
19º	"Fale Mal De Mim" / Autoramas	•
20º	"Me Lambe" / Raimundos	16º

		mês anterior
1º	"El Arbi" / Khaled	1º
2º	"If Only" / Hanson	13º
3º	"Otherside" / Red Hot Chili Peppers	2º
4º	"The Bad Touch" / Bloodhound Gang	20º
5º	"Maria Maria" / Santana com Wyclef Jean	10º
6º	"Miss You Love" / Silverchair	3º
7º	"Ojos Asi" / Shakira	6º
8º	"Nothing As It Seems" / Pearl Jam	19º
9º	"It's My Life" / Bon Jovi	7º
10º	"Crash And Burn" / Savage Garden	•
11º	"Sexbomb" / Tom Jones com Mousse T	14º
12º	"All The Small Things" / Blink 182	8º
13º	"Never Be The Same Again" / Melanie C	•
14º	"Smooth" / Santana com Rob Thomas	5º
15º	"American Pie" / Madonna	11º
16º	"Sundown" / Elwood	•
17º	"Letting The Cables Sleep" / Bush	•
18º	"Don't Say You Love Me" / M2M	•
19º	"Simarik" / Tarkan	4º
20º	"With Arms Wide Open" / Creed	•

Crowley

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Auditoria das músicas mais ouvidas em 12 radios FM do Rio de Janeiro e 12 radios FM de São Paulo, no período de 1º a 31 de maio de 2000. Os dados de audiência horária de cada estação de rádio são fornecidos pelo Ibope. CBAB – Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Proibida a reprodução sem autorização da CBAB

• estréia

EntreLeitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo – SP, e-mail: showbizz@simbolo.com.br

CORRESPONDÊNCIA

Bad Religion: Marcelo Rodrigues – Rua Silvio Pasin, 10 – São Bernardo do Campo, SP – CEP 09811-345

Blink 182: Andréia Amaro – Rua Cap. Roberto F. Maldos, 202 – São José dos Campos, SP – CEP 12209-480 – E-mail: offspring_punkgirl@bol.com.br

Bon Jovi: Renato Alvares – Rua Dom Pedro II, 1761 – Ribeirão Preto, SP – CEP 14085-580

Bush: Roberto Mello – Rua Almirante Barroso, Quadra 17, Lote 10 – Goiânia, GO – CEP 74850-330

Charlie Brown Jr.: Kizzy Snitman – Rua Maria do Socorro Fonseca de Santana, 41 – João Pessoa, PB – CEP 58080-670

Cris Cornell: Monique Bastos – Rua Dinamarca, 304, ap. 34 – São Bernardo do Campo, SP – CEP 09668-000

Fabulosos Cadillacs: Flavia Santos – QNL 01, bl. F, casa 02 – Brasília, DF – CEP 72150-010

Foo Fighters: Flávio G. dos Santos – Rua Valentin Bussnelo, 18 – Itapecerica da Serra, SP – CEP 06850-000

Iron Maiden: Luciano Holzschuh – Rua Nossa Senhora do Carmo, 478 – Alegrete, RS – CEP 97541-410

Jesus & Mary Chain: Wesley Moreira – QR 502, Conjunto 18, casa 21 – Samambaia, DF – CEP 72330-020

Kiss: Marcelo Moreli – Rua Patagônia, 299 – Santo André, SP – CEP 09270-080

Korn: Vanessa Paulini – Rua Uruçuca, 151 – Tatuapé – São Paulo, SP – CEP 03412-080

Melanie C: Leonardo Marcos de Barros – Rua João de Medeiros, 192 – Guarulhos, SP – CEP 07197-010

Michael Jackson: Lucivania Alcanfôr – Rua Dr. João Tomé, 853 – Crateús, CE – CEP 63700-000

Mr. Big: Renata Fortes – Rua Duque de Caxias, 1434/61 – Porto Alegre, RS – CEP 90010-281

My Bloody Valentine: Walker Araujo – Rua Antônio Ramos Rosa, 113 – São Paulo, SP – CEP 05822-010

Ozzy Osbourne: Sarah Alencar – Rua Caem, 59 – São Paulo, SP – CEP 03816-080

Candida e Jarvis, do Pulp

Pulp e Monkees: Nicolo Valverde – Rua Antonio Monteiro da Cruz, 212 – Vicunha de Carvalho, SP – CEP 11462-310

Pearl Jam: Paulo de Tarso Marques – Rua Bezerra de Menezes, 2381, ap. 402 – Fortaleza, CE – CEP 60325-004

Pin Ups e L7: Kate G. de Souza – Estrada das Veredas, 99 – São Paulo, SP – CEP 06833-080

Raul Seixas: Dênis Carvalho – Rua João Paulo I, 265 – Porto Real, RJ – CEP 27570-000

Rock Alternativo: Ana Paula Azzolini – Rua Jibagi, 36 – Jundiaí, SP – CEP 13210-041

Sex Pistols: Michel Luiz Rebelo – Rua Rogério Gissone, 480 – Ouro Fino, MG – CEP 37570-000

Silverchair: Luiza Passos – Rua Ouro Branco, 367/201 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21321-560

Sinead O'Connor: Márcio Barros – Rua José Sinimbu, 251 – Teresina, PI – CEP 64055-170

Sonic Youth e Portishead: Rodrigo Vieira – Quadra 76, casa 20, Tancredo Neves – Santa Maria, RS – CEP 97015-123

Sugarcubes: Ton Coelho – QRSW 08, bloco A5, ap. 106 – Brasília, DF – CEP 70675-805 – E-mail: furao10@unb.br

U2: Renata Cristina da Silva – Rua Benedito Boaventura, 334 – Guarujá, SP – CEP 11431-190 – E-mail: oasis.re@terra.com.br

FÃS-CLUBES

Aerosmith: *Aero Force One Second Fan Clube In Brazil* – Rua Antônio V. Zanutto, 100 – Maringa, PR – CEP 87010-100

Gene Vicent: *Gene Vicent Official Fan Club* – Rua Jambolões, 4632 – Parque Pinhais – Franca, SP – CEP 14405-616 – Tel. (16) 724-5801

Ira!: *IraNet! Fã-Clube Oficial* – Rua 7 de Abril, 118, 11º andar, sala 1101 – São Paulo, SP – CEP 01044-000 – Site: www.iranet.cjb.net

Raimundos: *Official Web Fan Club* – Caixa Postal 253 – Brasília, DF – CEP 70359-970 – Site: www.rockdemo.com/raimundos

FANZINES

Punk rock: *Aviso Final* – Caixa Postal 1035 – São Caetano do Sul, SP – CEP 09561-970 – E-mail: avisofinal@cebinet.com.br

Cultura alternativa: *Scream & Yell* – Quadra N, 110, CECAP – Taubaté, SP – CEP 12043-060 – E-mail: screamyell@hotmail.com

Cultura pop: *Mix Fanzine* – Conjunto Panorama XXI, Qd. 35 05 – Belém, PA – CEP 66625-240 – E-mail: contato@amazonlink.com.br

As regras para colocar um anúncio aqui:
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar 40 palavras.
Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

A demo que foi para valer

Registro descompromissado acabou virando a estréia do ex-baterista da Blitz

Em sete dias e cercado de camaradas, o cantor registrou seus primeiros passos-solo

Fernando Serra

Cena De Cinema
Lobão

Em 1981, Lobão era apenas um baterista. Fazia parte de um grupo, Blitz, e ganhava como músico profissional tocando com uma jovem cantora (Marina) e com a banda Gang 90, que tinha recém-despontado para o Brasil num festival de... MPB. Lembrando hoje, ele compara: "O rock brasileiro era uma viagem na maionese". Lobão compunha sem grandes pretensões, nunca havia pisado num palco como artista-solo e sequer imaginava como sua voz soaria gravada. Não tinha nem mesmo uma guitarra decente – precisou comprar uma Rickenbaker de Zé da Gaita para encarar a história.

Foi assim, na aventura, que ele entrou num estúdio carioca de oito canais para gravar, em sete dias, uma demo. Ação entre amigos: o parceiro Bernardo Vilhena, semiconhecido no Rio como poeta "marginal", Lulu Santos e Ritchie – velhos colegas dos tempos de Vimana –, o guitarrista Ricardo Barreto, o baixista Antonio Pedro e o tecladista William Forghieri, companheiros nas gigs com Marina, mais a própria Marina. Inácio Machado, outro camarada, pagou a conta. Entre os solos e as partes de guitarra de Lulu ("Squizotérica") estão algumas das jóias do pop nacional dos anos 80. Lobão levou a coisa a sério: na hora de gravar os vocais de apoio da música-título, expulsou o inglês Jim Capaldi (ex-baterista do Traffic, casado com brasileira e figura fácil no Rio, na época) aos gritos de "sai daqui, xô!". Motivo: o gringo queria entrar de bicão no coro duramente ensaiado.

Infelizmente, esse clássico só pôde ser ouvido mais de um ano depois, quando entrou na programação da rádio Fluminense FM. O trabalho na Blitz estava decolando, mas a banda não queria gravar as músicas de Lobão. O baterista, que havia sugerido a entrada de cantoras, pensando numa coisa "meio Frank Zappa", andava decepcionado com "as vocalistas esganiçadas" e com os "novos rumos iê-iê-iê". Levou a fita de *Cena De Cinema* e uma revista *Isto É* com foto da Blitz na capa para uma reunião na RCA e pronto: não precisava gravar mais nada, aquela demo iria valer como disco.

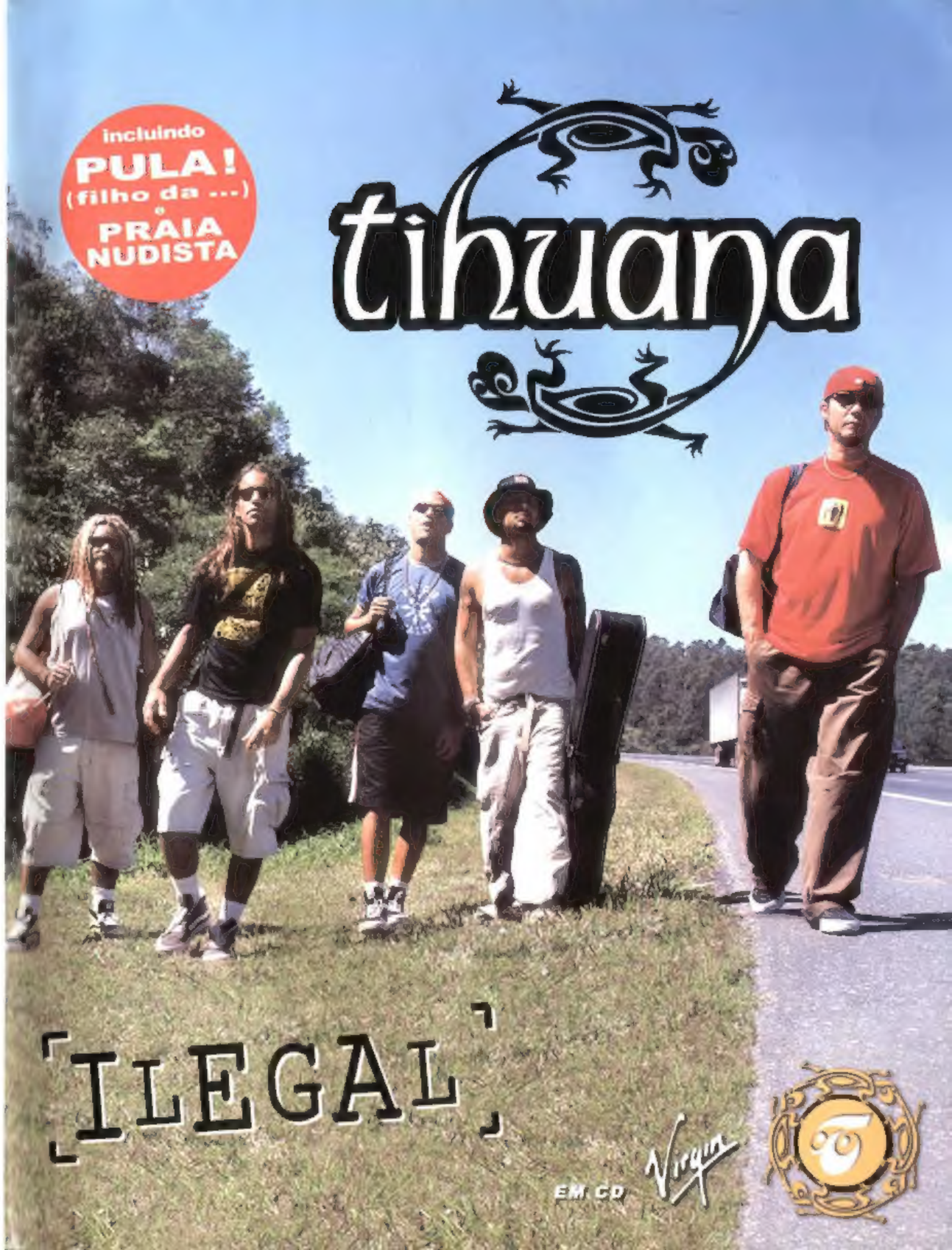
A criatividade e espontaneidade presentes compensavam a precariedade técnica. A bateria, inusitadamente deixada para o final, foi gravada nos últimos 40 minutos do horário de estúdio. Marcelo Sussekind, que tocou baixo e trabalhou como técnico nas sessões, teve de registrar no esquema "o que foi, foi". Com verve malandra Zona Sul (gatas, baganas manchadas de batom), bom humor e jovialidade, o repertório que foi sucesso no Circo Voador em históricos shows em 1983 ainda é relevante, acima de nostalgias barrigudas pelo sabor *néive* dos sintetizadores.

Pedro Só

Performance

Lançamento: dezembro de 1982
Produção: Lobão e Bernardo Vilhena (com Marcelo Sussekind como engenheiro de gravação)
Músicas: "Cena De Cinema" • "Amor De Retrovisor" • "Love Pras Dez" • "O Homem Baile" • "Doce Da Vida" • "Stopim" • "Squizotérica" • "Sem Chance" • "Scaramuça" • "Robô, Roboa"

O disco foi um fracasso de vendas, apesar de a faixa-título ter tocado razoavelmente nas FMs. Quando algumas rádios acordaram para a balada "Doce Da Vida", o LP já não existia nas lojas. Lobão havia brigado com a RCA (atual BMG) – e quebrado tudo na sala do presidente da gravadora, Hélcio do Carmo –, que o deixou na geladeira durante um ano. "A RCA na época se definia como 'a casa do samba', havia uma animosidade contra meu trabalho. Os divulgadores me cumprimentavam assim: 'qualé, playboy?'. Só fui gravar o segundo disco quando a diretoria caiu; nesse tempo voltei a trabalhar como músico contratado", conta Lobão. *Cena de Cinema* chegou a ser lançado em CD, no começo dos anos 90, mas está há muito fora de catálogo. Na coletânea da série *Focus*, lançada ano passado pela BMG, aparecem apenas duas das faixas, "Cena De Cinema" e "Amor De Retrovisor".



Melhor que isso só dois disso.

Série Bis. 2 CDs PELO PREÇO DE 1,

com os maiores sucessos dos maiores nomes da música brasileira.

50 TÍTULOS REMASTERIZADOS COM 28 SUCESSOS INESQUECÍVEIS POR ÁLBUM.

Raul Seixas, Renato Russo, Exaltasamba, Djavan, Negritude Junior, Reginaldo Rossi, The Fevers, Chitãozinho e Xororó, Cleiton e Camargo, Edson Gomes, Gonzaguinha, Alceu Valença, Altemar Dutra, Maria Bethânia, 14 Bis, Guilherme Arantes, Agnaldo Timóteo, Beto Guedes, Luiz Melodia, Moraes Moreira, Blitz, Demônios da Garoa, Flávio Venturini, Leila Pinheiro, Paulinho da Viola, Clara Nunes, Fernando Mendes, José Augusto, Nana Caymmi, Taiguara, Adoniran Barbosa, Kiko Zambianchi, Simone, Ivan Lins, Lô Borges, Trio Irakitan, Dolores Duran, Paulinho Moska, Paulo Diniz, Elymar Santos, Anísio Silva, Dalva de Oliveira, Odair José, Orlando Dias, Jammil e Uma Noites.

E AINDA: O MELHOR DO FORRÓ, SAMBA, SERTANEJO, É SÓ ALEGRIA (MÚSICA DIVERTIDA) E POPULAR.

BIS EMI